

REVISTA DA SEMANA

N.º 31



Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

31-7-48



NINGUEM DIZ...
MAS JÁ PASSEI
dos
50!

CLARIM - M - 14

São estes os resultados do uso constante da Quina Petroleo Malibú! Cabelos permanentemente jovens, higiene perfeita do couro cabeludo, sem caspa e sem calvície! Quina Petroleo Malibú é, realmente, um fator de rejuvenescimento! Faça, também, uso deste notável tônico capilar e SEJA DOS QUE FICARÃO NOS 50!



Malibú
quina petroleo



Uma aplicação diária, após o banho, produz resultados estupendos!... porque a Quina Petroleo Malibú contém pilocarpina.

A VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÓAS CASAS DO RAMO

O homem e o automóvel

ANTIGAMENTE, o símbolo da prosperidade pessoal era traduzido de formas as mais estentosas possíveis, numa sobrecarga de jóias e adornos, que muitas vezes tornavam os homens mais ridículos do que realmente são. Deixando as cabeleiras empoeiradas, os calções de seda, os casacos de veludo e de rendas do século XVIII, — de uma época em que ainda não se conhecia a Declaração dos Direitos do Homem, — os cidadãos passaram a se vestir de modo mais discreto, embora renegassem a simplicidade agressiva dos "sans-culotte". Vieram, então, as austeras sobrecasacas, que depois da abolição da escravatura e do regime monárquico, se converteram nos fraques senatoriais e burocráticos indispensáveis aos chefes de repartições e aos representantes da autoridade pública. Com o advento do comunismo na Rússia, novas modificações foram introduzidas na indumentária masculina. O fraque desapareceu, como por encanto. Sumiu, eclipsou-se, — e hoje só é visto nuns raros casamentos e em esta ou aquela corrida do Jockey Club, a que comparecem visitantes ilustres, Truman ou Eisenhower, George Marshall ou Alexander. A essa simplificação do vestuário, correspondeu também a simplificação dos adornos masculinos. O que era chique no coronel de outrora, ou no ilustre comendador de nossa praça, — o grosso anelão cravejado de pedras preciosas, ou relógio Pateck Philippe, enorme, rutilante, preso a uma grossa cadeia de ouro e platina, e mesmo aos anéis de graus, desapareceu da bacharelícia indígena e de médicos sem clientes, encostados no funcionalismo municipal e federal, de alfinetes de gravata escandalosos e caros, presos por baixo a pegalhões prudentíssimos, foram cedendo lugar a coisas bem mais discretas, — a simples relógios-pulseiras, a blusões esportivos e, sobretudo, ao automóvel particular, que, — este, sim, — se transformou no verdadeiro símbolo da prosperidade do homem dos nossos dias.

★

Quando alguém afirma, — "Fulano está bem de vida", — é praxe perguntar-se logo: — "Quantos automóveis tem ele?" Porque, quem está próspero, tem o dever de ser chique e quem é chique não pode deixar de ter três ou quatro automóveis, pelo menos. Automóveis de marcas e cores diferentes, feitos para combinar com os ternos, os dias da semana, as gravatas ou o estado de espírito do feliz possuidor. E' essa, hoje, em dia, a medida do sucesso. A ter uma casa, uma biblioteca, outra coisa qualquer, é preferível ter um automóvel, — não um desses automóveis ridículos, minúsculos, que desaparecem sob a fumaça da descarga de um ônibus como uma pulga sob a unha implacável de uma mulher, — mas um desses carros longos, bonitos, aerodinâmicos, cujas linhas infundem respeito e cuja pintura a duco brilha ao sol. Porque, quem tem uma casa, não pode exibí-la pelas ruas, como se exibe um automóvel. Quem tem uma biblioteca, só pode mostrá-la a quem gosta de livros, a um ou outro bibliófilo indulgente, às raras pessoas que lhe aparecem em casa nestes dias apressados, em que não se tem tempo para visitas. O automóvel, não. Sob o pretexto de nos locomovermos, de termos que ir para o emprego, podemos passar no nariz dos amigos o nosso atestado de prosperidade... Ainda que, às vezes, fazendo das tripas coração... Seria infinitamente mais prático se os bancos fornecessem extratos de nossas contas bancárias, autenticados, sob a forma de pequenos emblemas, que poderíamos trazer à lapela, como o distintivo rotariano, como a roseta de uma condecoração, como o símbolo de um clube social ou esportivo qualquer. Mas isso não entrou na boa prática da sociedade. Não é considerado decente ou consentâneo. Assim, prevalece, ainda, e prevalecerá por muitos anos vindouros, a documentação da prosperidade através do carro particular. Comodista e pronto, sou francamente do taxi. Mas, se um dia vencer e puder ter no dinheiro acumulado a medida do meu sucesso, vejo que não terei outro recurso senão o de resignar-me e ceder...

★

Um dos meus amigos, dominado por um invencível complexo de inferioridade, embora fizesse excelentes negócios e tivesse a vida em ordem, resolveu comprar automóvel, porque, tornando-se proprietário de um desses veículos, seu "ego" ficaria satisfeito com o mundo, esse mundo hostil e indiferente, saberia que ele não era mais um "pronto"... Comprou, afinal, o seu carro. Comprou-o em uma cidade do interior, onde um de seus parentes tinha uma agência e deu-lhe descontos especiais. Foi buscar o carro. Um desastre, na estrada. Chocara-se com um caminhão, cujo chofer parecia ter prazer em amassar latas d'óleo. Hospital. Alguns pontos na cara. Um paralamas trocado. A marcha continuou. Na estrada, multa por falta de placa. Adiante, multa por excesso de velocidade. Mais tarde, — pum! — um pneu furado, na passagem de uma ponte. Outra multa. No Rio, invés vitoriosamente pela cidade. Um bonde da Light amassa-lhe a trazeira do veículo. Três dias depois, o novo automobilista se desfazia do carro, com dez mil cruzeiros e muitos aborrecimentos de prejuízo. Parece divertido, não é? Pois para ele não foi. Nem é para muitos outros automobilistas que eu conheço. Estes têm sempre problemas incríveis; um deles é o de saber onde estacionar o carro, pois os lugares que não estão cheios são sempre proibidos; outro, pagar as multas ou subornar os guardas; mudar os pneus, lubrificar, emplacar, lavar o automóvel, etc. Com os cuidados com o automóvel, consomem uma parte de suas vidas, que poderiam empregar em outra coisa, e uma parte de seus orçamentos, que podia ter finalidade mais divertida. Quando têm um acidente, ou um pneu furado, esbraveiam, com as mais terríveis crises de nervos. E a responsabilidade dos atropelamentos e colisões? A tudo isso, a todos esses horrores, a todas essas torturas, submetem-se os homens que querem mostrar ao mundo o seu "atestado de prosperidade", o diploma de sua vitória na vida. São vítimas de um novo cativo, de uma nova servidão, — a servidão a um monstro mecânico. Fazem parte da infeliz legião dos "escravos do automóvel". Esse não é um inimigo do gênero humano apenas quando atropela. E' também quando exige de nós uma submissão que já não admitimos de homem para homem. A verdade é que, a não serem os milionários, ninguém possui o automóvel. Ele é que nos possui...

R. MAGALHÃES JUNIOR

(Para REVISTA DA SEMANA)

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

COLABORAÇÃO

O homem e o automóvel	3
Nas páginas de um velho album (Ignez Mariz)	26/27

BIOGRAFIA

A vida de Corot (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	23
--	----

CARICATURA

Bom humor	24/25
-----------------	-------

REPORTAGENS

O Rio visto por uma provinciana (Theriza de Almeida)	6/ 9
Um pedaço do Japão encravado em São Paulo (Ruth Guimarães)	12/15
A televisão em marcha (Jack Delanty)	16/17
O "new-look" sem lágrimas	30/31
Paul Muni abandonou definitivamente Hollywood (Nelson Vainer)	33

CONTOS

O sobejo da cobra grande (Peregrino Junior)	18/19
Tia Vidinha (Lausimar Laus Gomes) ..	20/21
Amor (Lola Kneip de Melo)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Cine-Revista	32
Broadcast	34
Vida Literária	35
Livros Novos (João Luso)	36
Pelas Estradas do Céu	47
Cancioneiro Internacional	48
Música	49

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty)	37
A personalidade da semana (Sarah Marques)	38
O espírito feminino através dos tempos	43
Mães e filhos (Zóia de Laet)	44
Muro das lamentações	45
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) ..	46
Modas	38/49

FOLHETIM

Ninguém escapa (Faith Baldwin-J. Schabelitz)	57/58
--	-------

ILUSTRADORES

Armando Pacheco
Orlando Matos
Abelardo Zaluar

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Ilustra hoje a nossa capa uma artista que poderia concorrer ao título de "Miss Tecnicolor". Trata-se de Virginia Mayo, da Paramount, que ficou nossa conhecida com o filme "A princesa e o pirata". A princesa era ela, e o pirata Bob Hope. Nós a vimos depois em "Sonhando de olhos abertos" e "Um tigre domesticado", em ambos ao lado de Danny Kaye. Ela voltará, proximamente, de novo ao lado de Danny, e, como sempre, em technicolor, na película "Um homem de oito vidas".

a SemanA EM REVISTA

A CAMPANHA PELO ENCARDECIMENTO DOS CINEMAS



As empresas cinematográficas interessadas em promover o encarecimento dos preços dos cinemas e em desmoralizar o tabelamento da Comissão Central de Preços estão, atualmente, gastando algum dinheiro com os jornais, — o que é quase miraculoso, pois o hábito da maioria delas é o de se beneficiar da publicidade gratuita, — afim de provar que o custo da vida aumentou assombrosamente nos últimos tempos, ao passo que o aumento dos preços dos cinemas foi apenas de 40%. Vamos fazer uma gentileza às casas exibidoras, reproduzindo aqui, gratuitamente, alguns de seus argumentos. Dizem elas que o leite, que custava 80 centavos o litro, passou de 1938 a 1948, a 2 cruzeiros e 50 centavos, com um aumento, portanto, de 312%. A banha, que custava 7 cruzeiros e 20 centavos, passou a custar 18 cruzeiros, tendo assim tido um aumento de 250%. Maior, ainda, foi o aumento do preço do pão, que, de 1 cruzeiro e 80 centavos o quilo, passou a custar 6 cruzeiros. Total do aumento: 333%. Pior do que o aumento do preço do pão foi o aumento do preço dos ovos, que passaram de 2 cruzeiros e 40 centavos a dúzia a 12 cruzeiros, — dando um aumento de 500%. A carne, que era vendida a 2 cruzeiros e 80, passou a custar 7 cruzeiros e 20, — tendo, pois, havido um aumento de 257%. O arroz que em 1938 era vendido a 1 cruzeiro e 20 o quilo, passou a ser

vendido a 5 cruzeiros e 30 centavos, — com aumento de 265%. Finalmente, o quadro estatístico das empresas exibidoras apresentou, como último argumento, o preço do café, que era de 3 cruzeiros e 80 centavos e passou a 9 cruzeiros e 70 centavos, — com um aumento de 255%. Ao fim de tudo isso, dizem os exibidores que o cinema aumentou os seus preços de apenas 40%, pois em 1938, data da inauguração do cinema faiado, cobrava no Palácio Teatro, a casa mais luxuosa do Rio, 5 cruzeiros pelo ingresso, cobrando hoje apenas 7. Há um libelo contra o governo, — em primeiro lugar, em razão da inflação, da desvalorização crescente do dinheiro e da falta de controle dos preços, — patente através daquele quadro estatístico, e, em segundo lugar, através da acusação de que o governo criou, nestes vinte anos, um imposto de 1 cruzeiro e 40 centavos sobre o preço máximo dos ingressos daquele divertimento popular. Tudo isso é bem verdade, mas há uma coisa que os exibidores se esqueceram de declarar: é que, nestes vinte anos, casas exibidoras que se tornaram imprestáveis, que já deviam ter sido fechadas, e que, outrora, eram de segunda ou terceira linha, foram promovidas de categoria e passaram a cobrar o triplo ou o quádruplo do que cobravam antigamente. Não somos contra os preços mais altos nos cinemas de luxo, com refrigeração, poltronas estofadas, programas escolhidos, instalações sanitárias decentes, bebedouros com água filtrada e gelada, telefone franqueado aos espectadores que queiram se comunicar com suas residências em caso de necessidade urgente. Mas generalizar esses preços a cinemas "poeiras", a casas de bairros, sem nenhum conforto, francamente, é abuso e, além de abuso, um desatino...

O VEREADOR QUE FOI VAIADO



O sr. Ary Barroso é, indiscutivelmente, um homem de talento. Em nossas colunas, muitas vezes temos prestado homenagem às suas qualidades de inteligência, à sua inspiração de compositor popular, que fez mais, pela nossa propaganda no exterior, com sua "Aquarela do Brasil", cantada no mundo inteiro, do que todos os embaixadores, ministros, conselheiros e cônsules pagos em ouro pelo Itamarati. Se reconhecemos o que o sr. Ary Barroso tem produzido de bom, se realçamos aquilo que o recomenda ao nosso apreço e mesmo ao nosso reconhecimento, cremos que ninguém nos considerará suspeitos no momento em que dele divergimos e consideramos infeliz, infelicíssima, mesmo, uma de suas recentes atitudes públicas tomada no desempenho do seu mandato de vereador na Câmara Municipal da cidade.

infeliz do sr. Ary Barroso foi sua solidarização com um decreto do executivo municipal, que desapropriava mais de 1.500 casas, no bairro de Maracanã, para efeito da construção do famoso estádio municipal. Locutor esportivo de uma estação de rádio, paredro do futebol, é próprio, Ary Barroso tem o veso de não raciocinar claramente em questões que envolvem o esporte que se convertem em sua mania, em sua obsessão, em sua idéia fixa. Ele é dos que querem ver a construção de um estádio realizada a qualquer custo, seja lá como for, mesmo que, para isso, tenham de ser desalojadas de suas casas nada menos de 1.500 famílias. Num momento em que não há problema mais grave, mais premente, mais agudo, mais dramático, do que o da moradia. O governo anuncia o intuito de resolvê-lo criando e ampliando a Fundação da Casa Popular. O PSD, em sua recente convenção política, ocupou-se também do assunto. Mas para os aficionados do futebol esses problemas não existem. Tudo estará bem, — e eles se sentirão no melhor dos mundos possíveis e imagináveis se alguns milhares de casas de família desaparecerem, para ceder lugar a um imenso gramado, no qual 22 cavalheiros possam bater bola, sob as vistas de outro que fique apitando... A U.D.N. declara que é um partido do povo. Mas um dos seus vereadores defende, na Câmara Municipal, desapropriações em massa, em benefício de um novo campo de futebol. Não é de estranhar, em face disso, que Ary Barroso tenha sido vaiado. Ele precisa compreender que, em primeiro lugar, é preciso morar e, em segundo lugar, vá lá que se bata bola...

O DIREITO DE PRENDER



Quando o deputado José Maria Alkimin, penitenciário mineiro dos mais acaudados, terminando seu inquérito sobre o sistema penitenciário do Rio, incumbência que lhe foi dada pela Câmara, relatou o seguinte: "Recolhemos a impressão de que o Rio de Janeiro é, no Brasil, o lugar onde menos se respeitam as garantias individuais, asseguradas em nossas leis, porque é sem con-

tamente para coibir esse desrespeito ao cidadão que o deputado Nelson Carneiro apresentou à Câmara um projeto de lei procurando evitar tais abusos das autoridades policiais. E' necessário que se diga que a nossa Constituição no seu artigo 141 assegura clara e insofismavelmente proteção a qualquer cidadão. O inciso 20 desse artigo diz que: somente são legais as prisões em flagrante delito, ou por ordem escrita da autoridade competente." Mais de que valem os artigos de uma Constituição bem intencionada quando a nossa todo-poderosa polícia prefere o arbítrio? Entre outras coisas, o projeto de Lei do deputado Nelson Carneiro reza o seguinte: "Art. 1.º A autoridade policial, militar ou administrativa, que ordenar a prisão ou detenção de qualquer pessoa, por qualquer motivo, inclusive para averiguações ou por determinação judicial, deverá comunicá-la ao juiz competente, por ofício, em que constarão: a) nome, profissão, estado civil e residencial do acusado; b) nome do agente que realizou a prisão ou detenção e as razões que a determinaram; c) se foi ou não concedida fiança ao paciente; d) hora exata em que houver sido posto em liberdade, quando for o caso, o preso ou o delicto; e) número e data da guia expedida para exame de corpo de delito, sempre que se alegar a ocorrência de agressão física ou de resistência à prisão." E depois de várias considerações, o deputado baiano inclui no projeto de lei o seguinte: "Art. 4.º — O não cumprimento do disposto nesta lei, nos prazos nela estipulados, ou a falsa

declaração sujeitará a autoridade à detenção de 15 a 90 dias e multa de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 5.000,00. Na reincidência, além da condenação, a autoridade será suspensa de suas funções, sem vencimentos, por prazo não superior a um ano. A terceira condenação importará além da pena de detenção e da multa que lhe forem aplicadas, na incapacidade do responsável para o exercício de função pública, pelo prazo de dois a oito anos. Parágrafo único — Se a infração for cometida pelo juiz ou pelo representante do Ministério Público, um ou outro não poderá concorrer a promoção nos dois anos seguintes, além da pena de responsabilidade em que acaso incorrer." Justificando o seu projeto, argumenta o deputado que a obrigatoriedade de comunicação das prisões aos juizes competentes, afim de que esses magistrados julguem a sua validade, não está sendo cumprida pelas autoridades policiais. Somente com uma lei que puna automaticamente essas infrações, tais violências poderão desaparecer. Está certo o parlamentar. Conhecemos uma mulher que foi arrastada por diversos distritos, ficou 24 horas detida em cada um. Esse é um artifício usado por certos policiais quando querem punir por conta própria, sem a obrigação da comunicação ao juiz. Há poucos dias um operário foi carregado nos braços de amigos até o juiz da 19.ª Vara, afim de mostrar ao próprio corpo o resultado da violência dos esbirros. Por essas e outras, toda a lei que vise policiá-la é necessária e bem recebida pelo povo.

ta o número de homens recolhidos aos xadrezes dos distritos, às prisões provisórias e para o exame de cuja situação irregular não se descobre nenhum propósito e tampouco qualquer iniciativa das autoridades no sentido de pôr em liberdade cidadãos sem culpa formada, alguns deles sem crime, não havendo notícia sequer, nas Delegacias Policiais, do motivo porque muitos deles foram detidos. Essas irregularidades nos deixaram, aos meus nobres colegas e a mim, a mais penosa impressão, repito, a respeito da maneira pela qual se trata a liberdade individual no Rio de Janeiro. (Diário do Congresso Nacional, de 23-6-48). Esta foi a impressão de um deputado que viu pessoalmente as misérias e arbitrariedades que a Polícia do Rio pratica. Foi jus-

ANO XLVII
N.º 31 — 31-7-1948

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:

R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Continua o bloqueio russo em Berlim, impedindo os Estados Unidos, Inglaterra e França do envio por terra de abastecimentos às suas zonas de ocupação naquela cidade. Churchill deu o apoio da oposição a Clement Attlee, com respeito à política externa da Grã-Bretanha no caso de Berlim. Dentro desta situação tensa, Truman discursa declarando que "são ótimas as perspectivas de paz mundial". Será que os óculos de Mr. Truman já estão com as lentes fracas?... Na Argentina, depois de Perón ter requerido ingresso na Associação de Imprensa por ter escrito oito artigos, sua esposa evita estréia também no jornalismo, assinando no jornal "Democracia" um artigo exaltando as qualidades do marido!... O Conselho Econômico e Social da O.N.U. ratificou suas acusações ao Brasil como violador da Carta das Nações Unidas, em virtude de intervenções nos sindicatos trabalhistas... Na Espanha, nosso companheiro de intervencionismo sindical, no relatório da O.N.U., as coisas não andam boas. Foi descoberto um "complot" que procurava fazer estourar uma revolução contra a ditadura de Franco. Apesar dessa conspiração latente que existe em grande parte do povo espanhol, o ditador Franco continua sonhando em tornar-se imperador da Espanha. Já anda distribuindo títulos de nobreza, tal como fazia seu antecessor, Afonso XIII... Depois que a U.D.N. expulsou das suas fileiras o deputado Romeu Lourenço, por ausência sistemática da Câmara, o P.T.B. acaba de aplicar medida semelhante, pondo para fora do Partido o vereador curitibano Roberto Barroso. Este fazia coisa pior que o sr. Romeu Lourenço: não comparecia às sessões e mandava seu filho, funcionário da Câmara Municipal, assinar o ponto. No fim do mês recebia o subsídio integral. Homens como esses têm a desfaçatez de se declararem representantes do povo!... O radical-socialista André Marie formou novo gabinete na França, a conpovo!... O almirante norte-americano Ellis Zacharias vem de tornar público o que até agora era um "alto segredo" de Estado, isto é, que desapareceu uma terceira bomba atômica juntamente com o navio que a conduzia para o Pacífico, durante a guerra... A mais humorística interpretação das penalidades do Código foi apresentada pelo larápio Manuel Francisco Lima, do Salvador. Preso em flagrante por crime de roubo, aguentou calmamente a pena que lhe foi imposta. Ao recolher-se ao xadrez, mandou um ofício ao juiz reclamando a posse dos objetos furtados: "O castigo somente será justo se o objeto do crime continuar de posse do criminoso"... Elois Jensen, modista de Hollywood, lançou a moda feminina do futuro. Vestidos de matéria plástica, completamente transparentes, deixando ver a combinação e outras intimidades. "Nesse caso não me incomodarei com as saias combinadas" — comenta um carioca desgostoso com o último "new-look"... A ciência marcha! Foi descoberto um substituto do radium para o tratamento do câncer. Trata-se de um tipo de cobalto, designado até agora como "cobalto 60". Três grandes hospitais norte-americanos já o empregam com êxito. Outra notícia sensacional no campo científico é a comunicação do doutor George E. Slotkin, da Universidade de Buffalo, declarando ter fabricado um perfeito rim artificial, composto de celofane e matéria plástica, que substitui perfeitamente o rim humano. Rim doente? Troque-o por um de celofane e viva contente... O deserto do Saara, na fronteira argeliana, está recebendo um tratamento especial de canalizações, vindas do sub-solo. Com a sucção da água dos lençóis subterrâneos, esperam os engenheiros das Obras Públicas de França inundar dentro em pouco as areias africanas. Se as obras forem sucedidas, as Prefeituras do Rio e de Fortaleza poderão convidá-los para um trabalho nessas cidades... Enquanto a ciência avança vertiginosamente, a moral, na corrida, se esboroa. Prova disso é o desaparecimento do amor filial. Em São Paulo, certa mãe acusou o filho de homicídio para salvar o amante da prisão. No Rio Grande do Sul, uma filha eliminou o pai "para evitar-lhe sofrimentos maiores". Notícias do Recife contam que Lupércio Zarga de Araújo ao se separar da amante, Helena Pereira dos Santos, não conseguindo com o filho, vingou-se adicionando arsênico ao mingau da criança, matando-a... Técnicos aeronáuticos ingleses informam que já se poderá construir um foguete que nos leve à Lua. Estão resolvidos os problemas da fricção, velocidade, temperatura e gravidade. Agora, disse o técnico do Comitê Consultivo Nacional de Aeronáutica, só nos resta descobrir uma razão que nos faça desejar ir à Lua... A Câmara Municipal negara a verba de duzentos e quarenta mil cruzeiros para o Prefeito comprar uma girafa. Parece, entretanto, que houve agitação nos bastidores, pois os jornais noticiaram que mais de uma girafa foram embarcadas algures com destino ao Rio. Um dos fatos importantes da semana foi a inauguração da "casa azul" para o elefante do zoo da Quinta da Boa Vista... "O Jornal", de Manaus, informa que na localidade de Terra Nova nasceram trigêmeos, sendo que duas das crianças são ligadas pelo pescoço e possuem uma só cabeça para os dois corpos... O vespertino "O Povo", de Forquilha, informa que no município de Acaraú, vive um garoto, Manduquinha, filho de Manuel Lopes e Estelita Mendes, que aos onze anos de idade pesa oitenta quilos. Os pais estão de acordo que o filhote constitui um grande peso no orçamento doméstico... Morreu no Hospital Carlos Chagas o popular "Dr. Jacarandá", figura típica do Rio, conhecido e estimado por toda a cidade. Houve na semana passada grande confusão na Câmara de Vereadores do Distrito Federal. Desentenderam-se o sr. Alvaro Dias, líder da bancada do P.S.D. (ex-filiado ao P.R.), e o sr. Breno da Silveira, udenista. O sr. Breno da Silveira acusou o possedista de ter impedido, com ajuda da força policial, um comício que ele iria realizar no morro de Jacarezinho. Palavra puxa palavra e daí a pouco o vereador Breno da Silveira investia contra o outro. O sr. Alvaro Dias sacou do revólver e se encurteou na tribuna. O udenista puxou a "peixeira". Quando ia explodir o sururu, a vereadora Sagramor de Severo — um coração sempre sensível — desmaiou. Mas tudo acabou sem sangue e sem dor... Não houve sabotagem na explosão dos depósitos de material bélico do Exército em Deodoro, declarou o general Agra Lacerda no laudo pericial que entregou ao ministro da Guerra. Parece que houve apenas imprevidência... Foram condenados pelo juiz Cristóvão Breiner os marinheiros ingleses Arthur Jonas e James Curkelly, da fragata "Sniper", que certa madrugada resolveram tomar banho, em Copacabana, completamente nus. Será que estavam estreando a moda dos maiôs "bikini", para homens?... Ficou decidido que o Distrito Federal será localizado em Goiás, no Planalto Central. Terá 80.000 quilômetros quadrados e incluirá dentro de sua área as atuais cidades goianas de Formosa, Planaltina, Cavalcanti e Chapada dos Viadinhos. Fará fronteira com Minas, Bahia e Goiás. O atual Distrito Federal, encravado no Estado do Rio de Janeiro, tem apenas 1.300 quilômetros quadrados. Quando a Capital se transferir para o planalto ficarão resolvidos os problemas da habitação, do transporte, da água e outros problemas menores... As viagens do presidente da República a diversas cidades brasileiras acarretam fantásticas despesas de recepções. Em Campos, vários vereadores se insurgiram contra o crédito de 180 mil cruzeiros para o festival. Disse o edil Hêlvio Bacelar: "Banquetes com o dinheiro do povo, não! Se defender o dinheiro do povo for demagogia, eu quero ser demagogo e viva a demagogia". Muito bem! O vereador Hêlvio Bacelar está certo e terá o aplauso dos que não são bajuladores... E com esta nos despedimos... Até sábado!...

por fora
êste rótulo



por dentro o
melhor guaraná



UMA CARRAFA 2 3 COPOS

De sabor agradabilíssimo e produto genuinamente nacional, o Guarani Champagne, da Antarctica, pela sua pureza e qualidades tonificantes, impõe-se como o refrigerante ideal a todas as idades.

UM PRODUTO DA



ANTARCTICA

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — O contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro; este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas



THEREZA DE ALMEIDA num flagrante feito na redação da **REVISTA DA SEMANA**, logo após sua chegada ao Rio. Thereza de Almeida possui a glória de jamais haver tido um conto seu recusado pelo nosso semanário.

O RIO VISTO POR UMA PROVINCIANA

A CAMPEÃ DO NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, THEREZA DE ALMEIDA, JOVEM ESCRITORA GAÚCHA, RESIDENTE EM LIVRAMENTO, NA FRONTEIRA COM O URUGUAI, VEIO CONHECER ESTA CAPITAL, A CONVITE DE "REVISTA DA SEMANA" ★ UM PRÊMIO ESPECIAL PARA UMA CONTISTA DEZOITO VEZES PREMIADA ★ A AUTORA DE "VIDAS SIMPLES" E DE "DEUS NÃO CASTIGA COM PORRÊTE" DESCREVE SUAS IMPRESSÕES SOBRE A TERRA CARIOCA

Fotos de NEY MACHADO



Flagrante da chegada da campeã do nosso concurso permanente de contos ao aeroporto Santos Dumont, acompanhada de seu pai, o senhor Clementino Bica de Almeida. Thereza de Almeida, que viajou em avião da Varig diretamente de Santana do Livramento, sua cidade natal. é a caçula de uma família numerosa e o seu pendor pelas letras lhe veio espontaneamente, não recebendo a princípio nem estímulo, nem reprovação. Mesmo porque — ela nos contou — os seus contos ninguém os lê até que saiam publicados. Nunca pediu conselhos a qualquer pessoa sobre a maneira de escrever. Por isso, talvez seu estilo inconfundível.

THEREZA de Almeida, a jovem escritora gaúcha, residente em Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, veio ao Rio a convite de REVISTA DA SEMANA, que lhe forneceu passagem de ida e volta em avião da Varig e lhe proporcionou hospedagem nesta capital, — de que abriu mão, no entanto, para ficar em contacto com pessoas de sua família aqui residentes. Quisemos oferecer-lhe, desse modo, um prêmio especial, que assinalaria o campeonato que vem mantendo à frente de todos os demais concorrentes vitoriosos no nosso Concurso Permanente de Contos. Tendo visitado teatros, museus, galerias de arte, sociedades literárias, lugares pitorescos

da cidade e de Petrópolis, Thereza de Almeida escreveu, para os leitores de REVISTA DA SEMANA, que são há longo tempo os seus leitores, este relato impressionista dos dias de emoção que viveu no Rio, visto pela primeira vez por seus olhos de jovem provinciana. Talento literário expressivo, que um dia terá um grande lugar em nossas letras, Thereza de Almeida deixou, nestas anotações ágeis e vivas a marca de espírito brilhante e de uma sensibilidade privilegiada, de que já nos deram testemunho seus contos de ambiente gaúcho, como "Vidas simples" e "Deus não castiga com porrête".

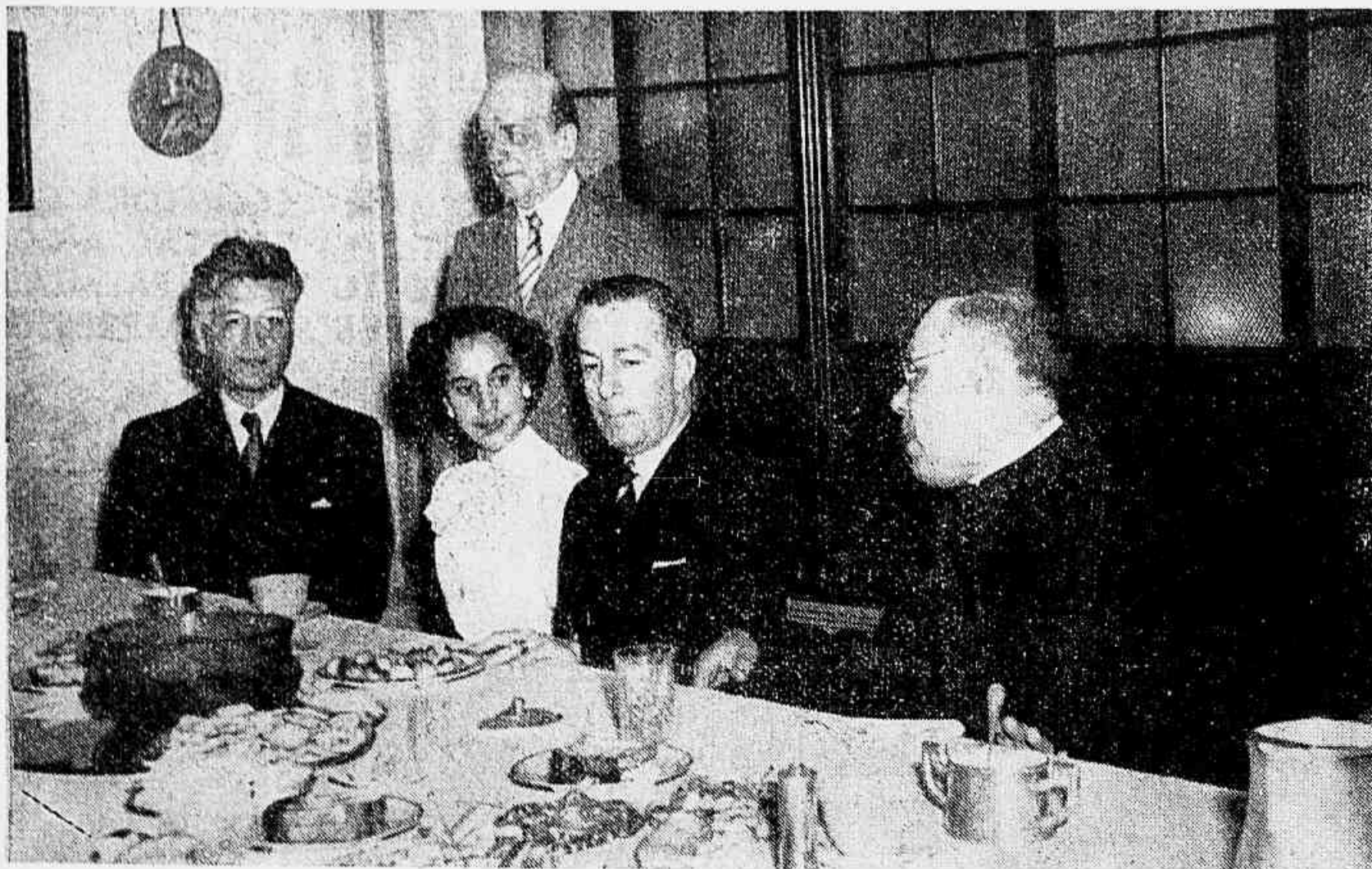
A CAPITAL E A PROVINCIANA

Por **THEREZA DE ALMEIDA** (Especial para REVISTA DA SEMANA)

O PRÍNCÍPIO — Santana do Livramento. Placidez de mulher gorda depois do almoço. Sesta. Domingo. Céu imóvel, recém-pintado. Foi num dia assim que tudo começou. O moleque entregador de telegramas foi o anjo. E o telegrama começava: "A REVISTA DA SEMANA tem o prazer de convidá-la...". Ai parei. Era mentira! Convites dêses eu nunca recebera, como poderia crer que era autêntico? Cheguei a pensar em alguma brincadeira de amigas. Mas, enfim, como há tanta gente que tira a sorte grande, aos poucos fui me acostumando com os dizeres e a veracidade do telegrama e tanto que ao dar a boa nova à família, era como se aquilo fosse coisa velha, sabida há muitos anos. E de fato, nos poucos minutos em que conservei em segredo a notícia espetacular (pareceram anos), houve tempo suficiente para me acostumar com ela e decorar-lhe as frases longas.

Uma semana depois eu deixava a cidade pequena, e voava para as belezas da Capital, ousada e tímida ao mesmo tempo, como de certo estariam os primeiros marinheiros que se aventuravam no alto-mar. Fui a primeira a descer do avião, zozna, cabeça baralhando imagens, cenas vistas do alto, mais lindas ainda porque eu via e eram intocáveis. Pisei de leve a terra como se levasse diante dos olhos surpresos um caleidoscópio e qualquer movimento brusco pudesse desfazer o tesouro de maravilhas que se abria para mim.

A CAPITAL — RIO DE JANEIRO — Mil dedos apontando um céu muito azul, mil pés



A nossa premiada participou dos famosos chazinhos do Petit Trianon. Identificou-se rapidamente com os "Imortais", tendo-os julgados possuidores de espírito perenemente jovem. Na foto, da esquerda para a direita: Mucio Leão, Cláudio de Souza (em pé), Thereza de Almeida, Pedro Calmon e padre Serafim Leite.



Thereza de Almeida fez questão de ser apresentada a todos os homens de letras de sua preferência e entre eles estavam Viriato Corrêa, escritor de livros infantis, historiador e teatrólogo e o poeta Olegário Mariano, com os quais aparece palestrando, na foto acima.



Este flagrante foi tirado durante um almoço na Associação Brasileira de Imprensa, durante o qual Thereza de Almeida teve oportunidade de conhecer muitos dos jornalistas que militam na imprensa carioca. Ela aparece na foto com Eva Ban, reporter do "Diário da Noite", e confrãnea da nossa premiada.

batendo o chão. Sons. Imprecações de ondas. Sorrisos aláveis. Colorido forte. Tudo mesclado a uma paisagem serena. A delícia do Paraíso; o desespero do Inferno. Paraíso pela beleza repousante da Natureza para onde quer que nossos olhos se voltem. Inferno pela luta angustiosa dos homens e mulheres que desejam conquistar um "lugar ao sol".

Acompanhando o vulto dos edifícios — dedos curiosos erguidos para o alto, — encontra-se a calmaria do céu por cima de cabeças agitadas e ondas de automóveis que cobrem ruas; longe, o vulto do Cristo Redentor parece abençoar alguém (ou, quem sabe, Ele está, com aquêle Seu eterno gesto, tentando nos aconselhar mais uns anos de paciência?). E acariciando com o olhar a curva e as asperezas dos serros duvidamos estar em uma cidade onde os homens praticamente se entredevoram para conseguirem se firmar em seus lugares ou para dar um passo mais (para onde? Não sei). Mas essa luta imensa é toda para conseguir, custe o que custar, um cantinho na vida, que muita gente morreu sem ter visto, e se viu, algumas vezes, foi em sonho. Quanta coisa por aqui só se vê e só acontece em sonhos?

Sossêgo lá no alto... Foi mesmo a impressão que a paisagem deu. Mas que êrro ao olhar para baixo! Há luta, há gritos, há movimento que não cansa, há gente atropelada, assobios "irreverentes" (ou reverentes?), — há de tudo, menos serenidade. Parece que o mar, sempre irrequieto, foi o professor do carioca.

★

CIDADE-MILAGRE — Tudo me parece absurdo, irreal! Começando por esta viagem, terminando pelo que vi e pelo que até agora me enche os olhos sem cansar. Absurdo porque o Rio de Janeiro era para mim o que a estrêla devia ser para o sapo da beira da lagoa. E, no entanto, sem esperar, choveram estrêlas em minhas mãos.

Encontrei a cidade cheia de "viúvas do Biriba", tráfego congestionado, apitos e *piadas* sem dono, correndo de bôca em bôca.

Conheci a maioria dos recantos pitorescos do Rio, sua maravilhosa paisagem de sonho, sua fascinação (o carioca tem razão de ser um apaixonado de sua cidade) e o humor gostoso e sem igual em todo o mundo, que não tem horário, nem regras, nem dono. Mal nasceu uma *piada* é de todos.

Absurdo porque vi do alto uma enorme cidade maravilhosa e sossegada, com aquela moleza dengosa, boa de se ver, da mulher tropical. Cidade maravilhosa, sim! Apesar de ser o mais velho adjetivo que lhe dão, gosto de repeti-lo porque nenhum outro consegue dizer tão bem o colorido, a vitalidade, a alegria que parecem andar nas ruas, personificados na figura das mulheres do Rio. Porque todas elas são vistosas, alegres, lindas, mesmo!

Cidade maravilhosa, fantástica, cidade-milagre! Mas nunca sossegada! Aqui a vida é caracterizada pela própria palavra **Vida**.

Nada encontrei até hoje que desse a impressão de desmaio, de quietude, ou de tristeza. Até as côres parecem gritar: — "Olhem para mim! Eu tenho vida!". Aquêlê verde esbatido, confuso, dos serros, em outros lugares tão monótono, é aqui mais uma pincelada na paisagem, vivaz como um baton retocando um sorriso.

Até as folhas mortas do Passeio Público não têm sossêgo, andam rolando pelas calçadas como eternos vagabundos infatigáveis.

★

A PROVINCIANA: EU — Já se foi o tempo em que as provincianas recém-chegadas à Capital paravam na calçada, atiravam a cabeça para trás e abriam a bôca espantadas

perante a audácia dos arranha-céus pretendendo fugir da terra.

Agora não se pode proceder assim (apesar de que ninguém repararia. Talvez até parassem ao meu lado e seguissem meu exemplo, por simples curiosidade), mas confesso que em Copacabana fiquei tentada de dar um pontapé às atitudes corretas e assim, bem à vontade, cabeça erguida para o céu, olhar escorregando nas paredes lisas dos grandes edifícios, gozar plenamente a beleza que vinha até mim daquele paredão de colossos.

Como tudo parece rir em Copacabana! Ali sempre é domingo!

As feições de todo mundo e até as fachadas dos prédios, parecem estar dando um conselho: — "Meus amigos, aqui é proibido estar triste". Mas não é desses conselhos irritantes, contraproducentes, que aumentam nossa caranca. Não! E' tão suave, tão bondoso e ao mesmo tempo aquêlo bom humor é tão contagioso, que nossas rugas de preocupação vão se desfazendo e dentro de minutos já estamos integrada à gente feliz que goza a verdadeira vida em Copacabana.

O mar! A delícia do mar e a maciez das areias côr de sol. E o sorriso de todo mundo. Haverá lugar mais atraente para se viver?



A tarde cai. Bruscamente se levanta a cortina cinzenta do palco. Ei-lo! O **ballet** de luzes da avenida Atlântica.

Graciosas, como se boiassem no ar, tremeluzem as bailarinas cobertas de brilhantes. Dançam sôbre espelhos que se movem como elas, lentamente. Os braços ondulam, os passos tão pequenos nem dão para notar. E assim vão, imóveis aos nossos olhos, faiscando noite a dentro até alta madrugada, as bailarinas luminosas da avenida Atlântica, dançando com a mais bela música que o mar orquestrou especialmente para elas.



UMA TARDE COM OS "MORTAIS" — Naturalmente, antes de conhecer qualquer lugar, vai se fazendo com antecedência (às vêzes desde criança) uma idéia sôbre êle. Comigo, pelo menos, foi e é assim, Rio de Janeiro, em minha imaginação, era um perfeito quadro surrealista: bolhas de sabão, lustrosas, coloridas (nem eu mesma sei por que), um gigante de granito, estendido de costas, um colar de pérolas boiando em águas serenas e esverdeadas, e fazendo fundo ao quadro, o perfil dominante do Corcovado.

De tudo eu fazia uma idéia que, de chegada ao Rio, foi completamente varrida de minha cabeça por uma onda alucinante de realidades.

E se imaginei coisas a respeito de tudo, por que também não ter ideiazinhas particulares, à minha maneira, sôbre os imortais? Eles vinham ao meu espírito, velhos, barbas longas, sobraçando livros grossos como dicionários. E cheirariam a môfo e todos êles teriam ares de Matuzalém.

Ah! Surpresa gostosa! Em vez do que eu pensava e temia, encontrei gente de carne e osso, gente de verdade, sem nenhum jeito de antiguidades que atravessaram séculos e por isso estão em redomas.

Viriato Corrêa era irrequieto, olhos de quem está preparando alguma molecagem (Ah! Bons tempos em que eu ria e chorava lendo Cazusa!) e ria como qualquer um de nós, talvez até saboreando mais ainda a graça do momento.

Olegário Mariano, Gustavo Barroso e outros e outros a quem tive a honra e o prazer de ser apresentada, eram figuras surpreendentemente reais e acessíveis. Lá, com êles, ouvindo-lhes a conversa movimentada, os gracejos,

Entre os muitos passeios feitos por Thereza de Almeida no Rio, houve a sua visita ao Museu da Cidade, no Parque da Cidade, na Gávea. Na foto, a escritora gaucha examina a coleção de bandeiras nacionais, usadas nos diferentes períodos de governo que tivemos.





Thereza de Almeida e seu pai visitam REVISTA DA SEMANA após a chegada à capital. Na foto aparecem, da esquerda para a direita: dr. Gratuliano Brito, diretor-presidente; o acadêmico João Luso, responsável pela crítica literária, os visitantes e R. Magalhães Júnior, nosso diretor-secretário.

as risadas iguais às de qualquer mortal, eu maquinava: — "Como pude ter a idéia absurda de imaginá-los velhos?"

Há um antigo ditado na fronteira que diz: "Siempre se tiene veinte años en un rincón del corazón".

Não sei por que, lembrei-me disso quando tomei chá com os imortais. Penso que neles não é só um cantinho do coração que tem vinte anos. É todo!

UMA NOITE NO LEME — O bonde se arrastou por quarteirões longos. À medida que nos afastávamos o calor ia diminuindo, até sumir por completo. Mesmo longe da praia sentia-se a brisa, fresca e leve, denunciando a presença do mar. Depois era o próprio mar se manifestando, estalando em arremetidas contra as areias.

As ondas — rendas revôltas de um vestido de baile — vinham se desfazer perto de nós.

Dentro da "Furna da Onça" a valsa nascia num repente e fugia para o mar, como se estivesse cansada de embalar namorados e frases de amor. Ela queria ser a orquestra no bailado das ondas.

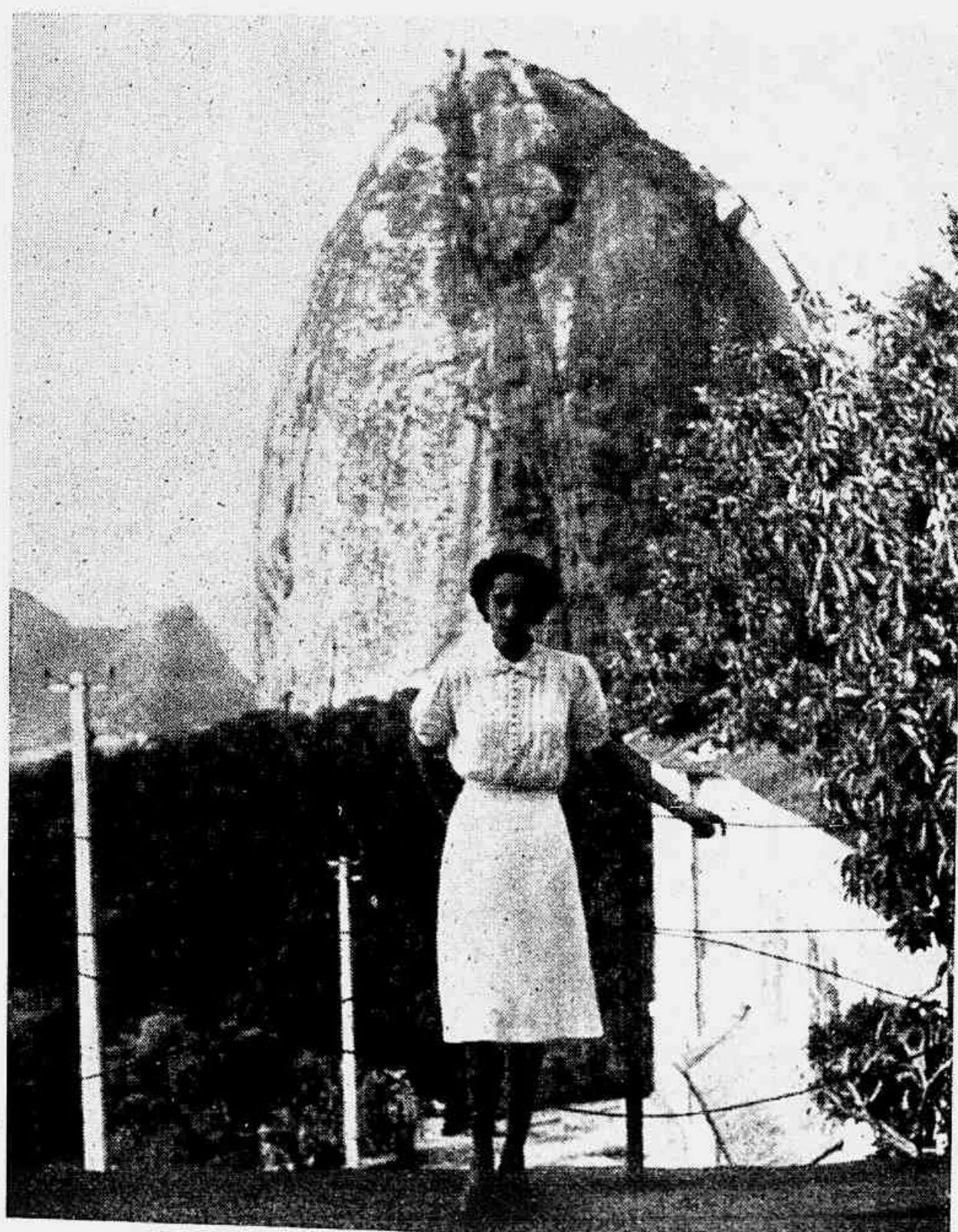
A brisa era como se fosse um mar etéreo, passando mãos invisíveis na face das jovens.

A música e as pessoas se renovavam. O garçon era sutil, não perturbava o encanto

(Continua na pág. 56)



Thereza de Almeida ao lado do acadêmico João Neves da Fontoura. Flagrante tomado durante a visita da escritora à Academia Brasileira de Letras. Entre os homens de letras, Thereza de Almeida não tinha ar de provinciana.



Na visita da escritora ao Pão de Açúcar não poderia faltar o indefectível retrato com o penedo servindo de fundo. Na crônica de sua autoria, ela nos dá interessantes impressões sobre os passeios que realizou aos pontos turísticos da cidade.



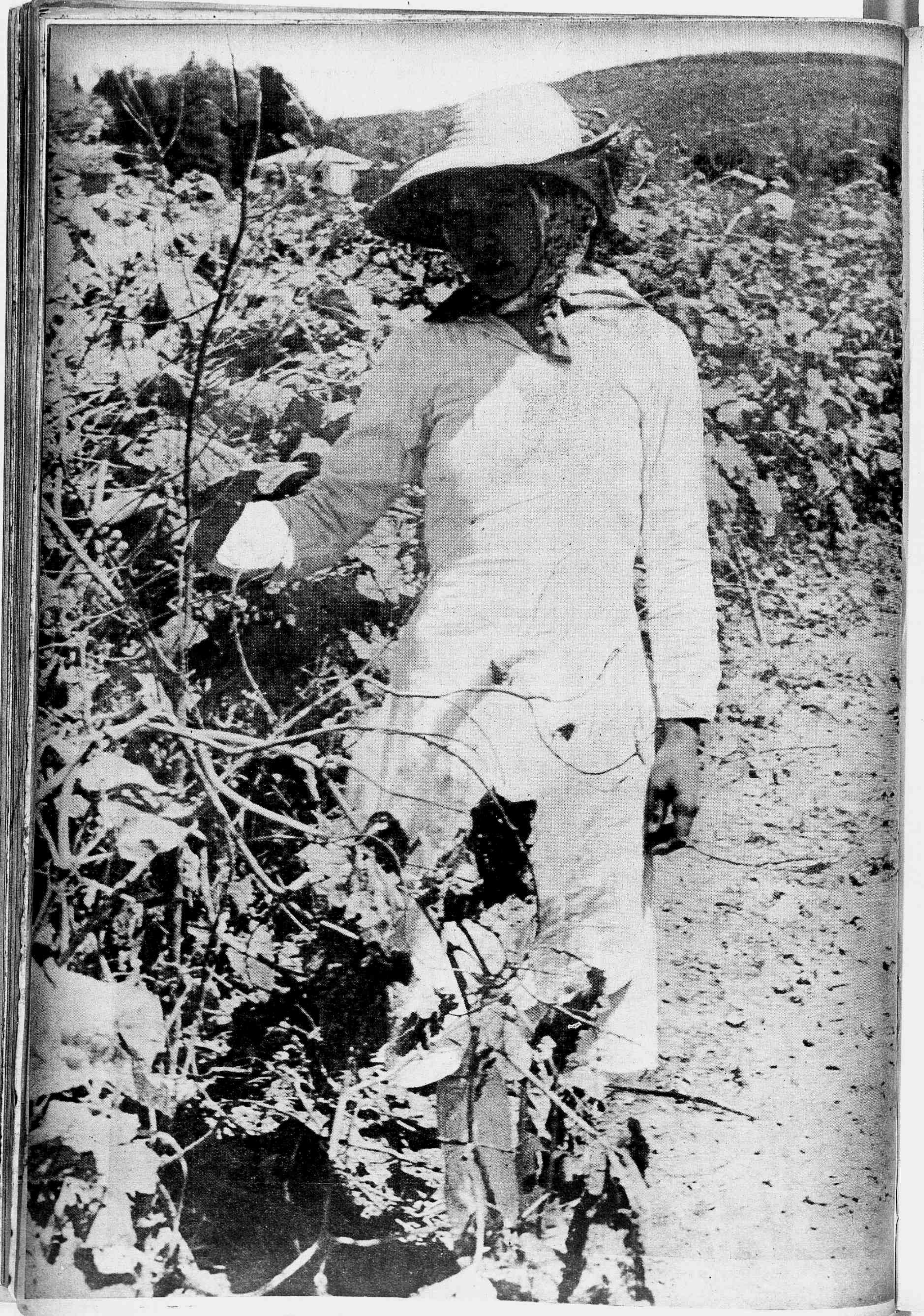
Leopoldina, a próspera cidade mineira da Zona da Mata, foi palco no dia 14 deste mês, de um acontecimento que somente de raro em raro sucede. Naquela dia festejaram-se ali as bodas de diamante do casal sr. Antonio Ribeiro dos Reis-d. Maria Guilhermina Andrade Reis, tronco ilustre de numerosa descendência, legítimo padrão da tradicional família montanhense. O venerando par completou 60 anos de vida conjugal em meio às alegrias e às homenagens de toda Leopoldina e de inúmeros parentes e amigos

que de outras partes vieram compartilhar a data festiva, reunindo em torno de suas respeitáveis figuras a quase totalidade dos seus descendentes diretos, que se contam por 13 filhos, sendo dez vivos, 78 netos, 36 bisnetos e 1 trineto, representantes de cinco gerações, além de 9 genros e noras. Entre os primeiros estão os srs. José Ribeiro dos Reis, prefeito de Leopoldina; Antenor Ribeiro dos Reis e Antonio Ribeiro dos Reis Filho, os quais esta casa inclui no número dos seus melhores amigos. Na foto acima, aparece o

BODAS DE DIAMANTE

casal Ribeiro dos Reis sendo saudado pelas suas netinhas, antes de partirem o bolo nupcial; na de baixo, vê-se um grupo de descendentes do venerando par, que está ao centro, sentado.





UM PEDAÇO DO JAPÃO ENCRAVADO EM SÃO PAULO



Na página à esquerda — Ela disse que o seu nome é Maria. Talvez seja o nome que consta no passaporte, porém, quem nos diz que lá no seu país distante, das gheishas e das porcelanas, não se chamaria ela Flor de Loto, Suspiro do Vento Sul, ou Pérola de Ofir? — Em cima: dois japonesinhos, emergidos de cultura e língua diferentes, com outros hábitos, com feições orientais, inexpressivas para quem tinha de tudo no sangue, menos alguns tantos por cento de amarelo, eles, a princípio nos parecem estranhísimos...

Dada a força impressiva da propaganda americana, é impossível falar de japoneses, sem lembrar Pearl Harbour, as motorizadas de Tio Sam, os filmes de assunto bélico, de quinta classe — aquela desastrosa epidemia. — E também, já que constituímos uma excelente caixa de ressonância, também é impossível falar de japoneses sem lembrar o trágico estardalhaço com que ficou popular a Shindô-Remei, espécie de irmandade secreta, no estilo da "Confrária dos Três

NA FAZENDA DAS PALMEIRAS ★ OS NIPÕES ESTRAGAM A TERRA? ★ AS CHÁCARAS JAPONÊSAS ★ BATATINHA DÁ, SIM, SINHORRO ★ OUTRAS JAPONESICES

Reportagem de RUTH GUIMARÃES

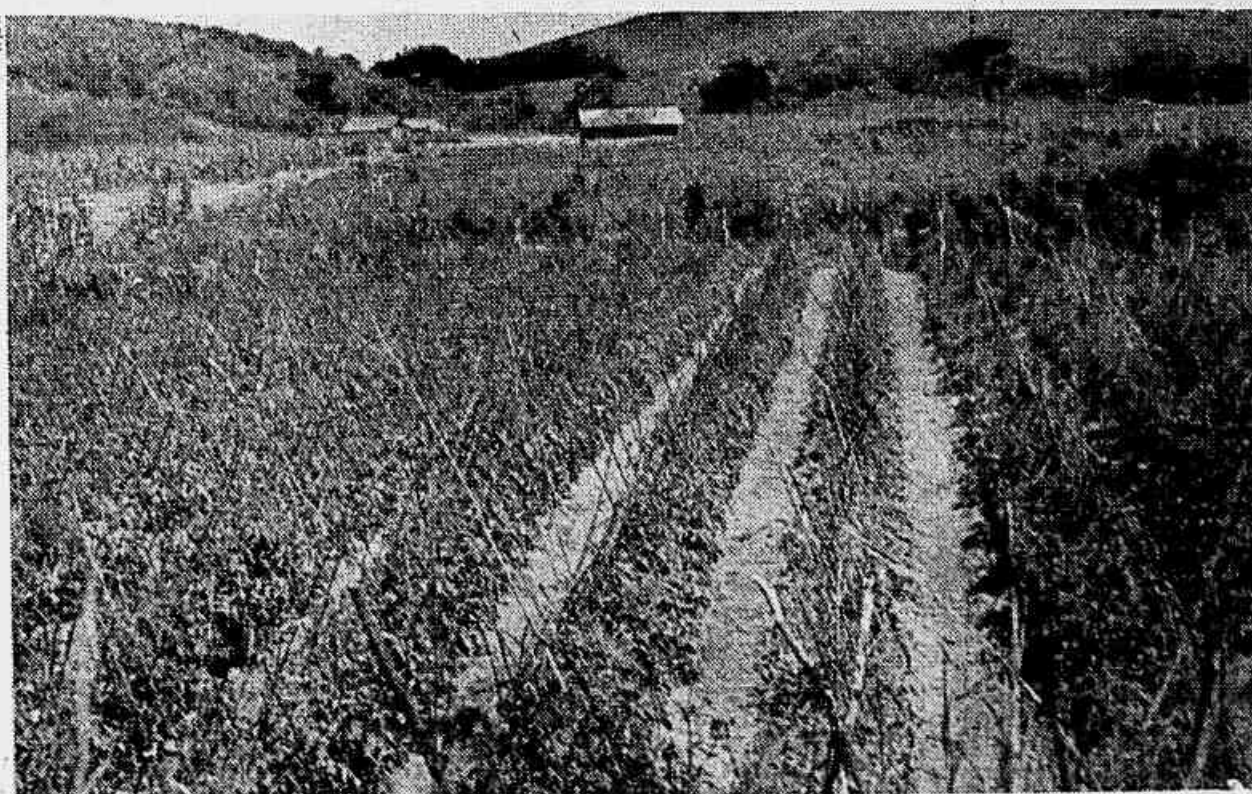
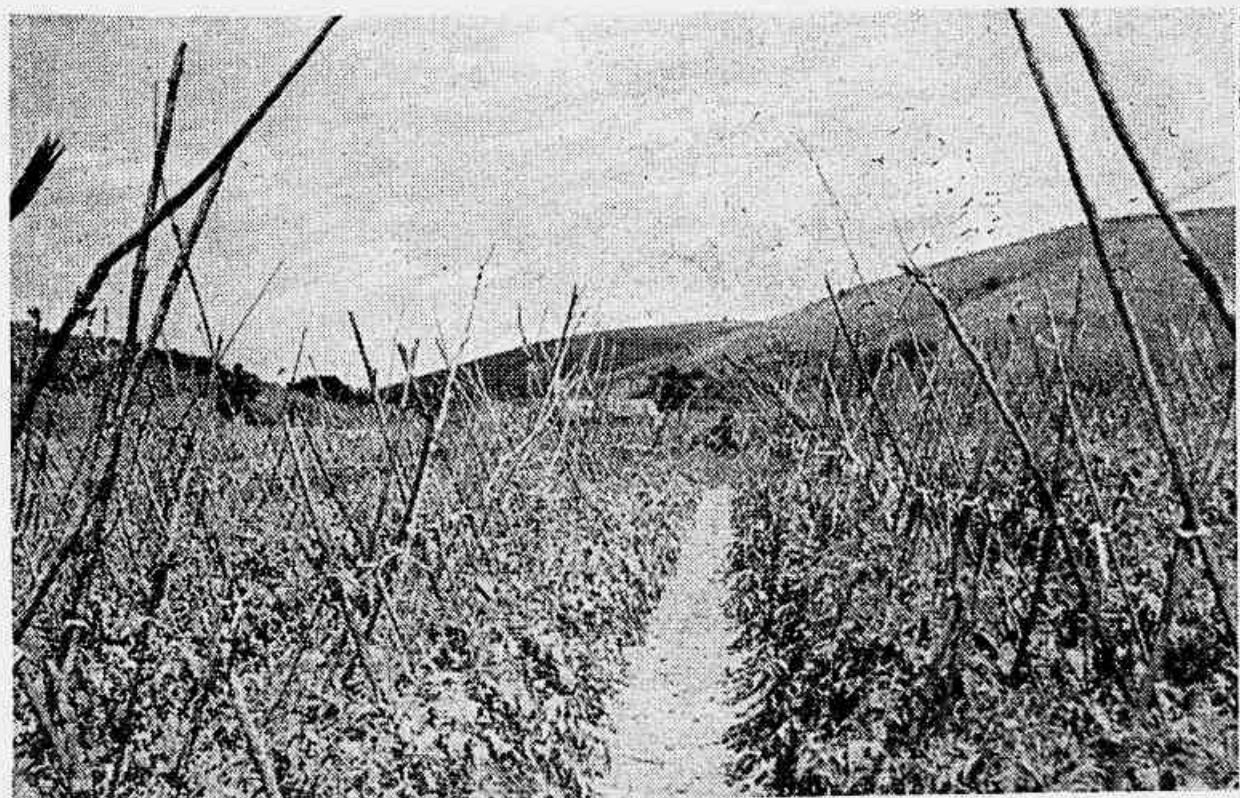
Fotos de BOTELHO NETO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Girassóis", de inefável memória, dos policiais de outrora.

Há tempos, quando providências de guerra não haviam feito dispensar os nipônicos do bairro da Liberdade, Salomão Scliar encontrou, num cabaré da Rua Livre, gheishas suaves, de sorriso invisível à Mona Lisa, com nomes cuja significação regumava à poesia. Como "Suave Fragância" e como "Doce Flor Perfumada de Cílios de Seda".

De tudo isso já não se fala mais. Num



"Usam adubos químicos" — dizem uns. Estragam a terra" — dizem outros. Os japoneses continuam trabalhando impenetráveis, com o rosto protegido do sol tropical pelo largo chapéu de palha. Seja adubo, seja o trabalho constante, seja porque são evidentemente agricultores adiantados, desmentem a Escritura, fazendo nascer a semente até em cima da pedra.



Os japonezes também gostam de comerciar. Aparecem como ambulantes ou estabelecem-se por conta própria. Em geral preferem as casas de ótica, ou aqueles estabelecimentos de feição característica, onde há uma profusão de pequenos e coloridos objetos.

pais essencialmente agrícola, extenso como o nosso, e com a nossa pobreza humana quantitativa, — em que pese ao amor próprio de patrioteiros, de brasileiros da terra do "plantando dá", mas que não se abalçam a plantar para ver se dá mesmo, e onde a lavoura está num desamparo de doer, — nesta terra, japonês é sinônimo de tomate e batata. Sinônimo de fartura de verduras, de frutas, e de ovos de granjas.

Sem dúvida, emergidos da cultura e língua diferentes, com outros hábitos, com feições orientais, inexpressivas para quem tinha de tudo no sangue, menos alguns tantos por cento de amarelo, os japonezes pareceram a princípio estranhíssimos para nós.

Entretanto somos uma gente feliz, que assimila tudo.

A cultura oriental nipônica, vem nos atingindo por todos os caminhos. Já se come à japonesa, não com dois pausinhos, porque no Brasil há muito quem não saiba usar nem faca e garfo, quanto mais pausinhos — porém nos doces de paladar dulcíssimo e raro — o motif o mandjū, o tsukā, feitos de massa de feijão, de tomate e mel, e de farinhas que nem a mais perita doceira das nossas consegue identificar. E vem também na linha de

curvas graciosas da arquitetura rural. Vem na mestiçagem que começa nos baítos pobres, no quintalão da Castano Pinto, onde a ascendência oriental puxa os olhos esportos do filho da italiana, da espanhola, e da mulata de olhos tristes, e põe curvas e zigomas arredondados e uma cor dourada no rosto redondo de um "brazeirinho" de sorriso amável.

A QUESTÃO DO ADUBO QUÍMICO

No trato cotidiano, os japonezes são corteses e bons pagadores. Compram e pagam sem discutir, conhecem os artigos e pode-se confiar neles. Há tempos circularam lendas a respeito de alguns ritos, segundo as quais os japonezes da Liberdade sacrificavam crianças aos deuses. Pelo visto, parece que alguns res- pertinos da capital não sabiam mais de que maneira aumentar suas vendas, pois o tão propagado rito nipônico e a notícia de sua existência tinham fundamentos muito precários.

Um traço característico do japonês e que explica muitas coisas, é a sua extrema tenacidade. Aprende com cuidado, profundamente, todas as coisas a que se dedica. Conhece as peças de sua máquina, uma a uma. Sabe avaliar o que

lhe cae nas mãos e está dentro dos seus mistérios. Os granjeiros, por exemplo, sabem o possível sobre avicultura, seus métodos são racionais, escolhem as melhores poedeiras, — legornas brancas — e atingem a perfeição, quando se trata de saber o sexo dos pintos. Acertam quase sempre, errando na proporção máxima de 10%.

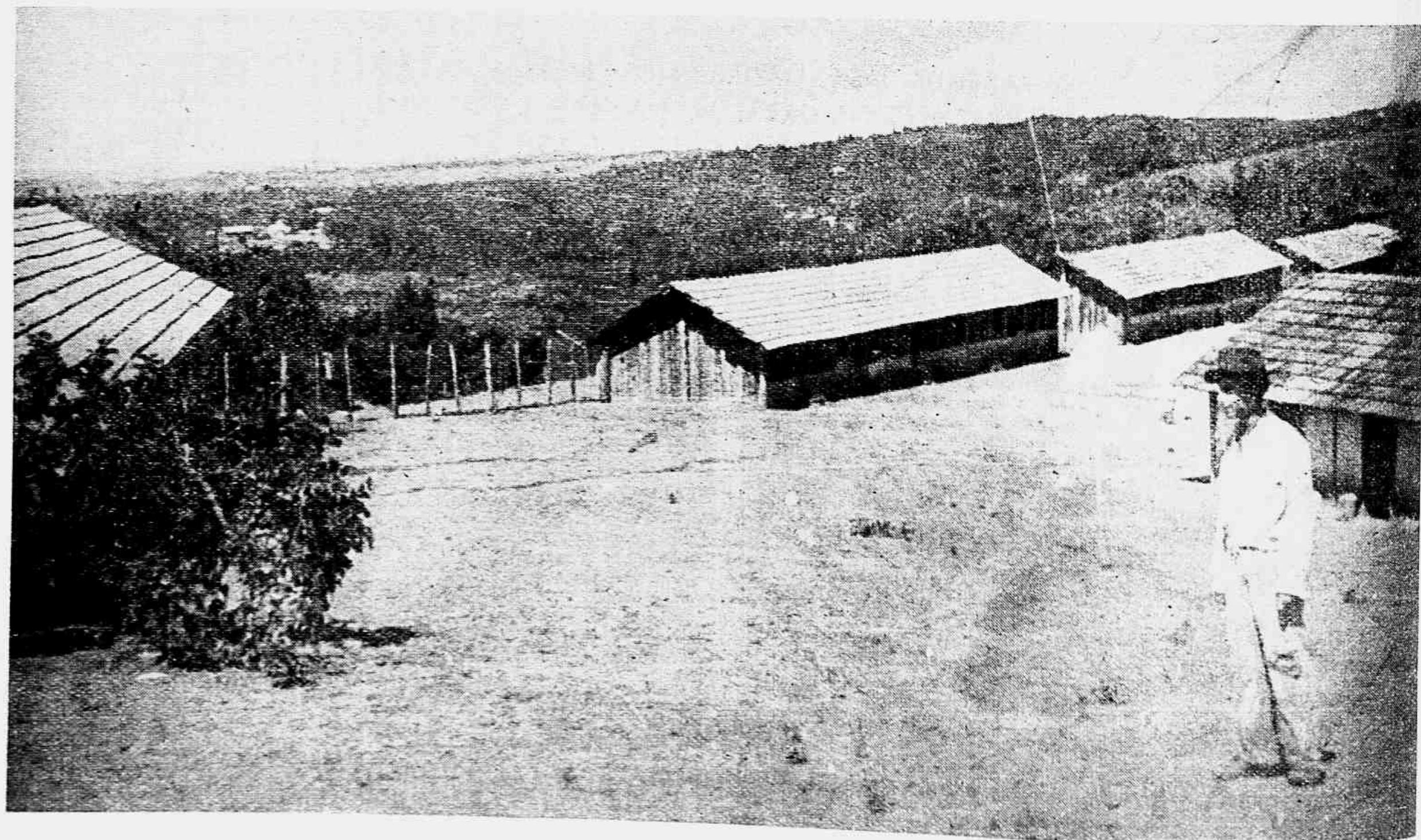
Por mim, desconfio que sabem o sexo dos pintos, antes de deixarem o ovo. Vá a gente comprar algumas dúzias de ovos das suas granjas e ponha para chocar, que verá. Não sai uma franga.

Na Fazenda das Palmeiras, uma lrica fazenda perpetuamente florida, há muitos japonezes, que cuidam especialmente da criação de aves. Um deles, pai de muitos filhos, como é de hábito, tem uma granja onde trabalham os seus herdeiros: — Elzi, Micko, Toniko e duas bonitas flores de loto — Keko-sã e Totsã — Arako-sã. Parece que sã é o tratamento respeitoso, reservado às senhoritas. Nessa granja a criação de galinhas é enorme. Contam-se por milhares, e fazem uma barulheira dos diabos, movimentando-se incessantemente no terreiro. As legornas botam bem durante dois anos, depois são trocadas por novas ninhadas, isto é, conservam-se as frangas que vão

crecendo, e as poedeiras mais antigas são vendidas. Ali se aproveita tudo. As penas vão para o mercado, as galinhas cuja postura já não satisfaz também vão para o mercado e os detritos dos galinheiros servem para fertilizar a terra.

E por falar em fertilizante, eu gostaria de defender a colônia do celeste império, mas parece que ela tem que responder realmente por essa feia história de estragar as terras com adubo químico. Os agricultores japonezes chegaram ao exagero de produzir em suas terras alfaca de meio metro de diâmetro, que tinha atingido esse tamanho com apenas quinze dias de nascida. Também faziam crescer os tomates até quase pareciam melancias. E repolho no morro dava mais depressa e com mais pertinácia do que a tiririca ameríndia, que era a dona incontestável da terra. Quando eles se dispuseram a plantar, não houve o que os fizesse deixar a tarefa em meio. Fizaram figas à saúva, à inundação e à escassez de transportes. Seriam capazes de fazer a semente nascer em cima da pedra, nascer e crescer, contrariando a parábola bíblica.

Acontecia sempre assim: — um japonês vinha — não se sabia de onde nem se procurava saber — tinha dinheiro, — nin-



A espaços aparecem as casas de barro, retangulares, direitas, sem um enfeite, com enormes janelas abertas para todos os lados. O material de que são feitas é o mesmo usado pelo caboclo: — arcabouço de madeira não trabalhada e barro, variando a cobertura que é geralmente de telha.

guem lhe perguntava de onde o havia tirado — e arrendava umas terras para plantio. Em três tempos, ele, que trabalhava como gente grande, aparecia no mercadinho local com os primeiros frutos da terra. E que frutos! Passava o homenzinho dois, três anos, trabalhando na chácara arrendada. Depois plantava ali bonitos enxertos de laranja tangerina ou Baía, entregava a terra com o pomarzinho formado e desaparecia. Chamasse Nakamura ou Tamatsu, nunca mais se ouvia falar dele. Acontecia então o segundo e último ato da comédia. Na chácara onde o dinâmico japonês havia deixado uns pés tão lindos de laranja, não nascia mais nem capim. Nem tiririca, que é planta mais senvergonha que existe. A terra estava cansada.

— E' o adubo! — esbravejavam todos.
— Estragam a terra!

— Caem como gafanhoto na terra boa! Mas ninguém tomava a menor providência, o japonês chegava, via, vencida e dava o fóra, e a coisa chegou a tal extremo que, quando alguém ia comprar um terreno e tencionava plantar (tencionava, porque plantar mesmo era difícil) perguntava logo, desconfiado, se ali não havia morado algum japonês. E a pergunta, de casual se transformava em obrigatória e imperiosa, quando na dita terrinha apareciam as tais laranjeiras, plantadas como um descarado disfarce.

Ninguém se deteve para pensar um minuto que o japonês teve um grande, um imenso, um inacreditável merecimento. Até o dia de hoje, fato virgem na história do Brasil, foi o único ser que conseguiu acabar com a tiririca.

Perguntarão se o estrago continua, pois no andar em que se ia, com a tremenda atividade amarela, era caso para ficarem inutilizados os nossos oito milhões de quilômetros quadrados de superfície. Em primeiro lugar, não há japonês que chegue para tudo isso. O Serviço de Imigração e Colonização regulamenta a entrada de imigrantes, com base nos já existentes no país. E em segundo lugar, o que é mais importante, o preço do adubo disparou para cima como um foguete. Agora é usado em quantidade mínima, e razoável, porque custa muito dinheiro. Como se vê, a inflação, que por um lado nos desserve, por outro nos ajuda. Não se poderia esperar providência, a não ser nesse gênero, pois "o Brasil progride de noite, enquanto os políticos dormem". Vá lá entre aspas. Não me atrevo a ficar com a maternidade da frase, que é boa demais, para ainda não ter dono conhecido.

A TERRA

As chácaras japonesas são muito bonitas de se ver. Bem cuidadas, limpinhas, com um luxo de vegetação cultivada, exuberante. Homens e mulheres, trabalham de sol, a sol, incansáveis, protegidos por grandes chapéus de palha. A espaços aparecem as casas de barro, retangulares, direitas, sem um enfeite, com enormes janelas abertas para todos os lados. O material de que são feitas é o mesmo usado pelo caboclo: — arrabouço de madeira não trabalhada e barro, variando a cobertura que é geralmente de telha, mas o estilo é diferente, demonstrando mais amadurecimento arquitetônico, um estágio superior de civilização em relação ao desenvolvimento sertanejo nacional, e, apesar da nudez, mais compreensão dos problemas de higiene e de aproveitamento do espaço.

Na cultura, o sistema de irrigação é feito de modo prático, com mangueiras de borracha, ligadas a bombas hidráulicas tocadas a motor. Nas plantações de tomate, usam um sistema de estaqueamento em X, peculiar, que dá ao todo uma simetria, uma graça que parece frágil, uma harmonia geométrica de decoração árabe.

O sucesso da cultura japonesa é uma demonstração viva do poder e do vigor da lavoura amparada, pois se eles trabalham de verdade, fazem-no com gosto, estimulados, sabendo que terão compensações. Quando vêm do Japão, são amparados pelas grandes firmas japonesas e, em São Paulo, principalmente pela C. A. C. — Cooperativa Agrícola de Cotia, — que funciona como Banco de Crédito e financia o arrendamento ou compra de terras e o estabelecimento da cultura.

Não deixa de ser significativo que o primeiro contato do camponês nipônico, ainda na sua pátria, com o Brasil, seja diretamente com a terra. Eles recebem amostras de terra roxa do café, da zona do Noroeste, terra vermelha da alta Paulista, terra preta, terra amarela, terra arenosa, calcificada, e ainda rica em teor orgânico.

Quando o japonês recém-vindo escolhe a terra, é acompanhado por engenheiro da companhia que financia a compra ou o arrendamento. Então ele não se contenta só em ver, ou só em esfregar os torrões nas mãos, entre os dedos habituados ao trato do solo, mas prova também a terra, prova-a com a língua, sente-a em densidade e gosto. E aí aprova, sorridente:

— Batatinha dá, sim sinhor.



Os japoneses não se fixam apenas no campo. Há alguns, dentre eles, que preferem trabalhar em serviços urbanos. Aqui está um deles, fazendo força em uma construção.



Os japoneses que conseguiram se adaptar à nossa língua têm gosto pela leitura. Aqui estão alguns nipões diante de uma banca de jornais. Um deles compra o GAZETA NADA. E, talvez, um tá de Great Britain

Assume características imprevistas a entrada de imigrantes japoneses. Em Guarulhos, em plantações de batatas, havia um lavrador que, entre outras coisas era médico, e aparentado com a Família Imperial Japonesa. Lavrava a terra, vestido com as mesmas roupas de algodão grosso que os outros e abrigado com o mesmo chapéu de palha barato. Ia ao mercado, vendia, fazia troca, gritava os pregões, como todos, concordava — "sim, sinhor, sim, sinhor" — com os fregueses, porém lá na confraria amarela, oh! entre os seus que reverenciavam a raça, "o pedigree", e não o dinheiro ou as aparências, era o todo poderoso e reverenciado senhor, parente dileto de Hirohito, imperador por vontade divina.

Os japoneses podem parecer a quem não os conhece de perto, fechados e indecifráveis. E' certo que têm uma certa reserva e uma certa malícia escondida, muito oriental e muito sutil. Mas são alegres e gostam de auxiliar-se uns aos outros, como auxiliamos sitiantes brasileiros em dificuldades.

Perguntamos a alguns porque "japão" progredia e brasileiro não.

— Brasileiro em casa, não? — respondiam apertando os olhos, e tentando esquivar-se à pergunta — Brasileiro não quer, não trabalha.

Parecem achar os brasileiros preguiçosos e irresponsáveis, embora não o digam. São demasiadamente corteses e prudentes para isso.

Maeda, que está no negócio de fabrico e venda de caixotes vazios, e já é uma potência no ramo, veio de Osaka, a populosa cidade. Diz que ouviu falar do Brasil, muito e muito, antes de vir. Falava-se que aqui é a terra de ganhar di-



Flagrante da atividade das estações de televisão dos Estados Unidos, atividades esportivas e artísticas.

UM FUTURO DE PROMESSAS LIMITADAS

A chegada da televisão foi tão inconfundível quanto repentina. Um ano atrás a façanha de enviar flagrantes dos acontecimentos através do ar era principalmente uma questão de interesse técnico. Hoje, a televisão é aceita como um milagre prático. Nos Estados Unidos, seu progresso é enorme.

Como arte, fornece uma nova e distinta forma de diversão, que promete ter vastas ramificações culturais. Como negócio, garante assumir proporções de bilhões de dólares dentro de mais doze meses. De qualquer ponto de vista que seja jul-

ESPERA-SE QUE SEU AUDITÓRIO ATUAL DE 1.750.000 PESSOAS SÓ NOS ESTADOS UNIDOS SE ELEVE A QUATRO E CINCO MILHÕES PELO FIM DESTES ANO

Por JACK DELANTY

gada, a televisão, decididamente, venceu.

A televisão orgulha-se agora de interessar nos Estados Unidos a 1.750.000 pessoas. Existem 375.000 instalações receptoras em uso, sendo cada uma apreciada por uma média, calculada, de 5 pessoas. Tudo indi-

ca que pelo fim do ano de 1948 o número de receptores subirá a 800.000 e o auditório total acima de 4.000.000. Um ano mais tarde, segundo se espera, o auditório excederá de 10.000.000. As instalações estão sendo compradas à razão de quase 50.000 por mês — tão depressa

quanto são feitas. O preço médio pago por um receptor há um ano figurava entre 400 e 500 dólares; este ano espera-se que desça para 300 a 400 dólares.

Até o mês passado, trinta estações estavam transmitindo a visão com o som, e outras trinta e quarenta estarão fazendo o mesmo antes do início de 1949. Atualmente, se estendem redes de Boston e Schenectady rumo ao sul para Richmond, ligando, no caminho, Nova York, Philadelphia, Baltimore e Washington. Antes de janeiro o Oeste-Médio deverá estar ligado à estações na costa Les-



Red Skelton, Paulette Goddard e Bing Crosby são os primeiros artistas cinematográficos de grande cartaz a assinar contratos com a NBC, a despeito da oposição dos estúdios de Hollywood.



Vista de uma sala de controle de uma estação de televisão. Várias imagens são coletadas pelas câmeras, sendo selecionadas as melhores, pelos operadores do controle, para serem irradiadas.

te. Uma rede transecontinental, ligando Nova York e Hollywood, é esperada entre 1950 e fins de 1952.

A razão da confiança incondicional da indústria de televisão no futuro é o fato indiscutível de que ela é diferente: nunca antes pôde ser possível falar, frente a frente, aos milhões do país simultaneamente. Graças à televisão, isso é possível agora.

Quantas pessoas já viram televisão, ninguém sabe — provavelmente não mais de uma em dez. Ao contrário do rádio, um sinal de televisão não pode viajar muito além do horizonte. Seu alcance é limitado aproximadamente pela linha visual. Isto significa que o serviço de televisão fica limitado às áreas metropolitanas mais importantes, capazes de economicamente suportar uma estação de televisão.

A imagem preto e branca de televisão que agora entra em casa é algo distante do trêmulo quadro de antes da guerra. O tamanho da imagem varia de 5 1/3 por 4 polegadas (13,5 por 10 cm.) a mais do que as dimensões da folha de um jornal (vista de lado). O fator determinante do tamanho é o custo do receptor — de 150 dólares para um modelo de mesa a 4.000 dólares para um consólio de luxo.

O brilho e a definição do quadro são muito parecidos com os do conhecido cinema em casa, excepto que é desnecessário desligar a luz do aposento. Tem boa estabilidade e causa relativamente pouca tensão visual, especialmente se o espectador evita a tentação de sentar-se demasiadamente perto do receptor.

A sintonização do aparelho a princípio é mais complicada do que o ajustamento de um rádio moderno, porém não apresenta nada de tão complicado como os milhares de «dials» e fios enrolados que distinguem os primeiros receptores de rádio.

Há três «dials» (controles) principais para operar. Controlam eles a seleção de estações, volume de som e nitidez do quadro.

De acordo com as relações atuais, um receptor de televisão pode ser usado em base apenas limitada, em comparação com uma estação de rádio. As programações de estações individuais variam de vinte e cinco horas por semana a mais de quarenta. Similarmente, a escolha das estações que podem ser sintonizadas é limitada, se o critério para os padrões de rádio for tomado por base. Na metrópole de Nova York existem atualmente cinco canais de televisão; Philadelphia e Washington têm três cada; Baltimore, Chicago, Boston e Los Angeles, duas cada; e onze outras cidades, uma cada.

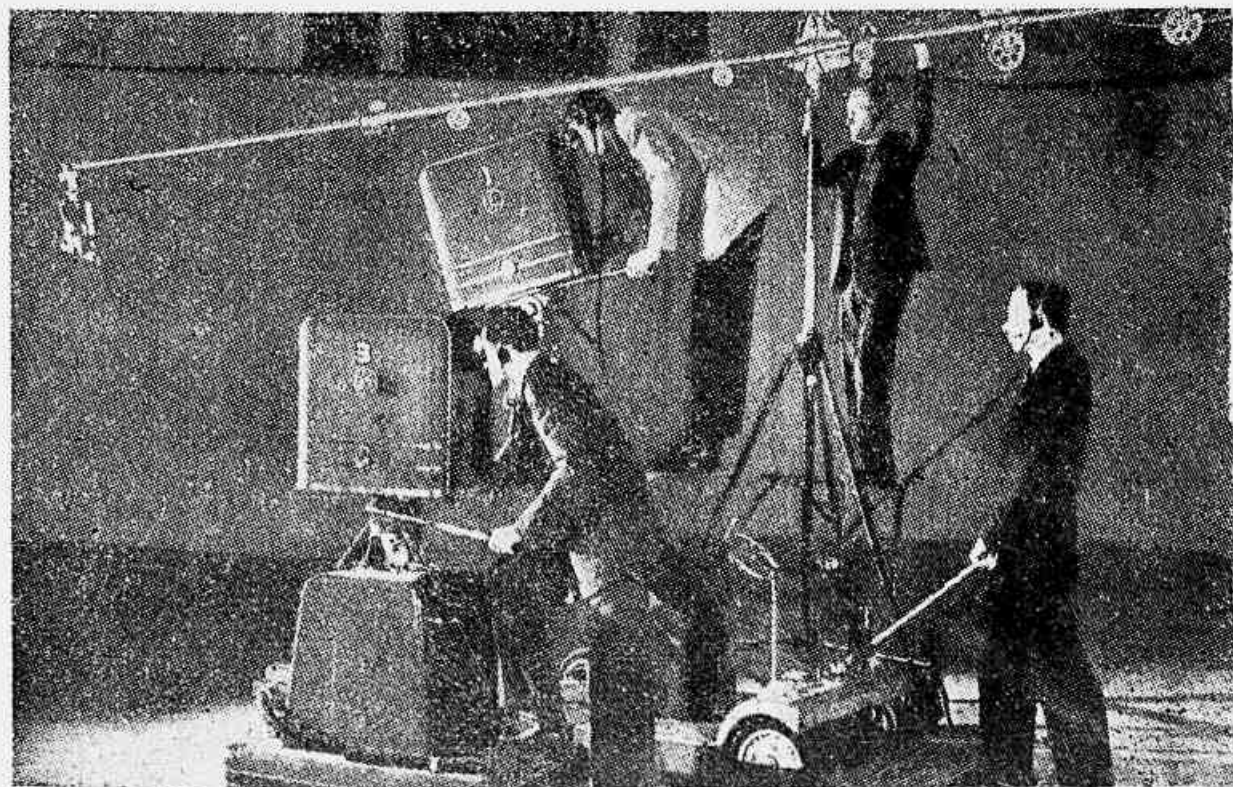
Os programas de televisão dividem-se em duas vastas classificações. A primeira abrange programas originados fora do estúdio — acontecimentos para noticiário local, tais como uma convenção política ou um jogo de futebol, a segunda envolve o divertimento cotidiano — o antigo espetáculo de negócios, que tem sua origem dentro do estúdio.

O noticiário local fornece os programas do maior efeito para a televisão.

O noticiário é dominado pela televisão de muitas maneiras. Imagens de personalidades são mostradas em rápida sucessão no noticiário diário. As conversas dos locutores são ilustradas com mapas e cartas para melhor absorção visual.

Os esportes têm dominado os programas de televisão até esta data, em grande parte porque constituem um espetáculo que ao mesmo tempo está pronto e representa comprovado sucesso. O efeito das representações esportivas variam de acordo com o jogo. O box, com apenas duas má-

(Continua na pág. 54)



Uma equipe de técnicos de televisão colhendo ao mesmo tempo som e imagem, durante um programa. Todos eles usam auriculares, afim de ouvir a irradiação tal como é ela feita para fora.



Quando V.
pensar em

TELEVISÃO

pensará
naturalmente no símbolo G-E



Um dos modernos receptores G-E de radio e televisão!

A primeira demonstração pública de televisão em 1928, bem como a irradiação de uma peça e a projeção de outra num teatro, foi feita pela General Electric. Instalando a primeira emissora no gênero a G-E tornou-se também a pioneira na transmissão de programas de televisão, demonstrando assim o enorme progresso alcançado pelos seus técnicos e engenheiros, cujos trabalhos em mais de 20 anos de pesquisas possibilitaram a apresentação ao público de aparelhos de televisão dignos da confiança de todos os produtos que trazem o monograma G-E.

GENERAL  ELECTRIC

O SOBEJO DA COBRA GRANDE

"Rudá, rudá
Ináka pinaié,
Amaña reçaigü...
Ináka pinaié,
Aineté Cunhá
Puxinéra oikó
Ne ummanuára ce rece
Quará caarúca pupé".

(COUTO DE MAGALHÃES.
O Selvagem).

Dentro do sossêgo da floresta deserta, o silêncio povoado de fantasmas abre as suas negras asas aterradoras. No quiri-ri da mata virgem, onde o estalido das folhas secas dança entre os estrilos das cigarras e dos grilos, ao ritmo melancólico da onomatopéia dos sapos e das corujas, dos caborés e das guaribas, dos tucanos, dos nhambús, dos arapapás e aracarís, adormece como um monstro da floresta o silêncio da noite tropical. O pôr do sol começa às 4 da tarde e às 6 já é noite cerrada. Perto da mata, à beira do igarapé, debruçado sobre o espelho negro das águas mansas, o rancho de palhas agacha-se, transido de terror, à sombra pesada do crepúsculo que o esmaga.

Luizinha, sentada na ponte, com a sua saia de chita cor de rosa e a sua alva blusa de rendas, os peitos duros pulando sob a fazenda fina, a amêndoa oblíqua dos olhos sondando a treva numa inquietude, volve a cabeça cor de cobre para a curva do rio numa interrogação.

— Cá dê êle que não vem?

Luzindo na mata, os pirilampos iluminam a sombra noturna.

No silêncio crepuscular, o seu coração aperta-se, num pressentimento. — «Ele gostaria mesmo dela? Tinha um medo... E se êle a abandonasse? Dentro do seu espírito se formou um desejo secreto: que êle, ao se lembrar dela, achasse feias as mulheres...

★

Todos os sábados, de tardinha, ela sofria as atribulações daquela ansiedade. Ia para a ponte e longamente esperava. Antes da lua sair, geralmente Leôncio chegava. Ela, de longe, já conhecia a vela azul da «Andorinha» quando cortava, que nem um terçado, o verde da mata, na volta do igarapé. Leôncio era pontual — não faltava nunca. Passava a semana na cidade, no trabalho. Mas, sábado, não perdia a viagem da «Andorinha» e ia dormir na «Bôca». Não sabia passar o domingo longe de Luisinha... Naquele sábado, porém, atrasou-se de tal forma, que perdeu a viagem da «Andorinha». Ficou amolado com aquilo.

— Isto é o diabo!

Mas, não tinha jeito. Que havia de fazer? Iria no domingo de manhã, na «Boa Esperança».

Não dormiu bem naquela noite. — Luizinha... que estaria fazendo Luizinha?... a primeira noite de sábado que passava longe dela! E se houvesse baile na casa de seu Chico? E se o filho do coronel Bento da Bemfica fôsse ao baile e dançasse com Luizinha? Aquêlê tratante estava perseguindo Luizinha — êle bem que via. Não saía da «Bôca». E era uma amizade com «seu» Pedro, pai de Luizinha... Aquilo só podia ser interesse.

Rolou sem sono de um lado p'ro outro a noite inteira. Saltou da cama com a primeira cantada do gaio. E foi o primeiro a chegar ao Pôrto do Sal, de madrugada.

— Anda depressa, pessoal! Desatracar.

A maré cheia lambia a ponte do Pôrto do Sal, onde estava encostada a canoa. A manobra foi rápida. Anastácio colheu a amarra. Leôncio, com um empurrão enérgico, afastou a canoa da ponte. Depois de gemer no visgo negro do tijuco, a «Boa Esperança» dançou, de buíu, na água crespa do rio. A ponte recuou um metro.

— Larga!

A «Boa Esperança», já longe da ponte, banzou um instante hesitando, sob o agoite do vento forte que vinha da banda do Guamá.

O mestre Chico completou as ordens.

— Suspende a vela grande. Solta a bujarrona. Larga o traquete!

Num arranco, a canoa ganhou o largo. Soprava o vento forte da bôca do Guamá, agitando as águas pardas da baía. Não era o marajó, que sopra de tarde. Mas levava a embarcação. A canoa, guinando às primeiras escaramuças do vento, tomou carreira, rumo da barra.

Crenando sob o agoite brabo do «geral», deslizou adernada, para ganhar o meio do rio.

— Vamos mesmo pela beira, que o Guajará tá zangado!

Passando quase rente à doca do Ver o Pêso, a canoa cortava água diante do Mercado de Ferro. Tinha deixado atrás as garages do «Yole» e do «Remo», o Castelo, a cidade velha. No vão quadrado do Ver o Pêso, dezenas de canoas, desde as casquinhas e as montarias leves, até as geleiras, as vigilengas, as gambarras possantes de 40 bois e 2 mastros ensarilhados, dormindo à beira d'água. Um cheiro de peixe pôdre espalhava nuvens de mosquitos dançando no tijuco.

O Mercado de Ferro era o bate-bôca das criadas e dos vendedores.

— Esta pescada tá pôdre, mondrongo desalmado!

— Qual pôdre, qual nada! E' do gêlo!

— Uma dúzia de popunha por dois tostões! que ladroeira!

— Quanto quer por êste paneiro de assaí?

— As mangas são boas?

— Artigo especial.

— Já sei. São do cemitério da Soledade!

— Não diga isso, tetéia!

— Tetéia é sua mãe, mondrongo confiado, sem educação.

★

O vento ia levando de vagar a «Boa Esperança».

Atrás, diluindo-se na distância, iam ficando a algazarra do mercado, as ruínas do Castelo, a alegria esportiva dos clubes de regatas, a barcaria do Ver o Pêso. A canoa contornava o costado negro dos grandes navios.

— «Anselmo».

— E' do Booth

— «Riozinho».

— «Gaiola».

— Aquêlê ali?

— E' um «vaticano» da Amazon River.

— E aquêlê outro?

— E' da Lampert.

Estendidos em linha, diante dos grandes armazéns de ferro da Port of Pará, os transatlânticos, e os gaiolas, e os costeiros, na claridade da manhã, são a decoração expressionalista de uma alegoria do trabalho.

A esquerda, a touceira verde da ilha das Onças, no mosquiteiro da neblina matinal. À direita, a paisagem industrial de Val de Cães, po-

voadas de mastros e chaminés, de «carreiras», e diques, de galpões de zinco e pontes de ferro, com o penacho das suas caldeiras toldando o céu claro. Adiante, entre meia dúzia de pequenas ilhas decorativas, aparadas e redondas como touças de capim, a fortaleza da Barra. Depois, mais além, sob a copa verde das grandes mangueiras antigas, o Pinheiro, com as suas pontes e os seus banheiros de pau-a-pique.

Com o vento manso que soprava de popa, a canoa ganhou cedo o «furo» do Maguari, entre o Pinheiro e a ilha de Caratêua. Nas margens do «furo», o Curro Modêlo, as matas, os sítios, montarias lentas de lenhadores e pescadores, barcos de rado, a nódoa coagulada do tijuco.

As garças brancas e pardas descrevem arabescos ornamentais sobre o rio, voando no céu limpo.

A canoa, na confusão daqueles furros e braços, vai navegando de vagar, entra no rio de Bemfica, dobra o cotovelo, penetra na bôca do Maguari-assú.

O mangue perfila-se no pantanal das margens, enterrando as múltiplas raízes no tijuco reluzente, num esforço desesperado para não submergir. Os socós e as arirambas, os macaricos e pavões, descrevendo parábolas no céu, roçam as asas ligeiras sobre as águas mansas do rio.

Um grupo ralo de casas pobres, na margem esquerda. Os caboclos, parados à beira do rio, sobre os barrancos de tabatinga, olham a canoa com uma curiosidade tranquila, sem se moverem. E' a povoação da «Bôca». Gente humilde. Uma unanimidade preguiça naquelas fisionomias paradas. Encostados nas árvores ou nos esteios das barracas, mãos nos bolsos, cigarro de piquiri atrás da orelha, os homens olham o rio sem inquietação. As mulheres, acoradas no chão, de saias enrodilhadas e prêsas nos cós, fumam cachimbo. Outras, com os filhos de peito enforquilhados nas ancas, olham as canoas que passam.

A canoa abica no tijuco.

— Aguenta!

Leôncio apara a pancada, agarrando-se nos paus da ponte.

— Maré tá enchendo! Já deu a crueira.

Leôncio gostava de espantar as mágoas. Banzando a voz no ritmo da canoa que balouçava, repetiu a velha toada dos canoeiros do Salgado:

«Vai-se a maré, depois vorta.

Vai vortando intê qui encha.

São as águas que pecaro,

Tão fazendo penitência» (1).

Equilibrando-se na concha estreita do casco da canoa, que dança em cima d'água, Mestre Chico e Anastácio saltaram. Leôncio ficou. Remanchando de propósito. Os outros se foram para a casa grande, com todo o pessoal que estava na beira do rio. Leôncio amarrou a canoa, devagarinho, dando tempo ao tempo.

Até que Luizinha chegasse... Toda de branco, sorriso na bôca, flor no cabelo, sacudindo as saias, ela havia de vir, como nos outros dias... Vinha como quem não quer nada...

— Bom dia, Luizinha.

— Achi, Leôncio, Você por aqui? Bom dia! Quando chegou?

— Cheguei agorinha mesmo.

— Que há de novo no Pará?

— Nada, Luizinha, tudo «véiu».

(1) Raul Bopp.

Cavavam-se silêncios largos entre êles. Luizinha, arrancando as pétalas amarelas duma flor sem nome, espreguiçava os olhos sobre o igarapé, numa ausência, longe de tudo...

Passavam coisas pela cabeça dele. Pensamentos que se atropelavam. Largando num pulo ágil a canoa, Leôncio saltou para a ponte.

— Que é que «tá» pensando, Luizinha.

— Nada não.

E ia-se embora, aos pulos, contente, sem dizer adeus.

★

Mas, naquela manhã Luizinha não veio. Teria havido alguma coisa? Ia apostar que o filho do coronel Bento estava na «Bôca». Ainda acabava fazendo uma asneira. Aquêlê pelintra sem vergonha estava com más tenções... E Luizinha? Era possível que Luizinha desse confiança a êle? Depois, no espírito inquieto de Leôncio oscilava uma dúvida perpétua... — «Luizinha gostaria mesmo de mim? Ela é tão esquisita! As vêzes, penso que ela gosta. Mas, de repente... Não, ela não gosta! Também, um consôlo eu tenho: ela não gosta de mim, mas não gosta de ninguém! Por que aquela indiferença de Luizinha? E êle sofria com o mistério daquela natureza feita de curvas doces e ásperas arestas, que desconcertava e seduzia com o seu enigma todos os homens das redondezas.

Ele nunca tinha dito nada a Luizinha. Cmo é que ela havia de adivinhar? Estava resolvido: ia aiar-lhe. Não passava daquele dia. Aquilo assim é que não podia continuar... E caminhou para a «casa grande» de «seu» Pedro, onde todo o pessoal da «Bôca» se reunia nos domingos para saber as novidades do Pará. Chegou lá e ficou desapontado. Luizinha nem lhe deu atenção. Estava conversando animada, com o filho do coronel Bento do Bemfica. Sentiu um ódio dentro do coração. Uma dor fina estalou-lhe nos pulsos...

Nem pôde falar, com a garganta encaroçada de raiva.

— Essa tipa tá fazendo pouco de mim. Eu vou lhe dá um ensino...

Sentou-se junto da Ritinha, filha do Antunes do Curro, para fazer raiva a Luizinha. Mas, não soube dizer nada. Não podia falar...

Luizinha, conversando em voz alta, era contra o casamento.

— Casar? p'ra quê, gentes? E haverá homem que valha a pena se viver tôda a vida com êle? Depois, homem não gosta de ninguém: se acostuma... Eu não quero me casar, porque não acredito em amor de ninguém!

Luizinha era instruída. Estudara no colégio da Quinta Carmita. E sabia falar com o desembaraço das mocas da praça. Nem parecia do «sítio».

Quindo-a, Leôncio sentia o coração dar-lhe pinotes dentro do peito. Admiração e despeito misturavam-se confusamente no espírito dele.

— Fingida! rugiu na cólera do seu silêncio.

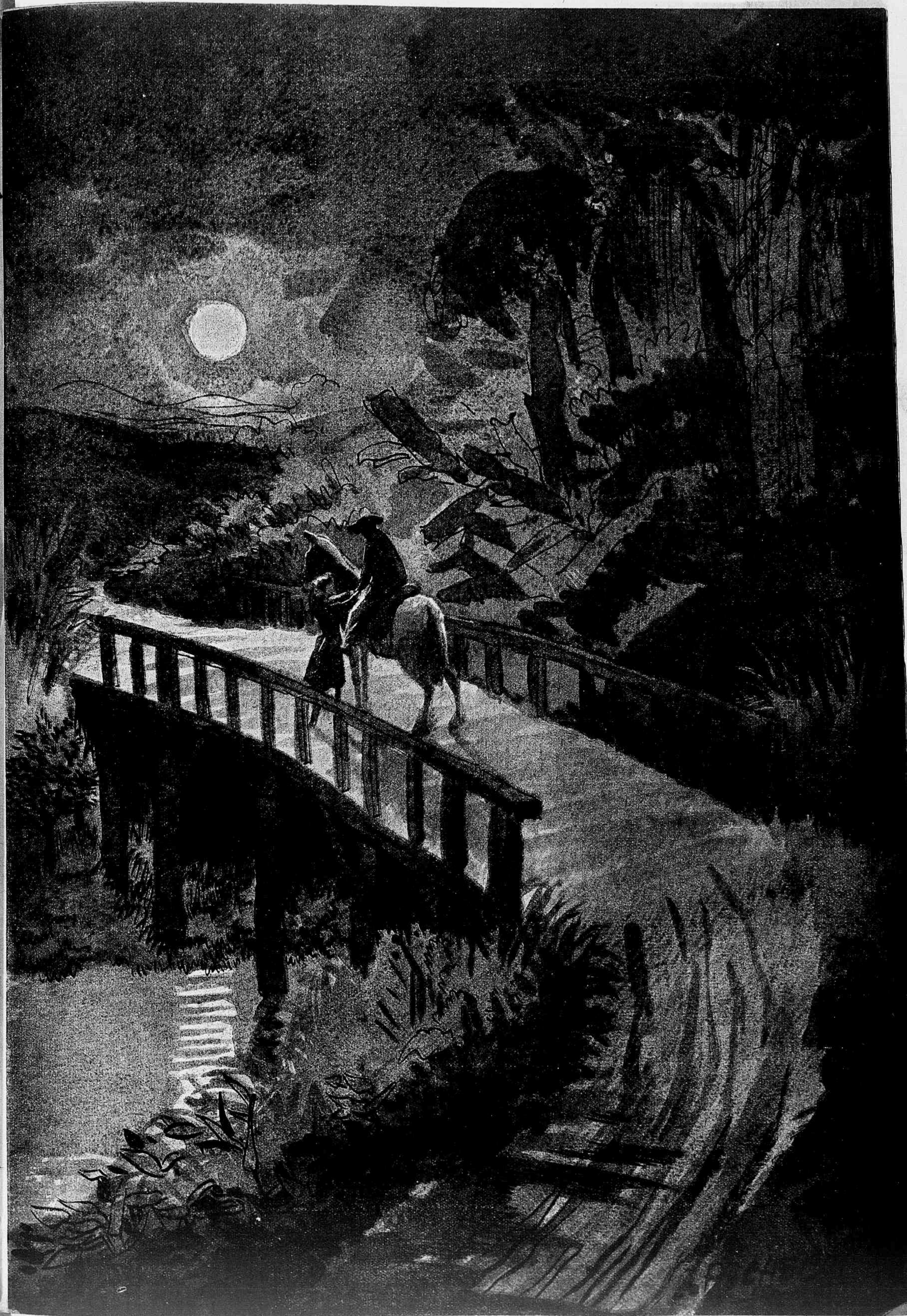
De súbito, Leôncio propôs aos rapazes um passeio.

— Vamos hoje de noite tomá banho na cachoeira, pessoal?

— Vamos!

— Saímos daqui na canoa, à boquinha da noite, e esperamos lá, nas pedras da cachoeira, o nascê da manhã.

(Continua na pág. 50)





Nossa casa era doce e tão deliciosa. Difícil ver uma
nova assim. Tudo nas noites, como nas noites, dias
de sol, com o céu em guardanapo sempre aquele
amarelo de todos os dias, de contato avulso.

Mãe foi a primeira a notar o colorido preto. Minha mãe
aproveitava as suas tranças sobre o cabelo da cabeça e quando
elas caíam — amarelavam — o cheiro do meu gosto — cuidava
de arranjá-las logo.

Tia Vidinha, tio Lula, primo Roberto. Todos três uns
quêres de amigos nossos. Minha mãe sempre elogiando
a Vidinha. Ela estava sempre em nossa mente, como
qualquer coisa extraordinária. Em nossa conversa íntima
que sempre tinha em si algo que ficava no centro, perfun-
do e enfeitado. Então, ela estava em nossa alma,
em nossa alegria, em nossas palavras. Nós quatro, minha
mãe, meu pai, Vilma e os irmãos pequenos por tia Vidinha.
Quanta vez em que se abençoava minha mãe se lembrava
da Vidinha que ela queria ter. A menina nas-
ceu em 1914 e eu nasci em 1915. Só tinha o Ro-
berto. E ao não ter o irmão porque eu chorei três
dias inteiros com a falta do sorriso de tia Vidinha. Foi
apenas ela que me fez passar por ela. Afinal, tantos anos
esperando uma menina e agora vinha tia Vidinha
roubar a minha felicidade. Já não queria toda a minha vida
e já tivesse Vilma.

Minha mãe estava chorando e eu sentada na beira da
cama, a olhar em silêncio.

— Para Vidinha eu sou capaz de dar sim.

Mãe foi, com aquela cara trinta na testa, olhando a
placenta de Vilma brincando no ar como se quisesse
passar alguma coisa invisível, parecia refletir nas palavras
de minha mãe.

— Tia, responda.

— Ora, Paulo, Vidinha e eu somos quase a mesma pes-
soa. A casa é quase a mesma, só atravessar a rua...
que a casa não está aqui.

— Embora, não acredito que seria capaz...

Minha mãe ria um riso franco, fruindo a nossa emoção
por Vilma.

Eu tinha nove anos e media palavra por palavra. Von-
tade de receber Vilma. Levar para uma caverna distante
das mãos de história. Vilma era qualquer coisa
de minha, pertencia ao mundo à minha imaginação, ao
meu pensamento. Todas as crianças tinham irmãos. Só
eu não tinha. Só eu vivia como Roberto, rezando,
pedindo a mãe para ganhar alguém que me ajudasse a
cuidar do "filho", o velho gato que tinha a minha idade.
Meu pai e trouxera para casa quando eu nasci. Sim.
Nada havia que me fizesse separar de Vilma. Ela
estava nas minhas mãos quando eu brincava sozinha,
muito antes de nascer nos braços de minha mãe. Foi eu
que a busquei, fui eu que a chamei. Até o nome já tinha.
Minha mãe achou Filó, mas eu pedi tanto e contei que
quando falava sozinha — ela me compreendia por isso, eu
não estava só. Era Vilma brincando comigo. A Vilma
que eu desejava no meu mundo, dentro de ter uma irmã.
Fazia um mês que minha mãe me dera Vilma. Estava
fina de vestido azul. Meu pai também estava de roupa
nova. Onde estava Ana me puxou pelo braço e saiu
correndo para a varanda. O cheiro de jasmim me fazia
um arrê. O jasmim invadia a casa. Era aquele cheiro
que senti quando encontrei Filó deitada na sala do Lula,
toda branca, envolta de jasmim, e todos choravam nos
cantos da sala. Alguém me falou que Filó morreria.
Morreu... o que é morrer? Como será morrer?...

Desde aquele dia não podia cheirar jasmim. Ele parecia
o cheiro da morte...

Mãe voltava de tarde. Meu pai estava silencioso. A
rua da festa sempre mais funda.

— Amanhã terá o resultado, filha. Descansa. Não há
de ser nada. Talvez pensar em coisa pior. Não há de ser
nada, se Deus quiser.

Minha mãe chorava. Desde que a vi chorando, comeci
a espionar. Algo se estava passando em minha casa.
Tudo era doce, a mesa tão alegre, tia Vidinha sempre
ali, e agora... seria por causa de Vilma? Seria o que?

Meu pai levantou-se várias vezes na noite. Ouvi a
tosses de minha mãe e o sono foi embora como água
derramada na areia.

No dia seguinte um homem alto tocou a campainha...
corri pela varanda e senti o cheiro da morte que vinha
do camarão dos jasmim. Foi espionar sem que nin-
guém me visse. Meu pai abriu a porta da sala, cumprimen-
teu o homem com a cabeça, recebeu dele um envelope
grande e o homem se foi. Abriu depois o envelope, leu
alguma coisa, guardou de novo e escondeu atrás de si.
Foi entrando o vazarinho para o quarto de minha mãe.

Nunca mais minha mãe me beijou. Meu pai parece que
se esqueceu de mim e de Vilma. Vilma passou para o
meu quarto e só Ana tratava da gente. Eu jurava que
alguma coisa triste estava se passando ali, mas não podia
adivinhar o que fosse.

Não sei me lembrar muito. Apenas que o perfume da
varanda aumentava, aumentava e uns dias depois eu vi
minha mãe na sala, tal qual a Filó na casa do Lula. Tia
Vidinha estava em São Lourenço. Nunca mais veria
minha mãe, e eu pensava que assim seria melhor.
Tia Vidinha talvez morresse com a morte de minha mãe.
Que ingenuidade eu tinha na época de tia Vidinha!

Em tais dias todos os dias. A cor do céu, as mesmas
árvores. Meu pai olhava fixamente a janela e seus olhos
eram duas aves que se moviam pelo espaço a fora.
Eu lembro de minha mãe que se foi. Cada dia que
passava eu sentia que meu pai detinha. Pensamento
longo, vazio, distante... Na cadeira de balanço, era como
passar as horas que se iam. Pan, pan, pan, pan.
dentro da noite também. Logo se misturava aos
meus sonhos e eu não sabia mais quem era tia Vidinha. Vilma...

Meu pai estava doente. Aquela tosse parecia um fantasma dentro da noite, teimando, teimando... Quando eu já tinha me esquecido do cheiro forte e antipático do jasmim, ele voltou como um pédo mado. As primeiras flores, minhas primeiras ânsias de medo. Aquela cheiro me deixava esquisita, triste, fazendo voltar o meu pensamento à figura de Filô, deitada na sala de Lula.

Meu pai tosse sempre mais. Um dia despediu-se dizendo que ia ao médico. Ficamos as duas só com Ana. Que estação de águas tão grande que tia Vidinha estava fazendo... tanto tempo e não voltava nunca... talvez não tenha havido uma espera tão grande em minha vida, como aquela de esperar tia Vidinha.

De manhã ouvi a voz do jardineiro. Era um velho bom com um sotaque português, que sempre me trazia balas. Corri para o jardim e vi a Ana falando com ele. Meu pai tinha ido para um sanatório, foi o que ouvi. E aquele cheiro de jasmim aumentava. Pedi ao jardineiro para cortar o jasmim. Ele riu e passou a mão pela minha cabeça. O jasmimiro continuou lá como qualquer coisa de agouroiro, qual sinal de terror, de funebre.

★

Alguns meses mais tarde fomos levadas por Ana a uma fazenda em Minas. Fomos como para um passeio bonito. Mal podíamos adivinhar que já não tínhamos a nossa casa e que meu pai já não estava vivo. Pensava em meu pai e continuava a ver minha mãe de azul, com as duas tranças por cima da cabeça, e a alegria de nossa casa antes de Vilma nascer. Naquele tempo eu só podia desejar Vilma. Agora, quantas coisas vivia desejando...

A fazenda fôra alguma coisa de novo para mim. Coisas inéditas trouxeram, durante algum tempo, a minha cabeça ocupada. Sempre, porém, meu pensamento tornou-se mais de Vilma do que de outra qualquer coisa. Lá na fazenda tínhamos que chamar tia para uma velhota gorda, que até hoje não sei dizer se ela era má ou boa. Era uma dessas criaturas estranhas, que resmungam, xingam e escorregam a toda hora. Aquela "tia" saía muito a contragosto, mas enfim dali estava vindo ainda alguma coisa para que não ficássemos na rua. Se ela ainda fosse como tia Vidinha, pensava. Tão gentil, tão carinhosa, de maneiras tão delicadas, assim seria muito melhor...

Meu pensamento, enquanto catava feijão nas tardes, voava para a rua das Laranjeiras, para a nossa casa, tudo... e tia Vidinha? E Roberto? E tio Luís? Mas tudo era o silêncio. Nunca mais... Foi como se jogasse uma pedra no rio, tal a rapidez como tudo se tinha passado. A amizade de tia Vidinha, a nossa casa, minha mãe e depois meu pai. Eu continuava pensando em Laranjeiras e na ternura que ainda existia por tia Vidinha.

★

Um dia Vilma teve febre. Assustei-me horrivelmente. Teve febre mais outros dias. Começou a ficar pálida. Já não se alimentava. A tia gorda da fazenda estava aflita e sentiu que precisava um médico. Devíamos vir ao Rio para consultar e depois voltássemos, já se acostumara com a nossa companhia, ia sentir falta. Queria que voltássemos. Dei o primeiro beijo na tia gorda da fazenda, e na véspera do Natal, Vilma com seis anos e eu com 15, empreendemos a grande viagem para o mundo da realidade da vida.

Voltamos à rua das Laranjeiras. A única coisa que me ocorrera fôra a casa de tia Vidinha. A minha táboa de salvação era o quarto que ela havia arrumado em sua casa e quando eu queria ir dormir lá, dormia. Era meu, como em minha própria casa. Chegamos lá como autênticas defuntas, tal era o nosso cansaço. Batemos. Eu tremia quando pus a mão na campainha, só de emoção. Jurei não olhar para a casa que fôra minha, mas qualquer coisa me chamava de leve e eu chorei de alegria quando a vi. Parecia que ia ter um ataque quando visse tia Vidinha, tal era a minha certeza de que nela estava toda a nossa salvação. Veio primeiro Roberto. Calças compridas, meio homem, meio estranho. Logo após, tia Vidinha, tio Luís. Estendi a mão, chorando, para tia Vidinha. Mas a minha vontade era me agarrar ao seu pescoço. Seria como ver um pouco de minha mãe. Tia Vidinha, meio diferente, não ligou minha mão. Olhava desmesuradamente Vilma, como se estivesse assistindo à morte de alguém. Indagou, indagou, e disse:

— Não. Esperem aí.

Chamou Roberto para dentro e tio Luís, enquanto ficamos esperando na porta da rua. Ana com Vilma nos braços e eu ainda segurando a maleta pequena. Eu tremia, acompanhando a tremedeira de Vilma em febre alta. Só melhorei da tremedeira quando me vi debaixo do amontoado da casa de tia Vidinha. Uma cama improvisada para Vilma, em cima de uns caixotes de querosene. E eu, muito comprida, só podia ficar recostada no colo de Ana para não bater com a cabeça no teto que tia Vidinha nos tinha emprestado para aquela noite. A noite passou velando Vilma em delírio. Havia um cacho de bananas pendurado, amadurecendo. Os meus olhos se fixaram nele, enquanto interrogava a mim mesma como se pôde chegar a conhecer alguém.

Ana foi à cozinha buscar água para a sede de Vilma. Contou-me tudo. Tia Vidinha dissera que Vilma estava tuberculose. Trouxera a doença de nascença. Nasceu quando ela começou a sentir-se doente... Mandara-nos para o porão com medo dela...

— Você tem medo, Ana? — falei.

— Boba, você, menina. Medo de quê? Tadiada...

Eu beijei Vilma e ela também.

(Cont. na pág. 56)



ILUS. DE ORLANDO MATTOS



"Lúcia:

Acabo de ler sua carta. Outra qualquer, em meu lugar, não responderia. Ignoraria, ou fingiria ignorar, suas causticantes palavras. Mas eu respondo, Lúcia. Respondo, em primeiro lugar, porque você é minha irmã, em segundo, porque, se não há, de minha parte, necessidade de justificativa há, no entanto, um desejo veemente de compreensão. Veja bem, *compreensão*. Não perdão, ou desculpa, que isso implica idéia de erro, de pecado. E eu não errei, nem pequei, minha irmã. Não há nada, entende você?, nada neste mundo que me faça encarar meu procedimento sob esse prisma. Amar um homem, de todo o nosso coração, com o que de mais puro existe dentro de nós, com um sentimento de ternura, de dedicação que chega às raízes do desprendimento, será isso pecar? Será pecado esse amor se, sob seu domínio, elevamos constantemente nosso pensamento a Deus, pedindo-lhe que dê aos outros homens e às outras mulheres uma felicidade igual, feita de paz, ternura e devotamento? Será pecado um amor que nos torna melhores, que nos eleva e purifica? Talvez você julgue isso uma blasfêmia de minha parte, mas, desde que encontrei Henrique e o amei, aproximei-me mais de

Deus, acreditei mais em sua divina sabedoria, proporcionando-nos, a nós, míseros humanos, com uma bondade e misericórdia infinitas, a faculdade de amar e, mais que isso, a estuante seiva para saborear e retribuir esse mesmo amor.

Abordemos agora o motivo contra o qual, como você me escreveu, mais se insurgiu sua sensibilidade de mulher: segundo suas próprias palavras, não há, em nenhum código de honra e moral do mundo, uma lei que justifique o procedimento de uma mulher, viúva há tão pouco tempo, "andando às claras na companhia de outro homem". E, ainda: "sem pudor de nenhuma espécie, não respeitando sequer a filha de dezoito anos, cujo futuro irá, naturalmente, prejudicar".

Minha filha tem dezoito anos, é verdade, Lucinha, mas você por acaso se lembrou, no momento em que me escreveu, quantos anos tenho? Lembrou-se com que idade me casei? Recordou-se que meu casamento se realizou um mês depois que eu completei dezesseis anos? Por certo isso não ocorreu à sua memória, nem que é raro u'a moça contrair matrimônio nessa idade... Você mesma, não estou dizendo isso para arreliá-la, tinha já vinte e oito anos completos quando se casou. Estou invocando essa questão de idade, não por uma mesquinha vingança de mu-

CONTO DE LOLA KNEIP DE MELLO ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR

lher, mas para que chegue ao seu entendimento e ao seu coração um pouco de bondade para julgar, de justiça para não condenar. Quando embalei minha filhinha pela primeira vez nos braços, minha irmã, tive a impressão de que ela era ainda um de meus bonecos. Você sabe que eu não a amamentei; não porque não quisesse, mas porque meus seios eram ainda mal formados, pequenos demais, para que eu pudesse cumprir com êxito e orgulho minha missão de mulher, que a maternidade abençoou.

E agora, ouça o que estou desde o princípio tentando dizer-lhe: o amor de Henrique, ao invés de me conspirar, de me humilhar, exaltou-me e engrandeceu-me. Você sabe o que foi minha vida de casada, desde o princípio. Primeiro, aquele ciúme louco de meu marido, que não me permitia sequer olhar para os lados, quando saíamos juntos. Vocês se riam e diziam: — "Ora, isso é amor. Só quem ama tem ciúmes". Para vocês era fácil dizê-lo, mas a mim, quanto me custava aturá-lo! Sentir-me vigiada e suspeita como uma criatura à toa, cuir insultos e palavrões como se tivesse vindo, não do seio de uma família honrada, mas de um prostíbulo! Você, que se casou com um rapaz educado e decente, pode avaliar o que seja isso? Passar as noites chorando, chorando sem consolo e sem esperança, como um crente chora aos pés de seu deus, feito em pedaços? Sim, porque aquilo era idêntico para mim: tanto sonhara, tanto idealizara para a minha vida de casada! Você se lembra de nossas conversas? "Meu marido será o melhor homem do mundo: bom, carinhoso, compreensivo. Um companheiro perfeito. Nada lhe ocultarei, serei a mais fiel, a mais terna de todas as mulheres. Anima-lo-ei nas horas de desânimo, hei-de acariciá-lo caso ele esteja triste e abatido, nada lhe exigirei, nada, a não ser muito amor, muita dedicação. Você há-de ver, meu lar será o mais feliz do mundo!"

No entanto, alguma coisa disso aconteceu? Ah! vocês não souberam nem a metade, meu orgulho lhes escondeu sempre o pior! Se eu me casara contra a vontade de todos, se, pelas noites a dentro, enquanto chorava, me vinha sempre à memória a frase, ainda repetida na hora em que eu ia para o altar: "Você vai se arrepender"! Arrepender-se! Se, arrependida, a gente pudesse voltar atrás! De novo idealizar, reconstruir, sabendo agora escolher! Mas, eu não pude voltar atrás. Minha filha chegou. Foi um escape para meu sofrimento, um derivativo para a ternura que me enchia o ser e que não encontrara em que ou em quem se fixar.

Sim, porque desde o meu primeiro dia de matrimônio, desde o primeiro choque com a realidade das coisas (que realidade diferente eu desejara! Sentia aquilo... a brutalidade da posse, o decantado amor aos homens?... meu coração como que se fechara, perdido de surpresa e de dor.

Depois que Vilma chegou... sim, eu comencei a abrigar a esperança de que tudo mudaria. Mas nada aconteceu... Pelo contrário. O choro da criança nada mais fazia que irritar aquele que, por uma cruel circunstância, se arvorara em senhor do meu destino.

Vilma cresceu... E nada mudou. Na idade em que a maioria das moças se diverte, anda em bailes e festas, pensando em vestidos bonitos, sonhando com o príncipe encantado, eu cuidava de minha filha, arcava com os trabalhos de minha casa... e curvava a cabeça aos insultos e às grosserias. Por que não me separei? Você sabe o que é uma mulher separada do marido, principalmente no interior. Depois, havia minha filha. Quando eu fitava seus olhinhos claros, seu sorriso sem maldade, sentia a doce pressão de seus bracinhos em redor de meu pescoço ou escutava-a chamando-me: "ma-

(Cont. na pág. 52)

Amor

A VIDA DE COROT

(JEAN BAPTISTE CAMILLE COROT — 1796-1875)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

SÃO três horas da madrugada. O sol ainda não nasceu. O pintor aconchega-se embaixo de uma árvore. É pequeno, troncudo, vivo, com um rosto enrugado e forte, um brilho bem humorado nos olhos, lábio inferior saliente, punhos e músculos de aço e coração de uma criança. Olha o lençol cinza da aurora, e canta. Simples, natural, alegre com o próprio pensamento de estar vivo, canta com os pássaros para o dia que vai nascer.

Canta e espera. Na neblina cinzenta os vagos contornos das coisas apenas podem ser vistos. Há um perfume fraco no ar. A relva leve treme na brisa.

Subitamente, aparecem os primeiros raios do sol. As flores acordam, cada uma com uma gota trêmula de orvalho. Os pássaros, ainda invisíveis em sua catedral da floresta, iniciam o hino da manhã. A neblina se levanta, como uma cortina, diante de uma nova peça, revelando a lâmina prateada do rio, as árvores, os casebres e o céu delicadamente matizado, lá no alto. O cenário estende-se ante os olhos do pintor.

E agora, o sol já se levantou. O céu está abrasado. Mas a luz, sobre a terra, é ainda pálida e acariciante. No fim do campo há um camponês com sua carroça e seu boi. O tinido da campainha do carneiro. Um viajante, sobre um cavalo manchado, surge no cimo da montanha e depois desaparece no abismo. As brancas e esbeltas bétulas parecem caminhar, através do ar vibrante pelas margens do rio. Bétulas brancas, relva verde, ar azul-fresco, delicado, vivo. E o artista, ainda cantando, pinta tudo isso. Um camponês deixa o trabalho e se põe atrás dele. Espia o quadro por sobre seus ombros.

— C'est bien beau, m'sieu. O senhor faz seus quadros falarem...

É tarde. O sol despertou o mundo. O ar está pesado, sonolento, silencioso. As flores inclinam as cabeças. Os pássaros estão mudos. Apenas um simples som é ouvido — o martelo do ferreiro da aldeia. Ding! Ding! Como bate ritmicamente, sobre a bigorna! E agora o martelo silenciou também. É a hora do descanso. O pintor vai almoçar na fazenda. Uma espessa fatia de pão, manteiga, queijo, ovos, presunto. Ah, mas como está bom! E então, depois deste salutar almôço, uma curta sesta. Sonha com seus quadros. Mais tarde, pintará esses sonhos.

O sol caminha em direção ao horizonte. O ar vibra, como se lascado pelo bater distante de um tambor. Trabalhar de novo! Precisamente a mesma paisagem, com um espírito diferente, vista sob uma luz diferente. Que mudança de fisionomia, de contornos, de sombras, de harmonias — de pensamentos. Por que, sob o pincel deste mágico, a paisagem fala e pensa.

E agora o sol desmaia no oeste. Desce, numa mancha amarela, laranja, escarlate, cereja, púrpura. Uma ostentação pretensiosa e vulgar. Não uma cena para este artista. Porque ele prefere a Natureza em seus aspectos mais calmos. Senta-se portanto num álamo, e espera. As flores parecem cansadas. Mas, ao contrário das pessoas cansadas, não se queixam. Estão com sede. Mas esperam. Sabem que terão sua taça de orvalho, à noite. São pacientes e gratas a Deus.

O último raio do sol está agora mergulhando no horizonte. Riscos de ouro e púrpura franjam as nuvens. É preferível assim. Crepúsculo, ternura, paz. O sol se foi. O céu está velado por um vapor de um colorido pálido amarelo, o último reflexo do sol. E, como o crepúsculo mergulha na noite, o céu é um tecido delicado de verdes e turquesas, de cinzas e marfins. As águas do rio refletem os tons delicados do céu. Tudo é vago, confuso — o momento de cansaço em que é visível se funde no invisível. A Natureza está sonolenta. Os pássaros terminaram a oração da noite. Foram dormir. As ninfas saíram de seus esconderijos, e dançam entre as sombras das árvores. Silêncio!

Pare seu canto, ou irá assustá-las e de novo se esconderão. Pôr do sol, silêncio, noite. Caindo do céu, uma estrela mergulha num brejo. E a água reflete a luz, numa agitação leve de sorrisos de prata. Outra estrela, e outra — três, seis, vinte, milhares! Tudo é treva, exceto as estrelas e o brejo — um enxame de abelhas douradas refletidas na água. Noite, ilusão, sonhos. Planos para o dia seguinte. Novas paisagens, novas visões, novos segredos da Natureza para capturar e interpretar nas telas. Mas por hoje o trabalho está feito. "Meu Pai Celeste apagou a lâmpada, e eu devo parar"...

Tal é um dia típico de Corot, o poeta-jantor que conseguiu representar não somente a forma, mas a psicologia da Natureza. Como Bonsels, Corot transmite a cada árvore, cada flor, cada pedaço de relva, uma personalidade individual e uma alma viva. O mais belo tributo até hoje prestado à arte de Corot foi a observação simples do camponês: "O senhor faz seus quadros falarem"...

II

O nome com o qual foi batizado, Jean Baptiste, foi profético. Porque, como João Batista, acabou por ser o precursor de uma nova religião. A religião de uma arte revitalizada. Uma arte de simplicidade, sinceridade, consciência. Suas paisagens são preces em cores, poemas de adoração às mais doces belezas da Natureza.

A própria vida de Corot era um doce poema de generosidade e talento. Entretanto sua vida começou num período tempestuoso da história do mundo. Porque 1796, o ano de seu nascimento, foi o período de transição entre a tempestade da Revolução Francesa e o tempestuoso holocausto das guerras napoleônicas. Cresceu numa geração de sangue e terror, de ambição e intolerância, de ódio, desonestidade e vingança. Mas seu caráter nunca foi atingido pela estupidez selvagem de sua época. Porque ele foi feliz no salutar amigo aconchego de seu lar. Seu pai era cabeleireiro e sua mãe costureira — artistas de certo modo e pessoas de almas esplêndidas. Adoravam o filho, e embora desaprovassem seu "tídir de pincéis", eram tolerantes e permitiam-lhe seguir seu caminho. Pouco antes do nascimento de Corot, seu pai abandonara o emprego de cabeleireiro e tornara-se gerente da loja de costura de sua esposa, estabelecida à Rue du Bac, um dos mais luxuosos bairros de Paris. O negócio prosperou, e Corot pai esperava que o filho também se tornasse negociante. Mandou-o para a escola e para o ginásio, e assegurou-lhe um emprego de vendedor de fazendas. Corot conservou-se no emprego durante seis anos, e depois abandonou-o pela pintura. Seu pai fez mais uma tentativa para transformar o jovem artista num negociante. Ofereceu-se para estabelecê-lo por conta própria com um capital de cem mil francos (cerca de vinte mil dólares). Corot recusou este oferecimento prático. Queria pintar. Sua mãe tentou trazê-lo à razão.

— Mon Dieu, Camille, — exclamava ela, — quem pensaria que um filho meu se tornaria tão vulgar!

Mas Corot ainda persistiu em seu desejo de ser pintor. A vista disso, os pais o deixaram entregar-se à sua "louca aventura", com um levantar de ombros bem humorado, e uma renda generosa de mil e duzentos francos por ano.

Corot subiu a estrada escarpada de Paris, dirigindo-se à Ville d'Avray e estabeleceu-se numa pequena casa, entre os camponeses. Ali permaneceu o resto de sua longa vida, cantando, pintando e esperando pela fama. E ela foi lenta em chegar, essa tardia fama de Corot. E apenas em 1840, quando já estava na quinta década de sua vida, conseguiu vender seu primeiro quadro.

III

Durante o período de formação de sua arte, fez duas visitas à Itália — não, entretanto, para estudar a técnica dos mestres italianos, mas para assimilar a beleza dos céus italianos. Durante sua vida, não admitiu outro professor que não fosse a natureza. Não copiava. Pintava sempre diretamente da vida.

— Não sigo outros — dizia ele. — Aquê que segue está sempre atrás... O artista deve interpretar a Natureza com toda a simplicidade e de acordo com seu sentimento pessoal, desligando-se de todos os velhos mestres ou dos contemporâneos. Unicamente desta maneira fará trabalho de um sentimento real. Ouça a crítica de outros, dizia ele, e depois deixe que seus próprios sentimentos o guiem. Siga suas convicções. É melhor não existir do que ser um eco de outros pintores.

E assim ele continuou em seu caminho próprio, não ouvindo ninguém e auxiliando todos. Seu pai lhe aumentara a renda para dois mil francos. Mas Corot gastava-a toda com os outros. Era o irmão extravagante de todos os jovens artistas necessitados de Paris. Alimentava-os, vestia-os e até mesmo comprou uma casa para um deles. A fim de realizar essas caridades — nunca as chamou caridades mas testemunhos de amizade — foi obrigado a pedir emprestado ao pai largas somas de dinheiro, além de sua pensão.

— Algum dia — disse ele — venderei meus quadros e então o pagarei.

Mas o pai abriu simplesmente os corlões da bolsa, e sorriu. Quem já ouviu dizer que um artista fosse capaz de pagar dinheiro a um homem de negócios? Para que serviam os artistas? Estava convencido de que Camille continuaria a vida toda uma criança tola, inexperiente e imprevidente.

Inexperiente e imprevidente, sim, até certo ponto. Mas tolo, não. Tinha a sabedoria de um grande coração. Frugal até abstinência. Corot poderia "alegrar-se com um pedaço de pão", para citar seu biógrafo, Everard Meynell. Porque seu pão era fermentado com o adubo da alegria, quando pensava que algum outro sobre diabo, um artista, estava naquele mesmo momento gozando uma refeição farta, à sua custa. Seu maior prazer consistia em emprestar, sem esperança de pagamento. Sua pequena casa era como um

estabelecimento bancário, onde toda gente vinha para retirar, nunca para depositar. Um dia uma mulher chegou à sua porta, num carro.

— Ela está bem vestida — disse o governante. — Não posso compreender como alguém com tais roupas possa estar necessitando de caridade. Se eu fosse o senhor recusaria.

— Dê-lhe este dinheiro — disse Corot, entregando algumas notas à governante. — E para o futuro faça o favor de se embrar que a pior espécie de miséria é miséria vestida de sedas.

Noutra ocasião um jovem artista veio à sua casa, enquanto Corot estava trabalhando.

— Não tenho recursos — disse o artista. — Se não me der quinhentos francos arrebitarei os miolos.

A maneira de pedir do jovem desagradou Corot.

— Sinto muito, — murmurou ele, — mas não tenho os quinhentos francos.

O jovem partiu, e Corot continuou o quadro. Mas nada sala direito, depois disso. Sua mão tremia, quando tentava manejar o pincel.

— Não, não — gritou a um amigo, que estava por acaso no estúdio naquele momento. — Era mentira. Tenho os quinhentos francos para emprestar-lhe. Isso não pode continuar assim.

E, correndo à escrivaninha, escreveu: "Cher confrère, venha cá imediatamente. Tenho o dinheiro, e está à sua disposição". Lacrando a carta mandou-a pela governante.

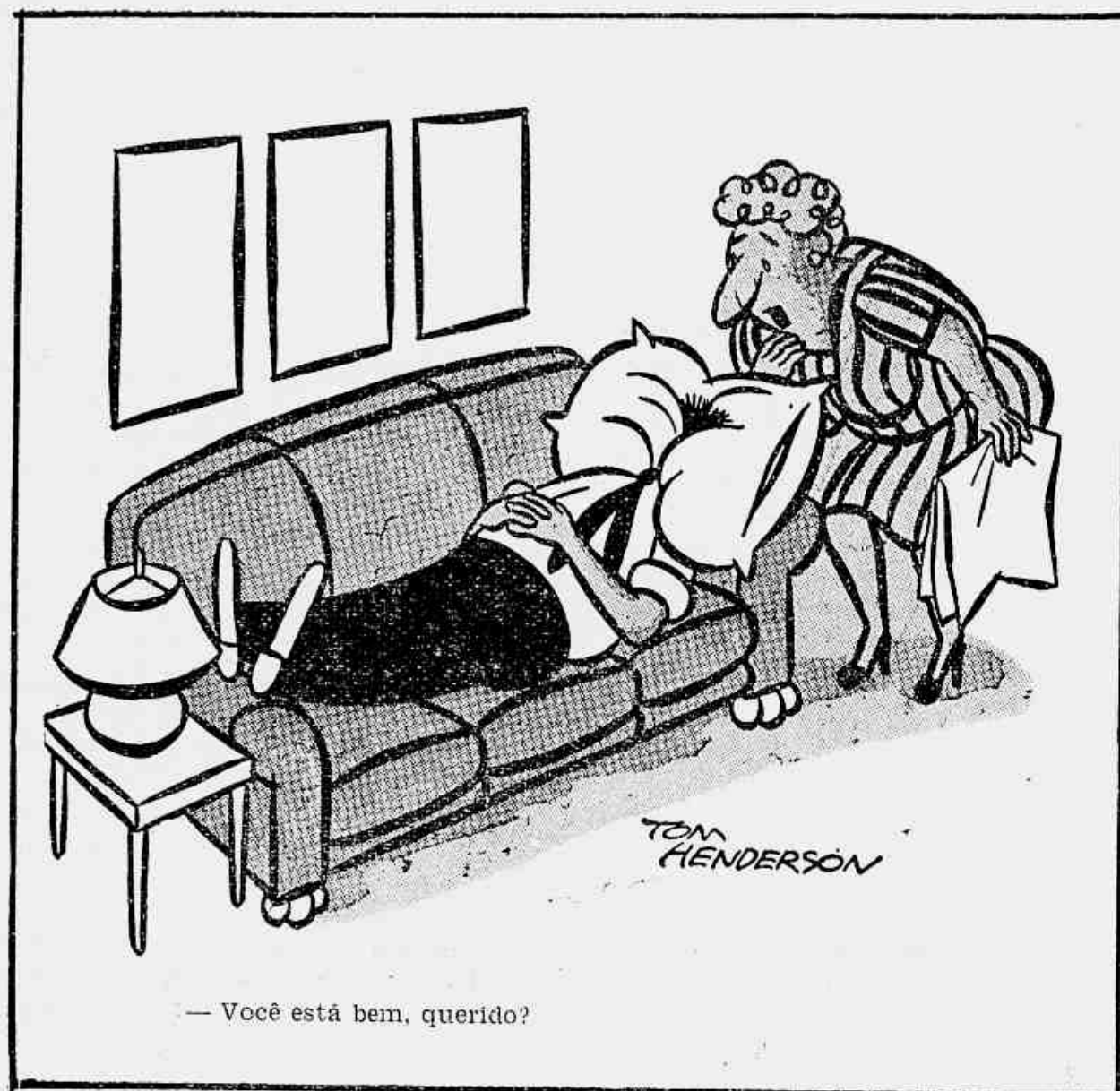
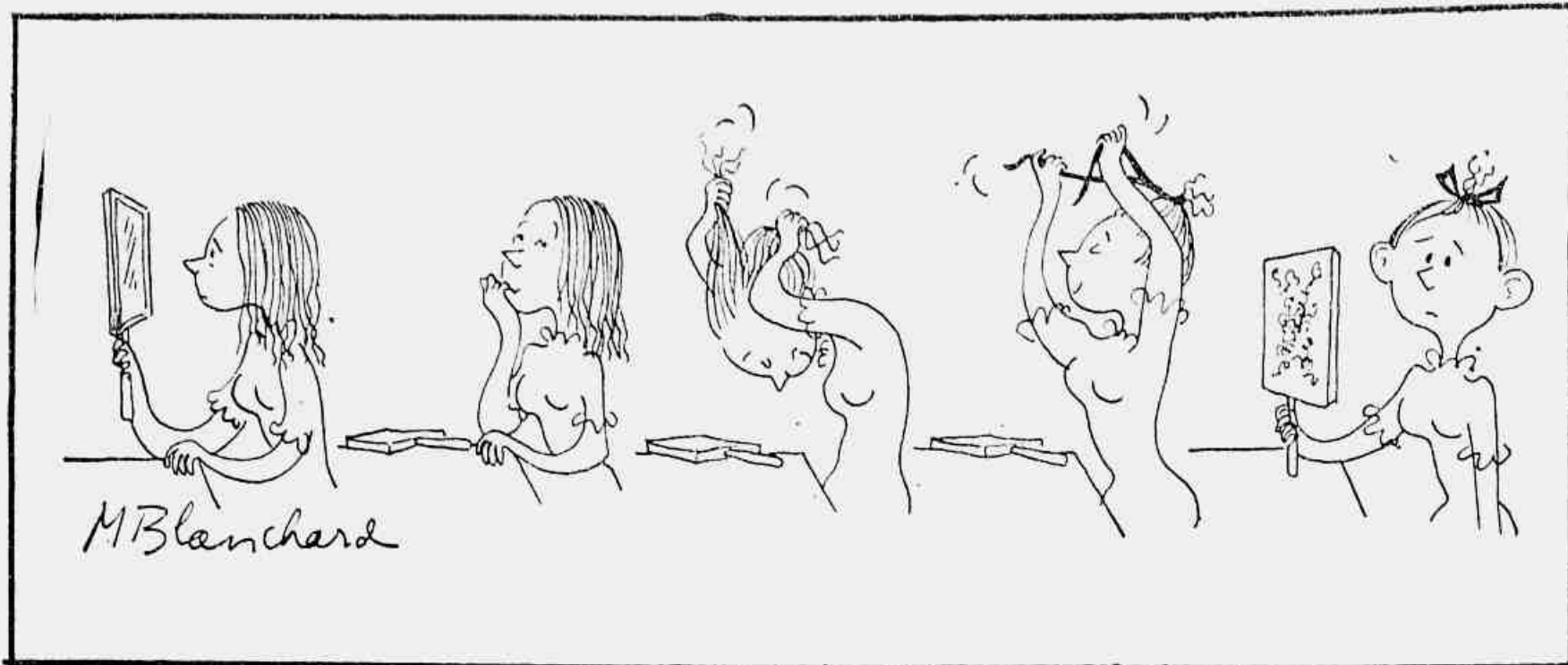
— Agora — disse ele — serei capaz de pintar um quadro.

Seus quadros eram grandes porque saíam da bondade de seu coração. E, pouco a pouco, o público foi compreendendo a grandeza de seus quadros tanto quanto a bondade de seu coração. Começou a vender suas telas, e dava os lucros aos amigos. Assim passou a vida, num círculo aureado de caridade, inspiração e camaradagem jovial. Porque não era cético, este São Vicente do pincel. Gostava de brincadeiras tanto quanto do trabalho. A noite poderia geralmente ser encontrado como centro de um grupo de gente alegre. Trocando a blusa azul do estúdio por um costume espanhol, em preto e amarelo, cantava e ria e dançava, insinuando-se no coração dos amigos. E que amigos! Havia

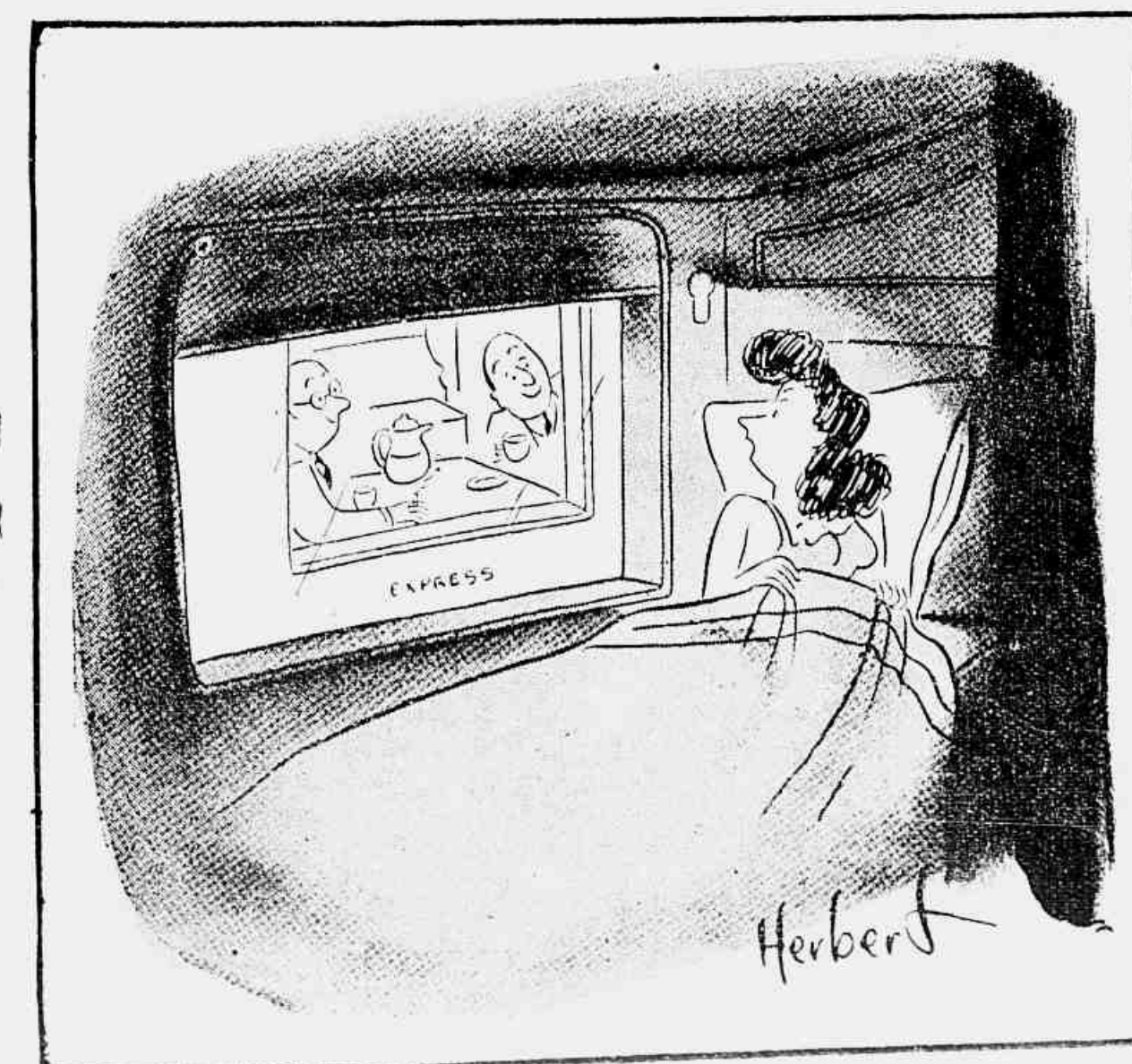
(Cont. na pág. 51)



JEAN BAPTISTE CAMILLE COROT



BOM HUMOR



ta Lucio de Mendonça, acontecida em 1905. Para se ver livre de mim, certa vez em que lhe apresentei um postal com uma linda moça e um cão, ele escreveu de um jato: "Miss, este lindo animal, que caça? Cartão postal?" E foi só, mas valeu, como demonstração de espírito. Guardei-o como lembrança. Deve estar aí no álbum.

Machado de Assis foi estimado pela família de dona Alcina não apenas como literato, mas principalmente como amigo e vizinho de muitos anos. Na sua exaltação afetiva ela chama de "injúrias asacadas à memória de seu Machado" certas coisas que os cronistas de todos os tempos andaram dizendo por aí. Injúrias porque não são verdadeiras. Exemplo: aquela história de afirmarem que o romancista possuía uma letra horrível e cheia de borrões. Pede-me dona Alcina para publicar dois dos inúmeros cartões-sinhos que recebeu do vizinho, por ocasião de seus aniversários, quando ela se encontrava em Petrópolis.

— Veja, Ignez! Veja se é possível que esta criatura tenha tido, algum dia, uma letra suja e ininteligível!

Outra coisa que a faz muito zangada é dizerem que Machado de Assis possuía carapinha.

— Se ele tivesse tido carapinha, vá lá que se dissesse, embora me pareça que ninguém lembraria semelhante fato, se ele fosse pai do presidente da República ou de um deputado qualquer. Mas enfim, era justo que dissessem, se fosse verdade. Mas não sendo, é uma coisa que não posso perdoar! Seu Machado era mulato, todo mundo sabe disso, porém o seu cabelo, em ondas largas, era igual ao de muita gente boa e branca. No tempo em que era costume os literatos deixarem crescer um pouco os cabelos, seu Machado seguiu aquela moda. E quando chegava o dia de ele ir afinal ao cabeleireiro, aparar o que estava demais, dona Carolina cortava-lhe então diversos cachinhos, com os quais enfeitava depois a própria cabeleira, em penteados complicados, como no retrato que lhe vou confiar para ilustrar esta reportagem. Tendo ela ficado grisalha antes dele, pois que era mais velha cinco anos, con-

tinuou assim mesmo a usar, durante muito tempo, o cabelo mais escuro do marido, coisa que a tornava, aos olhos dele, ainda mais interessante. Dona Carolina foi uma mulher original e de grande personalidade. Tudo que ela fazia era diferente de tudo que se tinha visto até ali. Seu Machado tinha lá as suas razões para um amor assim tão profundo, amor que, de tão espiritual, chegava a ser veneração. Ela não era bonita, porém possuía uma graça especial que dispensava o resto. Não estou contando essa história dos cabelos de ouvir dizer. Vi mesmo, diversas vezes, minha vizinha, ao chegar de alguma festa, guardar cuidadosamente numa caixa perfumada os anéis do cabelo do marido, retirados naquele momento de seu próprio penteado, onde ficavam presos com grampinhos invisíveis. Antes de os cortar ela os havia amarrado com uma linha bem resistente, do contrário não poderiam ter durado anos, como duraram. Agora diga-me uma coisa: de que maneira uma carapinha poderia ter se prestado a semelhante requinte de faceirice?

Dona Alcina conta-me então que era limpiíssima, a casa de Machado de Assis, fato que um cronista pôs em dúvida, certa vez. Limpiíssima e enfeitada, pois dona Carolina levava a vida inteira a fazer cortinas e tapetes para o seu ninho. E ali a fartura imperava. Machado de Assis não apreciava legumes. Tendo porém o médico aconselhado que ele os consumisse em grande escala, a esposa preparava então "sopas inesquecíveis", como hoje as denomina minha amiga. E os pratos vinham para a mesa quase transbordando. Esses pormenores nunca se apagaram da memória de dona Alcina porque ainda hoje ela é grande apreciadora de legumes, coisa que a autora desta reportagem não compreende muito bem, pois que os acha simplesmente desenhados.

Outra afirmativa que minha amiga rebate calorosamente é a de que Machado de Assis tenha sido "menino vendedor de bala", conforme leu ha muito tempo, não sei onde.

— Só quem não conheceu os baleiros de outras épocas (diz minha amiga) po-

*A' boa e gentil amiguinha
D. Alcina Martins Ribeiro
comprimenta o velho amigo*

MACHADO DE ASSIS

17 - Abril 1906

18, Cosme Velho

*A' boa amiguinha Alcina
envia o velho amigo*

MACHADO DE ASSIS

Muitos cumprimentos

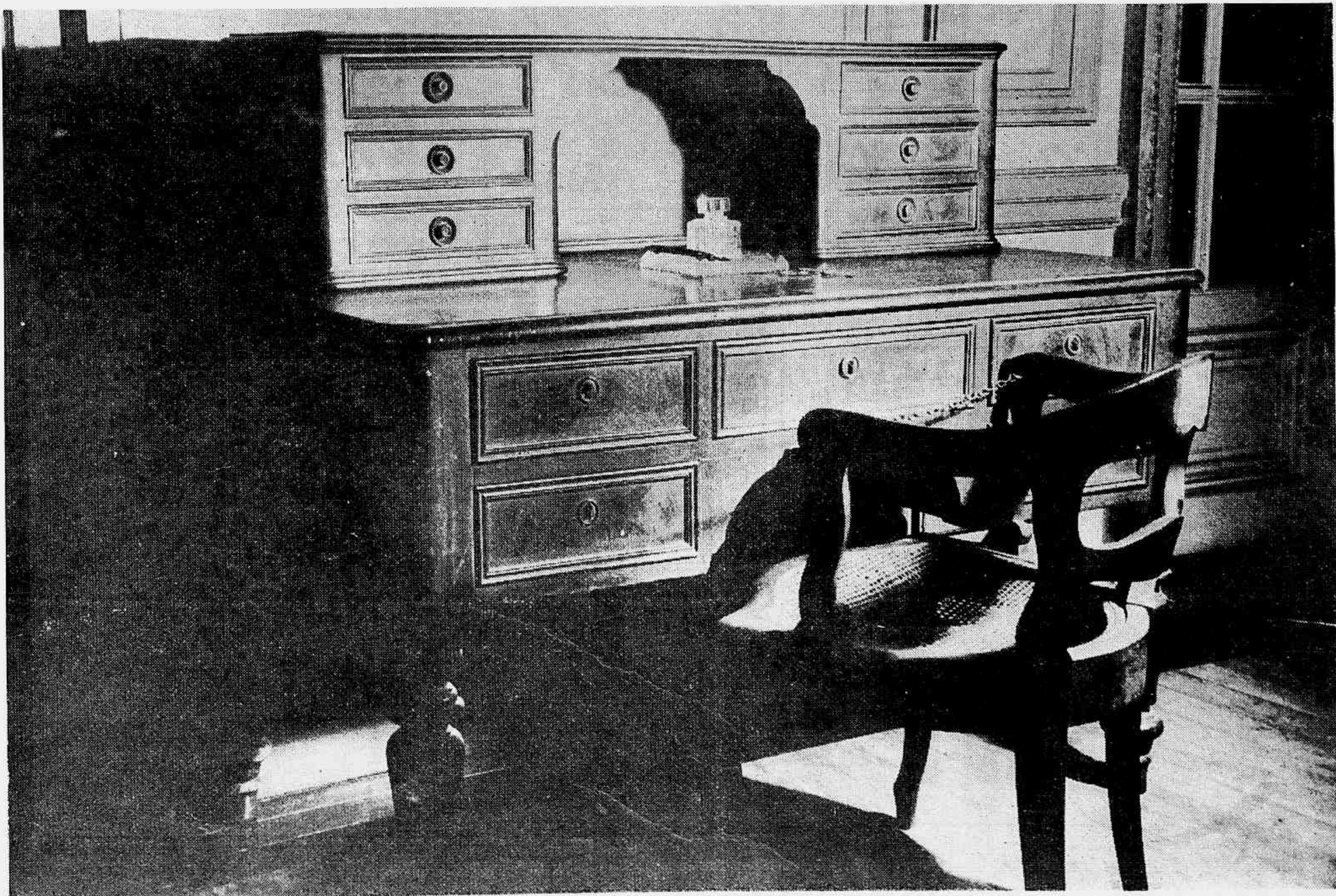
17 - Abril - 1908

18, Cosme Velho

Machado de Assis não esqueceu nunca o dia do aniversário natalício daquela que ele chamava "gentil amiguinha" e que morava ao lado de sua casa, no Cosme Velho. Estes dois cartões o documentam, — em 1906 e 1908.

derá admitir semelhante disparate. Quando me entendi de gente, seu Machado já era um homem idoso. Não fui, portanto, contemporânea de sua meninice, mesmo porque, se assim fosse, não estaria hoje

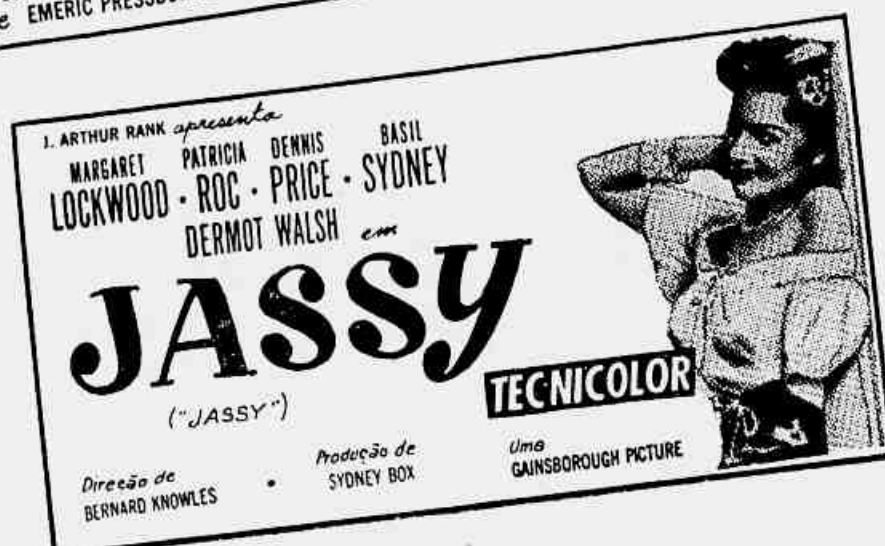
aqui, contando esses episódios, é lógico. Mas, atendendo à psicologia do meu grande amigo, posso garantir que aquela profissão nunca teria sido viável para ele. (Cont. na pág. 52)



A mesa de trabalho, a cadeira e o tinteiro de Machado de Assis, tal como são conservados na sede da Academia Brasileira de Letras.

J. ARTHUR RANK apresenta e a UNIVERSAL-INTERNATIONAL distribue em 1948.

FILMES PRONTOS PARA ESTREIAR:



A SEREM ESTREIADOS EM FUTURO PRÓXIMO:

"HAMLET"

com LAURENCE OLIVIER • JEAN SIMMONS

"O LAGO AZUL" ("BLUE LAGOON") em TECNICOLOR com JEAN SIMMONS • DONALD HOUSTON

"CRISTOVÃO COLOMBO" com FREDERIC MARCH em TECNICOLOR

"REDENÇÃO" ("BAD SISTER") com MARGARET LOCKWOOD • IAN HUNTER

Universal-International em 1948

PRODUÇÕES JÁ NO RIO DE JANEIRO
PRÉSTES A SEREM EXIBIDAS:



UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
YVONNE DE CARLO • TONY MARTIN
PETER LORRE MARTA TOREN
"CASBAH"
(*"CASBAH"*)
Direção de JOHN BERRY • Produção de NAT GOLDSTONE

UNIVERSAL-INTERNATIONAL
e FAIRBANKS COMPANY INC. apresentam
MARIA MONTEZ
PAULE CROSET
HENRY DANIEL
NIGEL BRUCE ROBERT COOTE
DOUGLAS FAIRBANKS, JR.
"O EXILADO"
(*"THE EXILE"*)
Produção de DOUGLAS FAIRBANKS, JR.
Direção de MAX OPULS

KANIN PRODUCTIONS apresenta
Ronald Colman
"FATALIDADE"
(*"A DOUBLE LIFE"*)
com SIGNE HASSO • EDMOND O'BRIEN
Direção de GEORGE KUKOR • Produção de MICHAEL KANIN

UNIVERSAL INTERNATIONAL apresenta
WILLIAM POWELL
"SENADOR INDISCRETO"
(*"The Senator Was Indiscreet"*)
com ELLA RAINES
Produção de NUNNALLY JOHNSON • Direção de GEORGE S. KAUFMAN

Universal-International apresenta
Yvonne de Carlo • DAN DURYEA
Rod CAMERON
"ASTÚCIA de uma APAIXONADA"
(*"RIVER LADY"*)
em TECNICOLOR
Direção de GEORGE SHERMAN • Produção de LEONARD GOLDSTEIN

UNIVERSAL-INTERNATIONAL
Yvonne DeCarlo • George BRENT
"ES CRAVA SEDUTORA"
(*"SLAVE GIRL"*)
BRODERICK CRAWFORD • ALBERT DEKLER
ANDY DEVINE • LOUIS COLLIER • ARTHUR TREADER • CARL ESMOND
Dir. CHARLES LAMONT • Prod. MICHAEL FESSIER • ERNEST PAGANO
em **Tecnicolor**

UNIVERSAL INTERNATIONAL apresenta
CHARLES BOYER
"VINGANÇA PÉRFIDA"
(*"WOMAN'S VENGEANCE"*)
com ANN BLYTH-JESSICA TANDY
Direção e Produção de ZOLTAN KORDA

UNIVERSAL-INTERNATIONAL
ROBERT MONTGOMERY
"Do LÔDO BROTOU uma FLOR"
(*"RIDE THE PINK HORSE"*)
com WANDA HENDRIX
ANDREA KING • THOMAS GOMEZ • FRED CLARK
Direção de ROBERT MONTGOMERY • Produtor: JOAN HARRISON

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
JOAN FONTAINE • LOUIS JOURDAN
"Carta a uma desconhecida"
(*"LETTER FROM AN UNKNOWN WOMAN"*)
com MARY CHRISTIAN • MARCEL JOURNET • ART SMITH • CAROL YORKE
Produção de JOHN HOUSEMAN • RAMPART PRODUCTION

Mark Hellinger apresenta
"CIDADE NUA"
(*"NAKED CITY"*)
com BARRY FITZGERALD
HOWARD DUFF • DOROTHY HART • DON TAYLOR
Direção de JULES DASSIN

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
EDWARD G. ROBINSON • BURT LANCASTER
"RESGATE DE UMA CONCIÊNCIA"
(*"ALL MY SONS"*)
Direção de IRVING REIS • Produção de CHESTER ERSKINE

UNIVERSAL INTERNATIONAL apresenta
"VOCÊ ESTÁ NO BRINQUEDO?"
(*"ARE YOU WITH IT?"*)
Donald O'CONNOR • Olga SAN JUAN
Martha STEWART • Lew PARKER
Direção de JACK HIVELEY • Produção de ROBERT ARTHUR

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
"PIRATAS de MONTEREY"
TECHNICOLOR
Maria MONTEZ Rod CAMERON
MINNIE HASKIN • PHILIP REED • GILBERT ROLAND • TAMARA SHAYNE • GAIL WONDOLGARD
Direção de ALFRED WERKER • Produção de PAUL MALVERN

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
DEANNA DURBIN • DICK HAYMES
"Um SONHO DESFEITO"
(*"UP IN CENTRAL PARK"*)
Direção de WILLIAM A. SEITER • Produção de KARL TUNBERG

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
BUD ABBOTT • LOU COSTELLO
"...às voltas com FANTASMAS"
(*"ABBOTT AND COSTELLO MEET THE GHOSTS"*)
Produção de ROBERT ARTHUR • Direção de CHARLES BARTON

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta
YVONNE DE CARLO • DAN DURYEA
JEFFREY LYNN
"BANDIDO APAIXONADO"
(*"BLACK BART"*)
em TECNICOLOR
Direção de GEORGE SHERMAN • Produção de LEONARD GOLDSTEIN

OUTROS FILMES AGUARDADOS PARA MUITO BREVE:

"NO CAMINHO DA VIDA"
(*"ANOTHER PART OF THE FOREST"*)
com FREDERIC MARCH • ANN BLYTH • EDMOND O'BRIEN
DAN DURYEA • FLORENCE ELDRIDGE

"FOI BUSCAR LA..."
(*"VELVET FLEECE"*) com JOHN PAYNE • JOAN CAULFIELD
DAN DURYEA

"CAMINHO DA GLÓRIA"
(*"SAXON CHARM"*) ROBERT MONTGOMERY • SUSAN HAYWARD • JOHN PAYNE

"AMEI UM ASSASSINO"
(*"The UNAFRAID"*) com BURT LANCASTER • JOAN FONTAINE

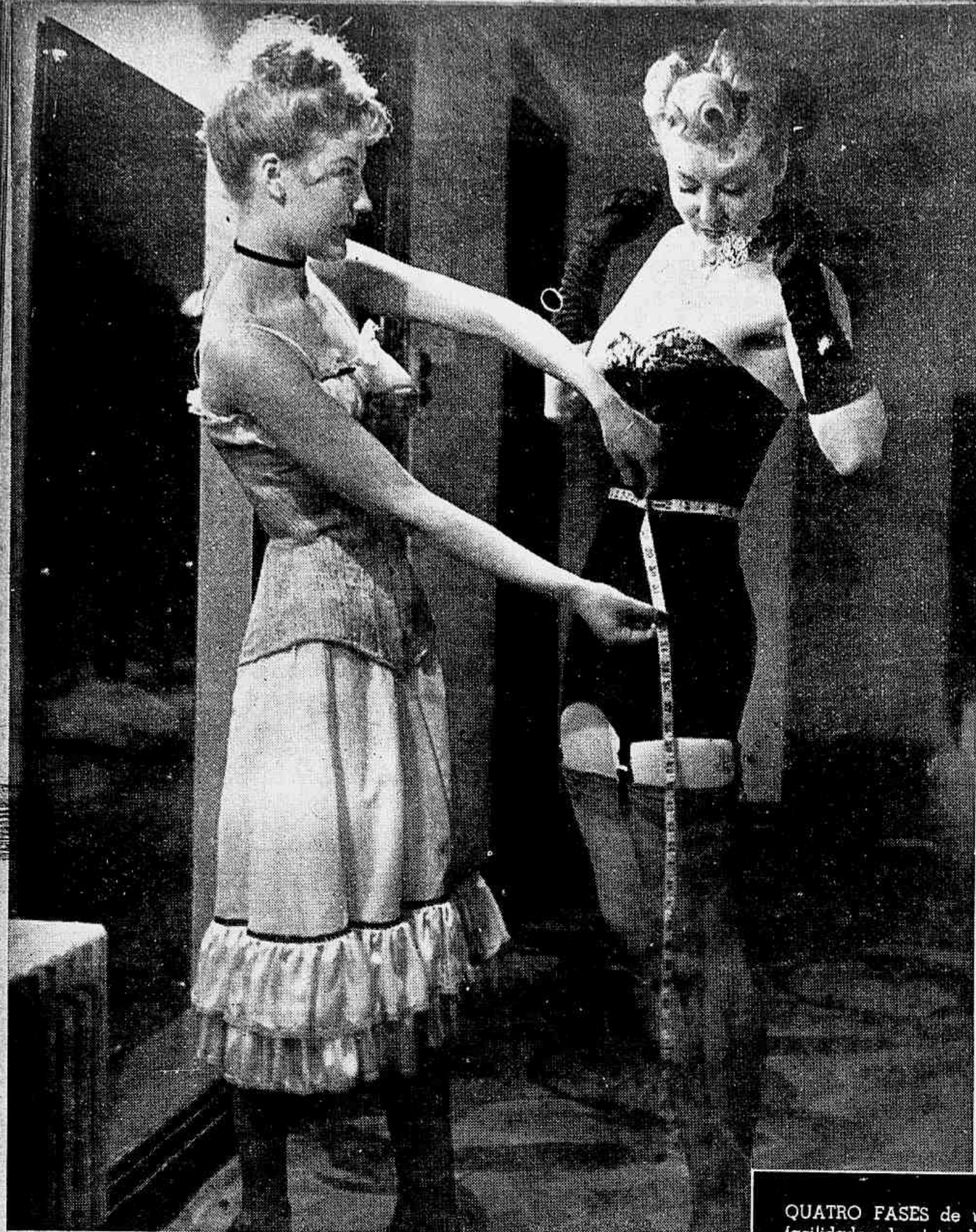
"VENUS, DEUSA DO AMÔR"
(*"ONE TOUCH OF VENUS"*) com AVA GARDNER

"A FERA DE KUMAON"
(*"MAN EATER OF KUMAON"*)
SABU • WENDELL COREY • JOANNE PAGE

"FUGINDO DO AMOR"
(*"MISS NUMBER PLEASE"*) com DEANNA DURBIN • EDMOND O'BRIEN

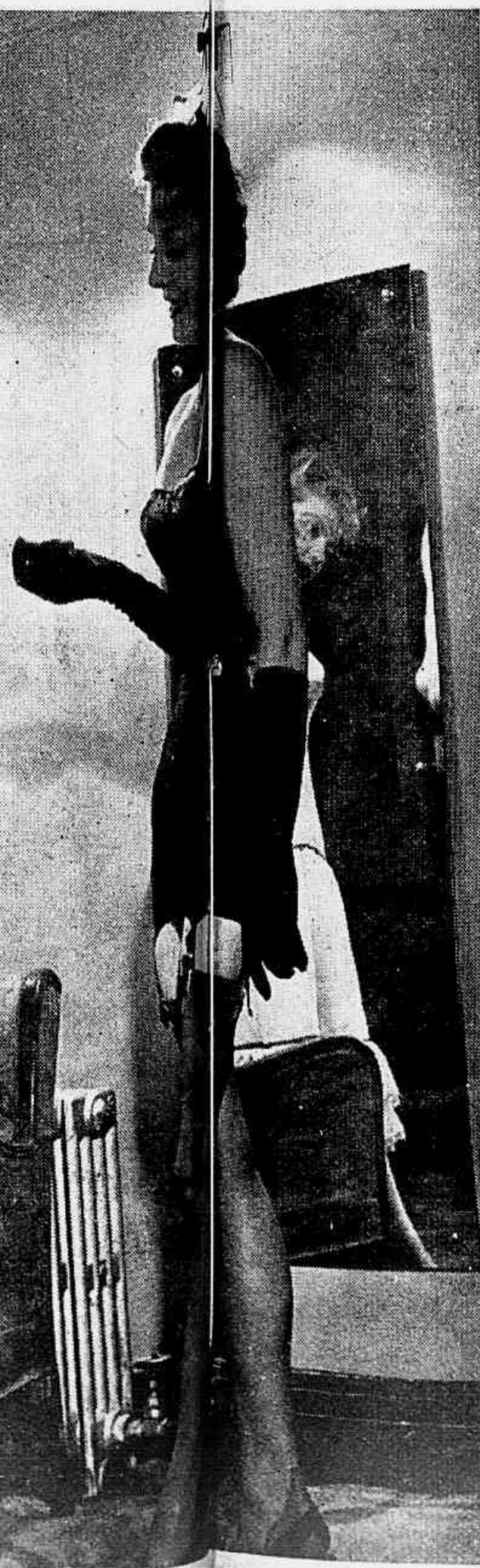
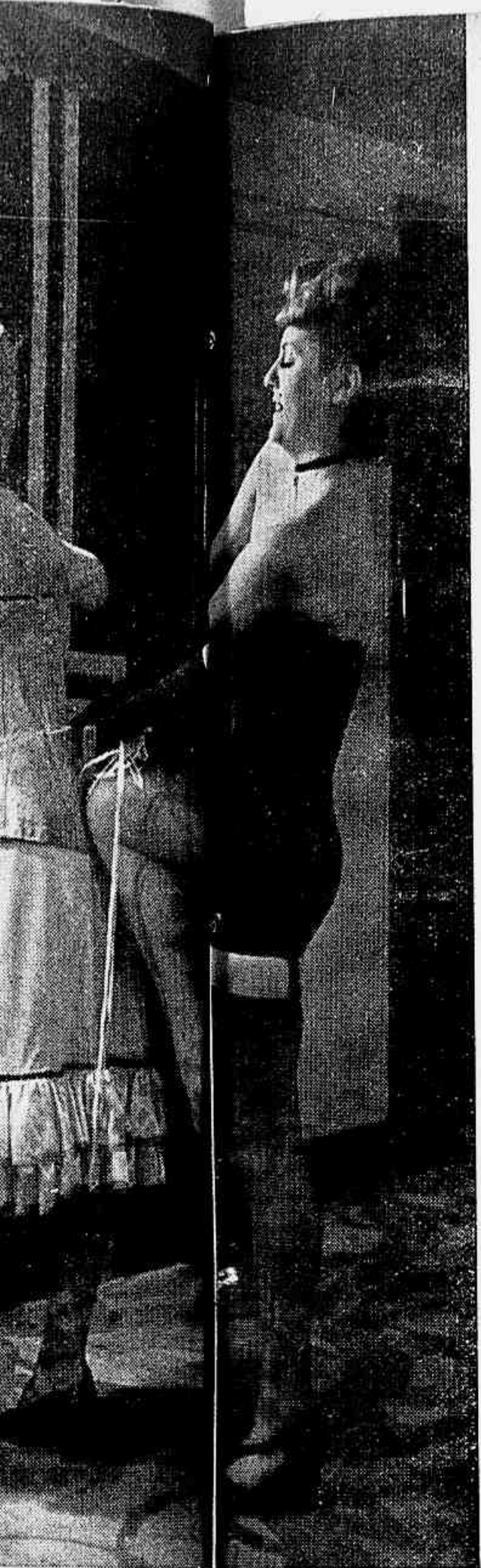
"THREE FOR THE MONEY"
(Ainda sem título em Português) com ABBOTT e COSTELLO

"ART OF MURDER"
(Ainda sem título em Português) com FREDERIC MARCH • EDMOND O'BRIEN



QUATRO FASES de uma comparação entre as facilidades da cinta de elástico e nylon de 1948 e o complicado espartilho com barbatanas e cordões de 1898... Como as mulheres sofriam há 50 anos para se fazerem elegantes!





O modelo acima traça um vestido transparente, a fim de que os presentes ao "show" de roupas íntimas de Park Luna Hotel, em Londres pudessem ver o tipo especial de cinta que permite o "new look" a elegante de 1948, sem lágrimas e sem dor...

O "NEW-LOOK" SEM LÁGRIMAS...

MEIO SÉCULO DE EVOLUÇÃO DA LUTA FEMININA POR UMA SILHUETA ELEGANTE
★ DO ESPARTILHO COM BARBATANAS À CINTA ELÁSTICA E MODERNA

Por FRED RAMAGE

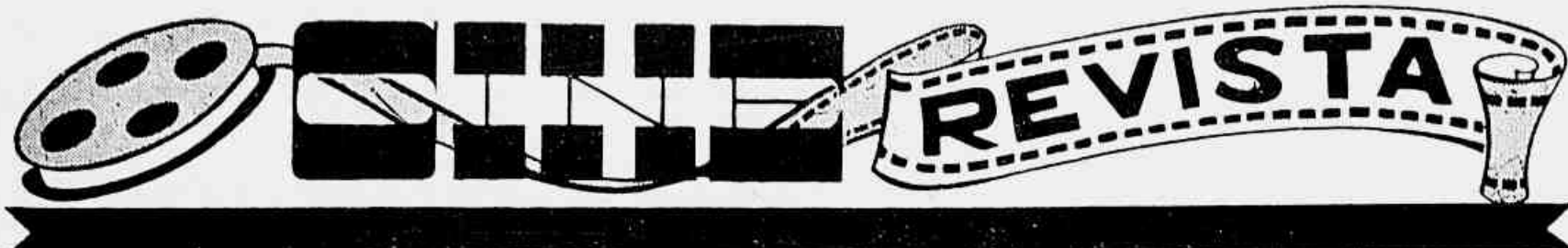
Da Keystone Press Agency

(Exclusividade de REVISTA DA SEMANA no Brasil)

LONDRES, julho — A história da elegância feminina mostra que não há sacrifícios que as mulheres não sejam capazes de arrostar, a fim de conquistarem aquilo que, em sua época, se convencionar exprimir o que é ultra-chique. As mulheres sofrem torturas e enfrentam até mesmo o perigo de injúrias físicas de caráter permanente, a fim de se adaptar a essas exigências. E estão sempre dispostas a tirar ou a acrescentar alguns metros de pano às suas "toilettes". A mulher de 1918 é, porém, — e isto não padece a menor dúvida, — mais inteligente que suas antecessoras. As circunstâncias a tornaram independente, apta a conquistar seu próprio sustento, apren-

deu a ganhar a vida, a cuidar da família e a enfrentar tempos difíceis. Não está disposta a seguir a moda fazendo concessões ao conforto, mas antes adaptando-a ao seu bem estar físico. Esse foi o problema que tiveram de enfrentar os criadores de modas e os fabricantes de cintas, diante do "new look" originado nos "ateliers" de modistas de Paris. Nos dias da rainha Vitória, há cinquenta anos atrás, apertadas em espartilhos com barbatanas de ferro ou de baleia, com cordões que exigiam grande esforço para serem atados, as mulheres pagavam pesado tributo à moda. Corriam o perigo de deformações e respiravam mal.

Hoje, porém, essas cintas e espartilhos são feitos de redes de tecido elástico, combinada com filamentos de nylon. Um novo tipo de cintas desse gênero, denominado "Fantasie", foi lançado pelo desenhista de modas inglês Mr. Pierson, que declarou ser esse modelo desenhado para dar o máximo de harmonia às linhas, com o mínimo possível de desconforto. As cintas atuais foram apresentadas em contraste com os espartilhos de há cinquenta anos no "show" de roupas íntimas organizado no Park Luna Hotel, tendo surgido também, nessa exibição, vestidos transparentes que proporcionaram aos circunstantes uma visão perfeita do que havia por baixo...



Nelly Daren é esta linda garota argentina, loura e vivaz, que aparecerá com Anselmo Duarte, Vera Nunes e Darcy Cazarré, em um filme argentino-brasileiro, que em espanhol se chamará "Bajo el cielo de Brasil" e em nosso idioma "Não me digas adeus!". O argumento é de Joracy Camargo.



Donald O'Connor é um garoto incrível. Não sabemos porque, ele tem fama nos Estados Unidos. Sapateia, — é um horror. Canta, — é outro horror. Representa, — horror ainda maior. Não tem a simpatia de Mickey Rooney, nem o talento de outros garotos prodígios. É um autêntico "veneno de bilheteria". Quando será que a Universal tem um ataque de bom senso e livra o público desse pequeno sem graça?

ROUBEN MAMOULIAN E O TECNICOLOR

Rouben Mamoulian é entusiasta do technicolor — e a propósito se diz que "Oklahoma", que ele montou na Broadway, é uma peça em technicolor... Pois Mamoulian fez questão de obter efeitos novos em cores ao dirigir "Idílio para todos" (Summer Holiday), cujo "script" a Metro-Goldwyn-Mayer tirou de uma das melhores peças de O'Neill: "Ah, Wilderness!". Há uma cena, por exemplo, em que Mickey Rooney se deslumbra ante Marilyn Maxwell, espécime bem eloquente de "sex-appeal" — e então as cores — do vestido da pequena, as paredes, o teto, os móveis — se transformam, tornam-se violentas, gritantes, traduzindo o entontecimento do rapaz repentinamente apaixonado...

Walter Huston, Frank Morgan, Gloria DeHaven, Agnes Moorehead e Selena Royle também estão nesse filme, comédia musicada. A la Mamoulian, o que é importante.

FRANK CAPRA O ABSORVENTE

Para filmar "Sua Espôsa e o Mundo" (State of the Union), filme da Liberty e Metro-Goldwyn-Mayer, Frank Capra seguiu o sistema usado na Broadway durante a carreira da peça em que se inspirou o filme, ou seja, intercalando diálogos e alusões a sucessos de atualidade.

Spencer Tracy, Katherine Hepburn, Van Johnson, Adolphe Menjou, Angela Lansbury e Lewis Stone são as principais figuras do mesmo. Mas é

bem possível que a "estrêla", "estrêla" mesmo, do filme, seja Frank Capra...

PISCINA COM TÔDA A CERTEZA

Busby Berkeley dirigirá "Take me out to the Ball Game", musical que a Metro-Goldwyn-Mayer vai produzir. Os dois principais cavalheiros serão Gene Kelly e Frank Sinatra. Fala-se que Esther Williams será a "estrêla". Vão arranjar que na montagem haja uma piscina...

O NOVO "CAST" DE "MULHERZINHAS"

"Little Women", que há alguns anos proporcionou a Katherine Hepburn um filme muito bonito, vai ser refilmado. A Metro-Goldwyn-Mayer encarregou Mervyn Le Roy da dire-

ção. Elizabeth Taylor, June Allyson, Peter Lawford, Edmund Gwenn, Philip Dorn e Mary Astor são as figuras escolhidas, por enquanto.

ALEXANDRE CARLOS NA UNIVERSAL

Alexandre Carlos, galã do filme nacional "No trampolim da vida", intérprete do filme argentino-brasileiro "Mundo estranho", feito em várias

versões, galã de Bibi Ferreira na peça "Divórcio", de Clemence Dane, e de Henriette Risner Morineau em "Peccado original", de Jean Cocteau, acaba de obter um contrato com opção para sete anos na Universal-International, onde será lançado em um filme do famoso diretor Robert Siodmak.

HOLLYWOOD ANEDÓTICA

Greer Garson acaba de interpretar uma comédia, mas comédia mesmo, coisa apenas para fazer rir: "Travessuras de Júlia". Na opinião da "estrêla" da Metro-Goldwyn-Mayer, êssô é o mais "limpo" papel de sua carreira. O filme abre com uma cena que mostra Greer numa banheira. Pouco mais adiante, nadando num lago após virar um barco em que estava com Walter Pidgeon, e, no final, molhada até os ossos, em meio a uma tempestade.

— Deviam chamar-me Esther Garson! — comentou a "estrêla" de "Rosa de Esperança".



Bibi Ferreira, que deixou o Brasil para filmar em Londres a película "O Fim do Rio" tem motivos para brigar com J. Arthur Rank por causa do lançamento desse filme nos Estados Unidos... A nossa crônica de hoje diz por que razão...

VOCÊ SABIA QUE...

...nos cartazes de "A Foreign Affair", o nome de Jean Arthur predomina sobre os de Marlene Dietrich e John Lund, numa prova de que quem foi rainha continua a ter majestade?

...que o nome de Bing Crosby está figurando mais uma vez na fachada da Radio City Music Hall, — o maior cinema do mundo, — nos cartazes de "The Emperor Waltz", o primeiro dos filmes em que aparece com Joan Fontaine, atriz laureada, como ele, pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood?

...que "I wake up screaming" (Eu acordo gritando) é o título do último filme da loura e carona Landis, que um destes dias adormecerá silenciosamente em Hollywood para nunca mais acordar?

...que o marido de Sadey Temple, o ex-sargento John Agar, estreou no cinema, ao lado da espôsa, de John Wayne, Henry Fonda e Pedro Armendáriz, no filme de John Ford intitulado "Fort Apache"?

...que Dan Bailey, que antes da guerra apareceu em filmes da Metro-Goldwyn-Mayer sob o nome de Dan Dailly Junior, foi promovido a "astro" pela Twentieth Century Fox, pelo seu sucesso ao lado de Betty Grable em "Os anos passaram" e, em seguida, em "Give my regards to Broadway", um technicolor dirigido por Lloyd Bacon, com Charles Winninger, Nancy Guild, Charlie Ruggles, Fay Banner e Barbara Lawrence?

...que "Área do Triunfo", o filme de Charles Boyer e Ingrid Bergman, completou 15 semanas consecutivas de exibição no cinema Globe, de Nova York?

Lana Turner, casada com o milionário Bob Topping, acaba de percorrer a Europa. Esteve em Paris comprando vestidos e acaba de voltar a Hollywood. Se vocês não sabem fiquem sabendo que ela tem uma perfeita sócia no Brasil, na pessoa de Mara Rúbia. Esperem só até ver Mara Rúbia ao lado de Duplein em "Mulheres" e vocês verão...



O LANÇAMENTO DE "O FIM DO RIO" NOS ESTADOS UNIDOS

Bibi Ferreira, atualmente em pleno sucesso no teatro, em São Paulo, ao lado de seu pai, o ilustre ator Procópio Ferreira, com quem está apresentando no Santana a peça inglesa "Divórcio", tem razões para estar zangada com o produtor inglês J. Arthur Rank, que a veio buscar no Brasil para o papel principal daquele filme.

Afim de desempenhar êsse papel, Bibi Ferreira aceitou sérias responsabilidades: dissolveu a companhia de comédias que possuía, arriscou a saúde e a vida em lugares inóspitos, em plena região amazônica, voou para Londres em pleno inverno e em época de tremendas restrições alimentares, para, no fim de tudo isso, chegar à triste conclusão de que seu nome é totalmente omitido na propaganda do filme, por ocasião de seu lançamento nos Estados Unidos!

Sim, "O fim do rio" (The end of the river), já está sendo exibido na terra de Tio Sam e ali, por sinal, obteve algumas referências expressivas da imprensa. Por exemplo: o crítico cinematográfico do vesper-

tino "P. M.", Seymour Peck, escreveu de "O fim do rio" o seguinte: "A fascinating film. Beautiful photography. A pleasure for those who are tired of the routine!" — ou seja: "Um filme fascinante. Bela fotografia. Um prazer para aqueles que estão cansados da rotina".

Outro crítico que se manifestou com palavras expressivas a respeito de "O fim do rio" foi Otis L. Guernsey, do "Herald Tribune", que publicou entre outras coisas o seguinte: "Film drama with strange people and a strange mood. Unusual and color ful! A refreshing change!" — ou seja, "filme dramático com gente estranha e estranho espírito. Original e colorido! Uma repousante novidade."

Pois muito bem. O filme em questão está sendo exibido sob a seguinte legenda:

"J. Arthur Rank presents a Powell — Pressburger Production — (The team who gave you "Stair-

way to heaven" e "Black Narcissus") "THE END OF THE RIVER" starring SABU and a cast of hundreds."

O mais que se contem no anúncio publicado no "New York Times" e no "New York Herald Tribune" de 27 de junho, — semana do lançamento de "O fim do rio", — se refere à localização do cinema lançador, ao seu ar condicionado e aos seus preços populares. Esse cinema é o Park Avenue, esquina da rua 59, em Nova York. Mas, a respeito de Bibi Ferreira, nada! Nem uma simples referência, uma fugaz referência. Entretanto, Bibi Ferreira, sendo uma primeira figura do nosso teatro e tendo feito tantos sacrifícios para cooperar com o cinema inglês, bem merecia ter sido citada como uma "Brazilian star".

Bibi Ferreira tem toda razão para ficar zangada com J. Arthur Rank. O que os empregados da magnata britânica estão fazendo com a encantadora atriz brasileira em Nova York não é decente, nem é justo. MICKEY



Paul Muni, ao lado de Nelson Vainer, enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa, e de uma jornalista francesa.

PAUL MUNI ABANDONOU DEFINITIVAMENTE HOLLYWOOD

VAI FILMAR, AGORA, MAIS UMA BIOGRAFIA: A DE ALFRED NOBEL

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

PARIS, julho (Pelo "Bandeirante", da Panair do Brasil) — Depois de várias semanas de permanência em Estocolmo, onde visitara a família e os parentes de Alfred Nobel, cuja figura pretende reviver no écran, chegou há dias a Paris o famoso ator cinematográfico Paul Muni.

Hoje tive a honra de apertar pela primeira vez a mão desse extraordinário artista que com tanto brilho reviviu na tela o glorioso passado de alguns dos maiores vultos da história da terra e da humanidade. É um homem de cinquenta e três anos de idade, simples mas elegantemente trajado, muito simpático, de rosto oval e fronte quase estreita, que se contrai constantemente, dois olhos melancólicos nos quais se nota um não sei que de perturbador e uma basta cabeleira na qual se infiltraram inúmeros fios prateados. Fala baixo, devagar, medindo as palavras e gesticulando com as mãos. Quem não viu os seus filmes e não sabe que se trata de um dos maiores artistas da atualidade diria, vendo-o assim, de relance, que se trata de um triste. O seu modo de se encostar à poltrona, as mãos que ele agita nervosamente e a melancolia que cobre o seu semblante, traduzem uma imensa fadiga. Com efeito, Paul Muni trabalha tanto diariamente nas vinte e quatro horas que ele pode afirmar, de boca cheia, que "não tem tempo para respirar".

Desde que Paul Muni chegou a Paris, tem sido procurado por inúmeros correspondentes, artistas, instituições culturais francesas e estrangeiras. Ele concedeu uma entrevista coletiva à imprensa, visitou os estúdios cinematográficos franceses e várias instituições. Depois, fechou definitivamente as portas do seu apartamento, negando visitas ou entrevistas a quem quer que seja.

Tendo chegado a Paris depois da entrevista coletiva que Paul Muni concedeu aos jornalistas parisienses e estrangeiros, lancei mão de todos os recursos no afã de conseguir entrevistá-lo. Disseram-me que todas as minhas tentativas falhariam. Tempo perdido. Mas eu não queria perder provavelmente a única oportunidade em minha vida de conversar com o intérprete de Zola, Pasteur, Juarez e daquele torturado chinês da terra dos Deuses. Não vou contar aqui as minhas peripécias; direi apenas que depois de uma semana das mais ousadas acrobacias, mantive hoje uma longa e agradável conversa com Paul Muni, apesar de ele não gostar de jornalistas e detestar os fotógrafos. Sabendo disso, procurei, antes de tudo, justificar as medidas tomadas para conse-

guir a entrevista. Paul Muni sorriu. "Certamente lhe disseram que não tolero os jornalistas, não é verdade?" — "E", respondi, disseram isto e mais alguma coisa". — "Pois bem, prosseguiu, afirmaram-lhe uma grande verdade. Os jornalistas do mundo inteiro são todos iguais. Primeiro pedem uma entrevista e sempre aparecem acompanhados de fotógrafos. Ora, tenho mais de cinquenta anos de idade e não sou nenhuma "glamour-girl" para divertir os outros com tais exhibições. Depois, lançam uma incrível ofensiva de perguntas, das mais indiscretas, e insistem na resposta. E o pior de tudo é que ao abrir o jornal e lendo a entrevista concedida, fica-se horrorizado com as respostas inventadas pelos entrevistadores. Porisso, e por outras coisas mais, fujo dos jornalistas que até querem limpar as unhas da gente... E creia: não fôsem as ótimas informações que recebi a seu respeito do Serviço Francês de Informações, eu não o teria recebido".

— Muito obrigado. Afição-lhe que me sinto realmente feliz em poder entrevistá-lo.

— Também eu lhe agradeço, por estar mais uma vez em contacto com a imprensa do Brasil, país que admiro imensamente.

Mudamos de assunto. Desejo saber onde ele nasceu, se realmente na Rumânia, conforme li num artigo ou reportagem sobre a sua personalidade.

— "Nasci "por acaso" — disse ele — numa cidade que, em 1895, ano do meu nascimento, pertencia à Áustria. É verdade que os meus pais, atores errantes, viveram certo tempo na Rumânia e na Hungria. Ora, tendo ido à Áustria e como eu tinha mesmo que nascer, nasci, pois, "por acaso", naquele lindo país. Mas jamais me senti europeu. Com quatro anos de idade me levaram a Londres e de lá me transportaram, dois anos e meio depois, para os Estados Unidos. Sou, pois, americano."

Paul Muni contou-me em seguida por que motivo abandonou definitivamente Hollywood. Trabalhando há mais de vinte anos no teatro e cinema, tendo atuado nas melhores películas que o tornaram um dos maiores artistas de todos os tempos, Paul Muni está hoje convencido de que os diretores do cinema americano, visando unicamente lucros extraordinários, transformaram a produção de filmes em uma indústria que vomita centenas de películas sem valor. Ao lado de cinco ou dez bons filmes, aparecem outros inúteis, cada um pior do que o outro. Procurando ocultar os defeitos com rostinhos bonitos de novas "estrelas", tecnicolor, e cenários

faustosos, Hollywood tem produzido tantos abacaxis nestes últimos tempos que os bons artistas começam a abandonar a famosa cidade do cinema.

Paul Muni é muito rico e não se deixa mais atrair pelo ouro de Hollywood. Sabendo que na Europa ele encontraria todo o apoio para a produção de películas verdadeiramente artística, rejeitou há dois anos uma oferta de certa empresa cinematográfica americana para filmar "Cagliostro", esse mesmo enredo que Orson Welles está estrelando atualmente na Itália. A oferta que lhe fizeram — contou-me Muni — era um absurdo, embora com resultados financeiros tentadores. Tendo adquirido os originais da biografia romanceada de Alfred Nobel, o criador dos prêmios Nobel, deixou os Estados Unidos e veio à Europa. Foi preliminarmente a Estocolmo onde durante várias semanas estudou os lugares que Alfred Nobel frequentava, a casa na qual viveu, os recantos que lhe eram mais caros. Conviveu com os descendentes da família Nobel e está ultimando os preparativos para iniciar os trabalhos de filmagem. "Em apenas um ano poderia realizar esse filme", disse-me Paul Muni, "mas levará mais tempo, uns dois anos, sem dúvida. Não tenho pressa". Quanto à sua viagem à Itália, disse-me que ele tem mais oito assuntos para estudar, originais que ele comprou na Europa e pretende levar à tela.

— E quem vai financiar a filmagem? — indaguei, ao que Paul Muni respondeu: — "Antes de tudo devo terminar o meu trabalho pessoal. Depois, vou procurar um financista ou mais, coisa fácil, pois ofertas não me faltam. Tenciono ir também ao México, pois os estúdios cinematográficos daquele país são ótimos.

(Cont. na pág. 56)



AO ALTO — Paul Muni no melhor dos seus trabalhos, encarnando a figura de Emile Zola. EM BAIXO — Paul Muni e Marguerite Chapman, em "Alma Russa", um dos filmes que ele podia ter deixado de fazer em Hollywood...





BROADCAST



A glamorosa Lourdinha Bittencourt anda arredia dos bastidores radiofônicos. Com as vistas voltadas para o cinema, onde trabalha na produção de Moacir Fenelon intitulada "Poeira de estrelas", mostra-se desinteressada do microfone, rejeitando as propostas que lhe são endereçadas. Até quando a encantadora "estrela" permanecerá afastada do rádio? Esta é a pergunta que fazem os ouvintes cariocas.

VOZES DA FRANÇA

LUCIENE Boyer foi a última grande voz que a França nos mandou. Daí para cá, repetimos o decadente Jean Sablon, aturamos o soporífero George Henry, além de travarmos conhecimento com a voz de Marly, conhecida como "a voz da Resistência". Fora disso, limitávamos-nos às raríssimas gravações, importadas dos Estados Unidos, uma vez que a guerra prejudicou bastante a indústria do disco na pátria de Balzac. Felizmente, quando considerávamos a música francesa esquecida do nosso meio artístico, ante a série de artistas portugueses e americanos que o "broadcasting" nacional vem apresentando com desusada frequência, eis que nos chega a voz bonita de Yvette Giraud.

Yvette Giraud trouxe consigo um repertório que desconhecíamos. Interpretando desde a popular canção parisiense até a "caliente" rumba, a jovem artista está reivindicando ao microfone PRE-8, a simpatia de que sempre desfrutaram as melodias de seu país de origem. Quanta beleza e originalidade se observa em "Mademoiselle Hortência", número escolhido para prefixo musical das audições da "estrela"! Idênticos fatores encontram-se na valsa "Souvenir" à qual sua voz romântica imprime uma delicadeza toda especial. Até mesmo a nossa conhecida "Pigalle", ganha na interpretação de Yvette Giraud, novo colorido. Quanto à rumba que a artista francesa cantou no programa de estreia, trata-se de número alegre e movimentado, revelador das qualidades interpretativas da cantora.

No programa de Yvette Giraud, temos a lamentar o horário. A Rádio Nacional poderia programá-la mais cedo, como o faz às terças-feiras. Isto, atendendo ao interesse despertado pelas suas audições. Porque Yvette Giraud, com sua voz romântica e educada, compensa o longo período de ausência da música francesa dos microfones brasileiros. — A. MIGUEIS

Lourival Marques já está produzindo para a Rádio Mayrink Veiga, com a qual assinou contrato de exclusividade. A primeira realização do antigo diretor de "broadcasting" da PRE-3, para o microfone PRA-9, foi o programa "Enciclopédia pelo som", cuja apresentação está a cargo de César Ladeira e Maria Helena. O sentido cultural desse "broadcast", torna-o recomendável a quantos desejem melhorar seus conhecimentos, tal a maneira agradável de sua feitura.

★ Léa Silva retornou às atividades radiofônicas, apresentando-se na onda da Rádio Nacional, através de "Nosso programa". Especialista em assuntos femininos, a esposa de Antônogenes Silva, pode ser ouvida na parte da manhã, focalizando tudo quanto diz respeito ao sexo frágil.

★ Amaral Gurgel trabalha num programa que, segundo a opinião dos entendidos, será sua super-produção para 1948. Até o presente momento, o conhecido novelista não tinha dado nome a essa realização, nem tampouco escolhido a data para seu lançamento. Ainda a respeito de Amaral Gurgel, podemos informar que escreve uma peça teatral, a ser encenada por uma das nossas companhias teatrais.

★ Fernando Silveira está em franca atividade, a fim de que a Rádio Guanabara possa atender suas finalidades. "Grandes nomes da música", é uma das atrações que ele assina e Sérgio Vasconcelos ilustra musicalmente. Também está a seu cargo, em colaboração com o maestro Schultzer Porto Alegre, a seleção dos elementos que formarão o grupo coral da PRC-8.

★ Conforme noticiamos em primeira mão, Fernando Jacques seguiu para Londres, de onde transmitirá para os ouvintes da Rádio Globo, o desenrolar das Olimpíadas. Enquanto isso, Celestino Silveira permanece em Portugal, colhendo material para a série de reportagens que a PRE-3 está transmitindo todas as semanas. Além desses dois elementos, a Globo enviou à região habitada pelos "bocas negras", seu rádio reporter Nahum Sirotsky que, a essa hora, já deve ter percorrido alguns quilômetros de selva.



Saddy Cabral saiu da rádio Globo. Foi uma grande perda para a emissora do edifício sul-riograndense. Fala-se que aceitará a direção do elenco rádio-teatral da Guanabara. Na foto, a sua última caracterização no palco, como "Jeeter Lester", na peça "Estrada do Tabaco".

★ Fala-se na saída de Alziro Zarur do prefixo PRE-8. O conhecido "rádio-writer" de há muito que empresta seu concurso ao quadro redatorial dessa emissora, quer redigindo textos comerciais, quer escrevendo novelas policiais, gênero de sua predileção. É possível que Zarur ingresse na redação da Guanabara, ora selecionando valores para sua equipe redatorial.

★ Tem-se como certo o desligamento de Nestor de Holanda do quadro de redatores da PRE-3. Ao que fomos informados, esse nosso confrade está em desacordo com a orientação da emissora, motivo porque en-

trou em entendimentos com outro prefixo.

★ Olivinha Carvalho está em franca ofensiva cinematográfica. Agora mesmo, anuncia-se sua presença em "Fogo na Cangaça", uma produção de Luis de Barros. Também no rádio, não tem sido menor a atuação da vitoriosa artista. É ela figura de relevo no elenco mayrinkiano, onde participa das principais novelas.

★ Peter Kreuder, cuja temporada no microfone PRE-8, não despertou o interesse previsto, talvez participe de um filme brasileiro, figurando ao lado de alguns cartazes do "b r o a d c a s t i n g" carioca. O argumento dessa produção é de autoria de Almirante.

★ A Rádio Continental, que tem em Gagliano Neto seu orientador, já entrou em atividade. Ouvimo-la domingo último durante um programa de estúdio. Embora em período experimental, agradou-nos. O locutor, cujo nome desconhecemos, tem boa pronúncia, coisa rara em programas de música estrangeira.

★ Saddy Cabral, desde sua saída do "cast" rádio-teatral da Globo, vem se furtando aos convites que lhe são feitos para retornar ao microfone. Ultimamente, porém, a Guanabara tem insistido com o vici-

cioso artista para que assuma a direção de seu elenco e, ao que tudo faz crer, ela atenderá a essa solicitação, sem contudo abandonar a ribalta.



Olivinha de Carvalho continua vencendo. No rádio, pela onda da Mayrink, e no cinema. Depois de sua feliz apresentação no filme "E' com esse que eu vou", a jovem rádio-atriz tem um papel de maior responsabilidade na película "Fogo na Cangaça", de Luis de Barros. Para seu bem está deixando aquela estereotipia cansativa de "Se-verinha".

VOCÊ SABE A IDADE DELES?

Não raro, quando entrevistados, os ídolos do microfone procuram esconder a idade. Acontece, porém, que a indiscreção do repórter sabe transpor todos os obstáculos. Eis as idades de alguns "astros" do "broadcasting" brasileiro:

Lamartine Babo, 44; Dircinha Batista, 26; Manuel Monteiro, 39; Ari Barroso, 45; Antônio Conselheiro, 43; Osvaldo Diniz Magalhães 44; Alvarenga, 35; Orlando Silva, 33; Celso Guimarães, 31; Alvaro Augusto, 33; Jorge Goulart, 23; Raimundo Lopes, 35; Nancy Wanderley, 21; Zé Fidélis, 38; César Ladeira, 38; Iara Sales, 36; Rodolfo Mayer, 38; Júlio Louzada, 32; Almirante, 40; Nelson Gonçalves, 29; Dilu Melo, 30; Amaral Gurgel, 38; Isis de Oliveira, 26; Linda Batista, 28, e Ramos de Carvalho, 31.

LUIS TITO

Divide novamente o seu tempo entre o rádio e o teatro. Além de interpretar o "tio Rebeco" no programa "Alice no País da Música", vive um dos principais papéis nas peças que estão sendo levadas no palco do Hotel Quitandinha. Devido, por certo, à sua bela figura, o prestígio que justamente desfruta vem em maior parte de suas temporadas teatrais. Quando vier a televisão Luis Tito será "o mais belo galã das novelas radiofônicas".



VIDA LITERÁRIA



Esta é Susana Flag, a folhetinista de "Meu destino é pecar" e, agora, de "Núpcias de fogo", que está sendo publicado em folhetim em "O Jornal". Na vida civil, Susana Flag se chama Nelson Rodrigues e é com este nome que assina peças teatrais como "Anjo Negro" e "Album de Família", tão tenebrosas como seus folhetins...

MARTINS FONTES ERA ASSIM

Quem o viu, mais do que quem o leu, não esquecerá mais aquela torrente verbal em carne e osso, aquela marulhosa e tantas vezes cataclísmica exuberância vocabular. Tudo nele era transbordamento, exaltação, superlativismo. Em seu delicioso livro de tanta malícia, ternura, ironia e piedade, que é "Assim falou Polidoro", João Luso nos dá este retrato de Martins Fontes, rapazinho ainda, estudante de ginásio em Santos: "O Diário de Santos" funcionava ao rés-de-chão, num prédio térreo da rua do Rosário junto ao largo do mesmo nome. As janelas da redação ficavam a tão pouca altura da rua, que qualquer pessoa, de fora, debruçando-se no peitoril, podia conversar conosco. Ora, havia um rapazinho, um criança, que, passando a caminho dum colégio ou ginásio próximo, frequentemente ali se detinha, com os livros debaixo do braço, para nos dizer coisas arrebatadas e maravilhosas. E parece que o estou vendo e ouvindo no dia em

que ele assomou, de face rubra, à nossa janela, com esta revelação tremendíssima:

— Venho alucinado! Acabo de ler numa revista de São Paulo, cujo título nem profiro, porque ela não o merece, uma poesia a que o autor, ignaro até a inconsciência, e estúpido até a blasfêmia, dá a designação de "balada". Mas, balada, como, ó bárbaro, se o número e a disposição das estrofes não obedecem à lei soberana, iniludível, do gênero? A balada, se é em octossílabos, deve ser constituída por três estrofes de oito versos e a oferta, com quatro; e se é em decassílabos, tem que observar o correspondente ritmo e idêntica geometria. Há ainda as baladas duplas; todas, porém, se regem por aquele código, augusto como um Evangelho, de regras fixas, inalteráveis no número e na essência, como as táboas de Moisés. A balada tem um corpo e uma alma, sacrossantos ambos e inatingíveis. Para trás, incréus e apóstatas! Por esse caminho deturpareis igualmente o rondel, o rondó, o canto real, a sextina, o solau, o motete, o vilancete, o vilancico, o pantum, a xá-cara, o tricolé e o modelo dos modelos clássicos: o soneto! Viva Bannville, que extinguiu o abuso infame das liberdades poéticas, e Mendés e Rostand, meus mestres, que souberam introduzir no florentinismo absoluto da forma o divinal aticismo da idéia! profusemos a religião suprema do verbo! Tudo pela arte, mais bela que o amor, mais necessária que a vida, mais vasta que o universo e acima de todos os infinitos! Excelsior! Excelsior! Excelsior! Mas... que horas são? Oh, diabo! Já vou chegar tarde à aula de português!

Quem era este menino? Martins Fontes."

EDITORA JOSÉ OLYMPIO

Fez este mês quatorze anos que José Olympio lançou a sua primeira edição — e o número de obras publicadas por ele sobe hoje à impressionante cifra de mil e duzentos, o que dá uma média de quase cem livros por ano, dos quais cinquenta por cento de autores brasileiros.

Algumas de suas edições, como as da Coleção de documentos brasileiros, onde figuram as obras de Gilberto Freyre; "Geografia dos mitos brasileiros", de Luís da Câmara Cascudo; "Rio Branco", de Alvaro Lins; as "Memórias" e "D. João VI", de Oliveira Lima; "Bernardo de Vasconcelos", de Octavio Tarquinio de Souza; a "História da literatura brasileira", de Sylvio Romero, e na qual se acha programada para breve, a outra monumental "História da literatura brasileira", em 15 volumes, sob a direção de Alvaro Lins, constituem um alto padrão da cultura nacional, não sendo demais lembrar

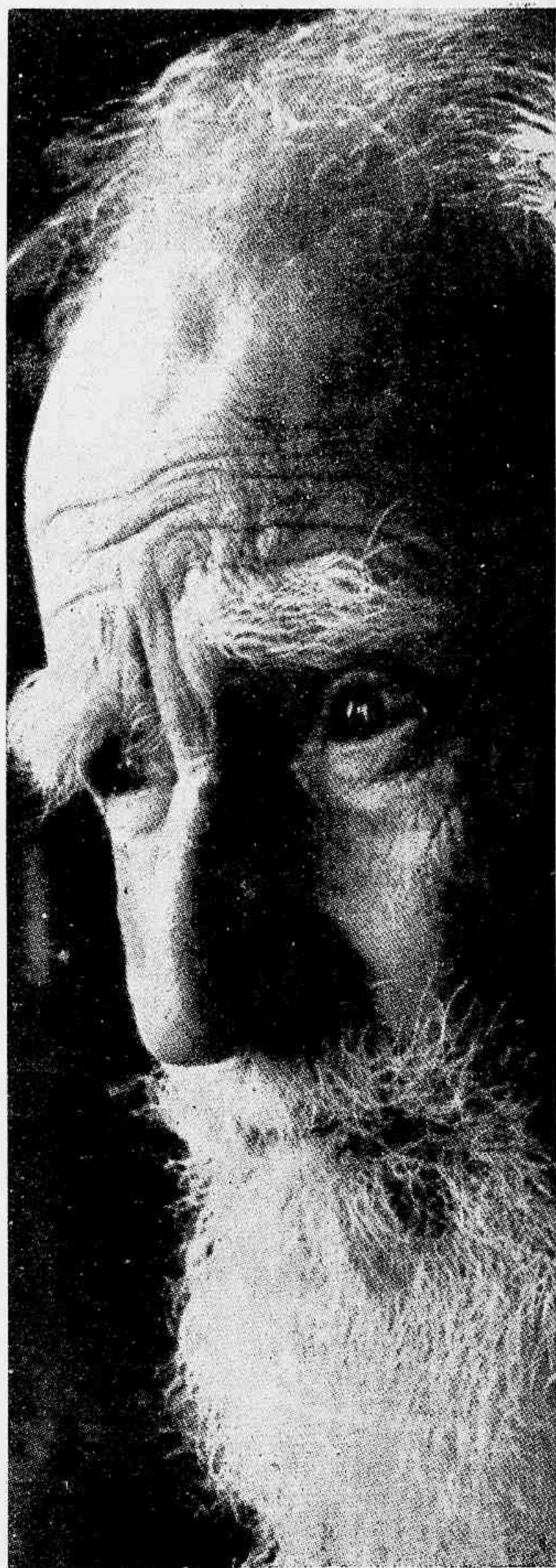
também que é José Olympio o editor de alguns dos nossos maiores poetas e prosadores da atualidade, em livros originais ou traduções especiais. Ainda agora, estão anunciadas para breve, as seguintes edições de sua casa: "Joaquim Nabuco" e "O camarada Whitman", duas conferências de Gilberto Freyre. "As palavras de Buda", outra das admiráveis traduções do poeta Guilherme de Almeida, para a coleção Rubayat. "Inglêses no Brasil", novos ensaios de Gilberto Freyre. "Freud desmas-carado", de Emil Ludwig, em tradução de Almir de Andrade, "História universal da eloquência", de Hélio Sodré.

CERVANTES EM LINGUAGEM CAMPESINA

Em Buenos Aires apareceu recentemente uma curiosíssima adaptação do "Dom Quixote", em linguagem puramente do campo, "Don Quijote del pampa", contendo 2.800 versos dos poetas campeiros Vargas e Eguia e considerado pela crítica portenha como um verdadeiro filão de poesia ao mesmo tempo nativa e tradicional, pela agudeza e "salero" dos conceitos, pela inspiração fácil e graciosa da narrativa e pela viva cor local com que se transfiguram, na boca dos "payadores" a obra de Cervantes e seus episódios, ao sabor do léxico dos pampas.

EDITORA CLUBE DE LIVROS

Uma nova editora acaba de ser fundada em São Paulo, a Editora Rampa Limitada, que se propõe a editar preferentemente livros de judeus, entremeados com outros de ficcionistas brasileiros e anunciando como primeiros lançamentos "Jóias do conto idische"; "A Mãe" e "Os judeus dos Salmos", de Scholm Asch; "Contos escolhidos", de Peretz e "Cidade enferma", do escritor sergipano Paulo Dantas, ultimamente transplantado para aquele Estado. Ao mesmo tempo, cria-se aqui no Rio um novo clube do livro, o Circulo Literário do Brasil, propondo-se a distribuir com os seus consócios livros encadernados, a 40 cruzeiros, com a bonificação de dois outros livros grátis, um com a primeira e outro com a sexta seleção. Para este mês foi escolhido o volume "Três romances", de Rachel de Queiroz, contendo "O Quinze", "João Miguel" e "Caminho de Pedras", a sair em edição de José Olympio, e "Maria Bonita", de Afrânio Peixoto, como primeiro acompanhamento gratuito. Outros volumes programados são "Maquiavel e a Dama", romance florentino de Somerset Maugham, a novela de Origenes Lessa, "A desintegração da Morte", romances de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, sendo o segundo livro de bonificação o "Machado de Assis", de Lucia Miguel Pereira.



Bernard Shaw, o jovial demônio irlandês, para quem os anos não passam de cifras sem importância.

OS 92 ANOS DE G. B. SHAW

O grande demônio pernalta, de pele rosada de anjo e barbicha de pura seda alvinhenta, descido um dia de certa nuvem da pequena ilha de Mr. de Valera, para gastar o resto da sua vida na vizinha ilha de Mr. Churchill, a cuspir os raios da sua cólera sobre os seus contemporâneos de cinco gerações, completou, segunda-feira última, nada menos do que noventa e dois anos. Para o comum dos mortais deste mundo louco, uma vida de meio século já vai por certo começando a pesar como a dos macróbios apontados a dedo, nos belos idos de antes da primeira guerra mundial. Assim, até mesmo para este espantoso caso de longevidade do corpo e do espírito, há de ter chegado também a hora de ir sentindo que a Grande Intrusa de Maeterlinck já está vindo tarde. Por mais internos ingredientes que essa Fênix de White Hall possa ter, no pequeno mundo indezessável de surpresas das suas circunvoluções cerebrais, é natural que o jovial Fausto que abriu os olhos à vida antes do século passado, ao chegar sequer à primeira metade, esteja dizendo basta ao incessante cortejo de assombros que a existência lhe tem dado, desde que se iniciou esta era de "things to come", preditas pelo seu querido companheiro de começos literários e de glórias finais, H. G. Wells. De fato, imagine-se apenas que ele vira a guerra de 70, a guerra dos boers, a guerra russo-japonesa, a primeira grande guerra, a segunda guerra mundial, e se prepara para ver ainda a "grande finale" da terceira. Duas vezes viu Paris em poder dos bárbaros e outras duas a Alemanha mordendo o pó da derrota. Viu impérios milionários derrubados, nascerem repúblicas, surgirem novos países, os mapas mudarem de forma e colorido, crescendo e encolhendo, como monstruosas amebas, os homens falando-se dos antipodas, a via láctea virando corso, o átomo fragmentado, artes, religiões, doutrinas sociais em crise, e ele sempre ardendo de ira destruidora, usando o riso com artes de mago medieval, Samsão de caução a meter os ombros às colunas do velho mundo desajustado, a largar o fogo a quanto estopim fosse encontrando a jeito. Tomando pé no mundo das letras, quando todos os escritores da Inglaterra — Galsworthy, Hardy, Wilde, gritavam contra as convenções

vitorianas, adotou logo uma tática diversa, foi-se diretamente, a escavar nos alicerces da sociedade que mantinha aquelas convenções. O mundo que ele proclamava, no seu novo evangelho do Fablanismo, era uma Utopia mais ingênua, ainda, um mundo sem pobreza, excessos nem faltas, onde os recursos da comunidade fossem administrados por amáveis burocratas. Para isso, o feroz e jovial pregador subverteu tudo, bom senso e tradição, crenças e sentimentos, a religião e o amor. O espelho de Alice no País das Maravilhas, em suas mãos, mostrava apenas o homem e a sua alma revirados do avesso, na mais infernal ciência do proselitismo que a inteligência poderia manipular. Nessa campanha de iconoclasmo nenhuma imagem, nenhuma crença, ficou de pé. Como diz um dos seus críticos, o professor Joad, da Universidade de Londres, a sólida fundação de suas peças atrala particularmente os jovens adoradores e os palcos ingleses estremeceram então à derrocada dos ídolos dos antepassados — os médicos, os clérigos, os políticos, os advogados, os homens de negócios que rolavam em pedaços dos pedestais abaixo. A espantosa acuidade de sua ironia, do seu sarcasmo, daquele espírito coruscante e vertiginoso que lhe dá às palavras, às sentenças, um estonteamento de montanha russa, arrastavam de roldão todos os falsos ouropéis, os arminhos e as púrpuras que revestiam os manequins, toda a pompa e circunstância dos preconceitos e do farisaísmo duma sociedade que até hoje ele não tem cessado de zurzir e escarnecer. Espírito negativista por excelência, não se revela senão pelas chupadas aos contrários das suas simpatias. "E' através de declarações de guerra que ele faz declarações de amor", observa com admirável finura Genolino Amado, em "Vozes do mundo". No entanto, nesse frio e implacável demolidor, teria Ortega y Gasset o mais completo campo de experimentação para sua teoria da independência do espírito e da alma, pois, inimigo do gênero humano em geral e do homem em particular, George Bernard Shaw é, no íntimo, como ele mesmo confessou em certo momento de imprevisita confidência, uma vida dedicada à comunidade, não como uma vela de curta duração, porém, como archote de ardente fulgor. — H. L.



Martins Fontes, o torrencial poeta de "Verão", e "Vulcão", evocado por João Luso.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

Um dia depois do outro

★

Poesias de **Cassiano Ricardo**

★

Companhia Editora Nacional — São Paulo 1947

E' o terceiro volume das Poesias Completas do sr. Cassiano Ricardo. Em certo ponto da sua carreira, mais ou menos cedo, conforme o espírito e o temperamento de cada um, geralmente os poetas pensam nessa edição integral e definitiva. E' uma ilusão e das menos poéticas em tais idealistas. Enquanto vivos os homens de letras, não há obras completas. Tendo recebido em tal sentido uma proposta largamente vantajosa, o grande comediógrafo Tristan Bernard respondeu ao editor, agradecendo mas declarando que só podia permitir a publicação do seu Teatro Incompleto. E, quanto ao sr. Cassiano Ricardo, não acreditamos que tenha ultimado a bagagem com a qual viajará para a glória, não só a da Academia a que pertence, mas também a sua própria, por dom essencial e *par droit de conquête*. Passageiro de real inspiração, sempre tomará bilhete de ida e volta. Por mais que quizesse, ou julgasse querer, não lhe venderiam outro. O destino dos poetas não lhes pertence, só a eles, mas também, e principalmente, à Poesia.

O presente volume, que conta trezentas páginas, obedece a um belo propósito de homogeneidade. Tendo começado rimador dos mais apurados, mais ciosos da impecabilidade técnica da obra, mereceu o sr. Cassiano Ricardo ser incluído na categoria daqueles que, no Brasil, foram qualificados de parnasianos. Assim compôs os livros *Dentro da noite* e *A fruta de Pan*, publicados respectivamente em 1917 e 1918. Pausa editorial de oito anos, isto é: até 1926. Mas aí, outro versejador surgiu, com o volume *Vamos caçar papagaios*. Entrando de corpo e alma na chamada campanha modernista ou futurista de São Paulo, o sr. Cassiano Ricardo se mostrava inteiramente desprendido, talvez até esquecido do êxito excelente dos dois primeiros volumes. Outros livros se seguiram, como *Martim Cererê*, sem saudades nem voluntária reminiscência do passado. E estas Poesias Completas bem atestam a resolução do apaixonado da poesia, de não voltar aos seus primeiros amores. Paciência. Quem nos faz o favor de nos ler, conhece a nossa pouca simpatia, em princípio, pelas produções do engenho poético que melhor ficariam, a nosso ver, alinhadas como pura prosa. Mas o sr. Cassiano Ricardo em verdade se impõe acima das exigências, dos rigores da arte. A elevação do seu talento e a nobreza do seu sentimento, não há como negá-las ou deixar de as respeitar. Além disso, de vez em quando o autor de *Um dia depois do outro*, transige, embora, se nos é permitida uma expressão rasteira, refilando sempre. Aqui temos várias peças metrificadas mas sem rima, outras rimadas mas sem cadência clássica — para o nosso ouvido sem cadência alguma. Os sonetos mesmos que compõem a parte bem alusivamente intitulada *Pra não perder o hábito*, ora abandonam o ritmo, ora a consonância final. Só um, parece-nos, oferece, com a excelência da idéia, a forma esmerada. E é assim o livro.

DISCURSOS

★

De **ANIBAL FREIRE DA FONSECA**

★

Ariel — Rio de Janeiro 1948

O sr. Anibal Freire é orador por excelência e como tal há muito consagrado. O prestígio oratório, de que realmente goza como poucos, tem feito que o convidem ou solicitem para falar em nome de governos, maiorias parlamentares, instituições acadêmicas ou de cultura, sobretudo por si mesmo, em seu próprio nome, de qualquer modo tornando mais significativas as cerimônias ou as celebrações. Assim este livro não-lo faz ver — e positivamente ouvir — em sessões de posse, colações de grau, banquetes em honra de estrangeiros insígnies, congressos de ensino e outros, campanhas de candidatura presidencial, homenagens à própria individualidade. Na qualidade de paraninfo de bacharelados, aqui o encontramos várias vezes, em cada uma das quais versando um tema de elevada feição e largamente desenvolvendo: Nacionalismo e instrução,

Aspectos da questão social. Renovação e ordem. Em outras páginas, e sempre com o cuidado de ampliar o motivo do discurso, passar de uma individualidade a uma situação ou um país, encerra ele o Congresso Brasileiro de Ensino; agradece o banquete que lhe é dedicado ao deixar a pasta da Fazenda; saúda o Presidente do Paraguai, dr. José Guggiari; oferece, como diretor-secretário do *Jornal do Brasil*, um jantar a uma delegação de jornalistas norte-americanos; faz o panegírico do Cardeal Arcoverde; e, numa conferência, na Faculdade de Direito do Recife, discorre sobre o *Conflito entre as funções dos Estados modernos e os fatos econômicos e políticos*.

A palavra é sempre espontânea, clara, robusta e majestosa. O processo dileto de grandes tribunos ingleses e norte-americanos e que consiste em empregar, entre as mais graves considerações, passagens irreverentes e frases de simples humorismo; esse sistema, ora augusto, ora locoso, deve parecer ao sr. Anibal Freire indigno de oradores que se prezem. Até quando sorri, esta individualidade se mantém apurada e austera. Constantemente se julga a si mesma, impondo-se com severidade uma linha sem quebras nem desvios, embora imperceptíveis perante as alheias exigências, para a sua sempre condenáveis. Por análoga razão evita os arrebatamentos, os surtos vertiginosos em que tantas vezes o sublime roça pelo burlesco, quando lhe não cede forçosamente o lugar. Mantém o verbo, como as atitudes e os gestos, dentro de uma compostura essencial. Não se esquece por um momento de que está ensinando e que só do auditório depende — pela inteligência que possua e a atenção que preste — aprender ou não. O sr. Anibal Freire é um mestre orador.

O CÂNTICO ETERNO

★

Duzentas páginas em prosa, de **JOÃO CLARO**

★

Edições Dois Mundos Rio de Janeiro 1947

Não traz o presente livro indicação expressa do gênero a que pertence. Poderíamos chamar-lhe romance, porque esta designação, restrita, classicamente, ao sentido de "narrativa histórica em versos singelos e apropriados ao canto", tem adquirido, através das gerações e das literaturas, grande diversidade de aplicações, todas elas consideradas legítimas. Bastará dizer-se que, em França, por exemplo, vai da grandiosidade patética dos *Miseráveis* à complicação episódica do *Rocambole* e à burlesca inventiva do *Homem dos três calções*. ... Abstier-nos-emos, porém, de atribuir categoria certa àquilo que o maior interessado deixou de qualificar. À guisa de definição, diremos que, a nosso ver, não quis o sr. João Claro fazer obra de fundo combatente e forma exaltada, nem de sensacionalismo imaginoso, menos ainda de efeito hilariante. Tomou a pena sem programa exclusivo, talvez até sem determinado rumo. Fez do personagem principal uma espécie de portador das suas idéias sociais, seus gostos estéticos, sua crença religiosa, seus pendores afetivos e familiares, sua maneira de sentir e compreender a vida. No entanto, Ricardo Ramalho começa por ser, no livro, um homem de poucas luzes e, no caráter como no sentimento, bem superficial. Apesar do amor que consagra a sua mãe, viúva, sozinha, recolhida à sua vivenda, em Santa Tereza, também ele vive só num apartamento de arranha-céu, no coração da cidade. Chega-lhe, porém, a hora de começar a refletir no vazio e inútil daquela existência. Em vez de continuar a pedir notícias de casa pelo telefone, para lá se vai encaminhando, em visitas cada vez mais frequentes, em progressivo regresso ao lar. Adquire outros hábitos de vida, lê bons livros — alguns dos quais a própria mãe lhe empresta — ouve boa música, vai à igreja, entra decididamente a melhorar de corpo e alma. Uma temporada em certa estação de águas, entre palestras de hotel ou de passeio, com veranistas seleções e frequentes encontros com o sacerdote de uma capelinha de arrabalde, completa a educação do novo homem. Dali por diante, não precisa ele de aprender; pode até, de certo modo, ensinar. E Ricardo Ramalho volta ao Rio, convictamente decidido a trabalhar e constituir família, tudo esperando, abaixo

da graça de Deus, da pureza das suas próprias intenções.

Se entrado ou propriamente ação houvesse no livro, poderia resumir-se às poucas linhas que aí ficam. Mas o autor se serve das figuras e dos fatos como outros tantos pretextos para explanar as suas teorias e opiniões, conceitos e emoções, de arte, pontos de moral e de fé que lhe são caros. De vez em quando — como sucedia a Martins Fontes quando queria escrever prosa — natural, irresistivelmente a pena lhe foge para os versos. E essas poesias concorrem para a variedade e o interesse do livro que a gente percorre, com simpatia crescente, de princípio a fim, e que, por uma espécie de gratidão da inteligência e da sensibilidade, resolve guardar.

EMOÇÕES

★

Versos de **CLAUDINIER MARTINS**

★

Campos, Estado do Rio 1948

Fantasia, humorista, caricaturista, o sr. Claudinier Martins conta na sua bagagem principalmente produções de teatro ligeiro. Nada menos de oito peças, e sendo apenas uma de colaboração com o sr. Raul Fedeirinhas, lhe conduziram o nome ao cartaz, ao palco e aos aplausos do público. Mas também a conferência, o ensaio crítico, o estudo histórico figuram entre as suas obras sempre coroadas de bom êxito e algumas das quais saíram com ilustrações do próprio autor que é ainda artista premiado no Salão Nacional de Belas Artes. Como se vê, o sr. Claudinier Martins tem posseado a sua imaginação e o seu esforço realizador pelos mais diversos gêneros ou especialidades. *Emoções* vem a ser o seu segundo volume de versos... digamos sérios. E não fica o poeta, certamente, aquém dos outros homens de letras que fazem parte desta ditosa individualidade. Vejamos o soneto de exaltação sentimental, de louvor amoroso, que se intitula *Elevação*:

Foste, no brinde de fidalga mesa,
À gloriosa razão de minha vida,
A flor celeste, o lírio, a singelesa,
A página de amor sempre relida;

A divindade excelsa, enaltecida,
A graça, o sonho, a esplêndida nobreza,
A dádiva divina enternecida,
A auriflama de rútila grandeza;

A sublimada inspiração no estudo,
Lindo remígio de aves condoreiras,
E dulcíssimos olhos de veludo;

Ao teu pulcro sorriso, que alegria!
Frescas rosas se abriam nas roseiras,
Que esplendor nos trigueis de cada dial

★

RECEBEMOS:

O divórcio, opúsculo de Alice Afra de Carvalho, do Instituto Brasileiro de Cultura. Rio de Janeiro, 1947.

Paridade do poder aquisitivo do cruzeiro, relatório de Alde Sampaio, aprovado pelo Conselho Econômico da Confederação Nacional da Indústria. Rio de Janeiro, 1948.

Comer para viver, de V. Lefèvre, e outros opúsculos da coleção publicada pela Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1947.

Não existem espíritos desencarnados, dissertação do professor de filosofia Clemente Quaglia, publicação da Escola Filosófica Paulista. São Paulo, 1947.

Os transportes e sua história, exposição consagrada às crianças, por Maud e Miska Petersham, tradução de Mario Donato, primeira publicação ilustrada das Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948.

Santa Maria e a nossa terra, "para a história do culto de Nossa Senhora em Portugal", pelo Padre Antonio Mourinho, edição da revista *Ocidente*. Lisboa, 1947.

Elogio da chuva, algumas poesias de Eydyer Pestana (2ª edição) com ilustrações de C. Eloy. Campos, Estado do Rio, 1947.

NOS BASTIDORES FEMININOS



E' pasmosa a facilidade que muitas pessoas têm de relatar casos de sua intimidade ou da de pessoas de sua família, e isto sem que muitas das vezes exista entre elas e os "ouvintes" qualquer traço mais forte de amizade que autorize tais confidências. Não raro, trata-se de um conhecimento de última hora, quando não de conhecimento ocasional, ocorrido num ônibus, num trem ou numa fila. Sem noção alguma de discrição e de pudor, entram a falar sobre as questões mais íntimas, sem considerar o grau de interesse que podem provocar naqueles que as ouvem, os quais, geralmente, apenas por questão de educação suportam seus "desabafos". Ainda há poucos dias, uma senhora, bem vestida e elegante, importunava dentro do "gostoso" os demais passageiros, que não estavam, absolutamente, interessados na sua história. Em voz alta, metálica e irritante, ia contando à companheira os dramas de sua família, não poupando com o seu sarcasmo e a sua ironia nem os próprios pais! Toda a família estava sendo ali exposta, com todos os seus defeitos e com todas as suas tragédias... Nem os pigarros frequentes, nem os sorrisos maliciosos dos vizinhos foram capazes de convencê-la do seu ridículo. E' de péssimo gosto discutir em público questões de família, principalmente quando esses comentários são feitos de maneira a desabonar os que por eles são atingidos. A pessoa que assim age se torna antipática e dificilmente consegue fazer amigos. Quando a própria família não é poupada, o que podem esperar os estranhos? Existem, dentro dessa espécie, vários tipos diferentes. Há, por exemplo, as "especialistas" em moléstias; as que não podem ver um conhecido sem que se lembrem de contar minuciosamente uma doença qualquer que tenha tido ou

que tenha atingido outra pessoa da família. Há os que estão sempre a par da última intriga da "roda" e que não vacilam em contar ao primeiro que lhes aparece pela frente o "diz-que-diz" que muitas vezes atinge pessoas honradas e ocupadas, que não dispõem de tempo e de paciência para desfazer intrigas. Há ainda as que não respeitam nem mesmo a sua vida privada. O marido é o alvo principal. Se bebe, se fuma, se deve, se ronca, se é frio ou ardente, — de qualquer forma ele fornece amplo material informativo. Pormenores da vida íntima, que só deveriam pertencer ao casal, são contados sem a menor cerimônia. Muitos homens decentes e dignos têm sido postos no ridículo por espôsas faladeiras e inconscientes. Enfim, as "especialidades" variam; dificuldades financeiras ou problemas domésticos; moléstias ou casos amorosos, todas têm os seus adeptos. E' pena que não lhes tenham ensinado que faz parte da boa educação e do respeito próprio não incluir em palestras com amigos ou conhecidos aquilo que denominamos "vida privada". Só se admitem confissões mais íntimas em casos em que se necessitem de bons conselhos e quando essas confissões são feitas a pessoas muito ligadas pela amizade e em cujo caráter e sentimentos sabemos poder confiar. Mas o que não se admite, o que não se compreende e não se aceita, é que se revelem, no dentista ou na "manicure", a quem quer que seja afinal, fatos íntimos que a ninguém interessam e que são revelados apenas para satisfazer ao vício inconsciente de falar por falar. Acreditem, poucos estarão realmente interessados na sua vida particular, e as suas confissões geralmente serão transferidas a outrem, já com uma grande dose de maldade e de ironia, justo castigo.

(Continua na pág. 55)

Personalidade da SEMANA

LUTA DE UMA VOCAÇÃO

Fui encontrar Hilda Goltz no Ministério da Educação, no meio de suas telas e de suas cerâmicas. Era uma tarde de muito vento e céu ameaçador e a gente se sentia bem entre as vitrines da exposição como num lar, ao pé da lareira. Os vasos brilhantes, os jarros toscos, as pequenas ânforas, os pratos pintados dispostos sobre as toalhas de linho cintilavam à luz de lâmpadas invisíveis. E os quadros sorriam nas paredes como rostos amigos e paisagens familiares. Hilda estava no seu mundo.



A arte não foi para ela o caminho aberto suavemente pela vida no dealbar da adolescência. Não. Foi o caminho entrevisto de longe, murado de obstáculos, longe dos seus passos. Filha de plantadores de arroz, nascida na zona colonial do Rio Grande, estudar pintura era o sonho impossível da menina que desenhava bonecos e fazia esculturas de barro. Não havia em Cachoeira uma escola de artes plásticas, nem a lição direta dos museus e das exposições. E o sonho de dar forma e cor às figuras do seu mundo interior, era um sonho impossível de adolescência. Não morreu porque foi alimentado amorosamente, preservado com ternura; porque Hilda o guardou do desencanto como se protegesse uma chama do embate da ventania. Um dia, encontrou na cidade um professor de desenho; mas em pouco tempo não tinha mais o que aprender. Apareceu, por esse tempo uma vaga de professor na Escola Complementar e ela aceitou a cadeira de desenho. Quatro anos se debruçou sobre vocações nascentes, encaminhando os jovens para o caminho que ela mesma só seguiria mais tarde.

Afinal, ingressou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre; foi aluna de João Fahrion, Fernando Corona, Angelo Guido e Maristani.

Em 1940 completou os cursos de pintura e escultura. Em 42 expoz em Porto Alegre os seus primeiros trabalhos; em 1943 foi acolhida calorosamente pela crítica do Rio, de São Paulo e de Curitiba. Firmou-se imediatamente como um valor.

— Então, senti o dever de realizar trabalhos mais sérios; e a ambição intelectual de conquistar um lugar definitivo. Depois de minha exposição de 1944 em Porto Alegre, passei três anos longe do público, preparando-me para expor em Buenos Aires.

Foi em outubro de 1947, na Galeria Muller. Sete outras exposições — todas de artistas já consagrados pela crítica portenha — se inauguravam no mesmo dia. A moça gaúcha viu a rua cheia de gente, filas de artistas, de críticos, de curiosos enchendo os salões. Intimidou-se como uma criança. Mas a onda de povo foi chegando até ela, fluindo diante das telas e das cerâmicas brasileiras. Primeiro por simples curiosidade, depois com interesse. Aplaudiram-na. Compreenderam-na. No dia seguinte, "La Nación", com o peso de sua autoridade, escrevia: "Hilda Goltz sente o tema e o domina. Sua visão é clara, aguil sua técnica." E "Mundo Argentino", a conceituadíssima revista de arte confirmava: "Tem tudo o de que necessita uma artista para triunfar amplamente: visão e execução. Um sópro de vitalidade anima suas criações."

— Essa exposição de Buenos Aires foi a maior emoção de minha vida.

Agora, no salão do Ministério da Educação, outra vitória: transcorrida a primeira quinzena, o interesse do público fez adiar o encerramento de sua mostra de arte. Ela não comenta esses fatos: conta-os simplesmente:

Põe Da Vinci acima de todos os pintores, embora prefira na escultura os modernos comandados pelo gênio de Rodin. Na literatura, Goethe tem um lugar à parte no seu culto. E — contraste muito expressivo — adora a arte rústica, as criações plásticas do gênio popular.

Aliás, sua própria arte é toda impregnada das lembranças da terra e do povo; e entre todos os seus quadros tem um amor especial por "Ouro do Brasil", a grandiosa composição evocativa das terras douradas do arroz e da gente dos campos gaúchos.

Seu grande sonho é conhecer a Europa, embeber-se nos velhos mestres eternos. E continuar a pintar, a esculpir, a trabalhar as cerâmicas rústicas ou preciosas, mas tão belas sempre.

— Minha arte é realmente o meu destino. Só nela encontrei o sentido da vida.

SARAH MARQUES



JACQUES FATH



JEAN DESSES



CARVEN



LECONTE



JACQUES GRIFF



JEAN DESSES



JACQUES FATH



MONTAIGNE



JACQUES GRIFF

SILHUETAS DE PARIS

Reunimos aqui as mais recentes criações dos mais modernos costureiros de Paris. É uma orientação segura para você que não quer perder um só detalhe da nova moda. Cada modelo representa dias de estudo e, quando finalmente seus criadores os apresentam ao público feminino, cada um reúne em si as exigências da "nova linha".

frio



Apresentamos nesta página três interessantes modelos para os dias frios. Ao alto, à esquerda, temos um modelo em lã bege. Mangas três-quartos, saia ampla; pequena gola abotoando com dois botões brancos. Cintura justa; largo cinto de verniz preto. Ao centro, modelo em tecido quadriculado. Saia e mangas amplas. Recortes na blusa. Notar o original feitiço do cinto, executado no mesmo tecido liso da gola e dos punhos. À direita, um discreto modelo em azul marinho. Traspasse original na blusa abotoando com dois botões. Recortes pespontados na altura do busto. Gola e punhos em linon branco



SIMPLES E

- 1 Modelo em tecido escocês em verde, vermelho e branco. Botões vermelhos, cinto de verniz preto e gola de fustão branco



- 2 Original modelo em linho verde. Blusa com singular recorte completado por um jôgo de quatro botões brancos



- 3 Encantador modelo em linho marron. Bolsos na blusa. Gola e punhos em linho branco. Botões também brancos



- 4 Modelo em tecido cinza claro. Saia pregueada na frente. Gola e abas liguindo bolsos, em azul marinho. Botões na mesma cor do vestido



- 5 Um juvenil modelo que poderá ser executado em lã marron. Golas e punhos brancos. Duas pregas de cada lado da saia



- 6 Em fina lã cinza poderá ser executado este gracioso modelo. Botões em toda a extensão da blusa e parte da saia



- 7 Modelo esportivo em lã azul marinho. Bolsos em forma de triângulo. Saia bem rodada toda em pregas



PRATICOS

- 1 Modelo em lã cor de café. Recortes com vizes brancos. Blusa abotoada em toda a extensão. Cintura justa



- 2 Em tecido escocês verde e branco poderá ser confeccionado este encantador modelo. Gola, punhos e botões brancos



- 3 Em lã verde garrafa, é este modelo próprio para passeio. Blusa com recortes e seis botões. Bolsos na saia



- 4 Juvenil modelo em tecido quadriculado cinza e vermelho. Saia ampla. Bolsos duplos na blusa. Gola branca



- 5 Modelo em lã cinza chumbo. Simples, porém muito atraente. Recortes na blusa, e parte da saia com pespontos azul marinho



- 6 Para passeio aqui temos um elegante modelo em linho cor de mostarda. Gola e punhos em seda rosa claro



- 7 Encantador este modelo em tecido escocês marrom, amarelo e verde. Gola e botões amarelo canário. Saia pregueada



Temos aqui estampados três lindos modelos, todos eles executados em lã. O primeiro modelo em verde claro, com recortes na blusa, que é fechada em toda a extensão com botões de cor marrom. Na saia, recortes imitando bolsos. O segundo modelo apresentado poderá ser executado em lã escocesa cinza, vermelho e branco. Recortes pespontados nos ombros e na altura do busto. Cinto e botões vermelhos. Finalmente, em lã havaiana, temos este modelo para a tarde. Gola dupla e punhos brancos pespontados. Botões e cinto também brancos.



As saias muito amplas exigem, para amarrá-las, o uso das "saias de baixo". Elas se tornam, portanto, indispensáveis e podem ser feitas em tafetá, "moiré", "faille", "foulard" e até mesmo em tecidos de algodão, em tons unidos ou listrados. Geralmente terminam com um ou dois babados franzidos do mesmo tecido ou em renda. A combinação parece estar vivendo os seus últimos dias. Nesta página, além de alguns modelos de "saias-de-baixo", vocês encontrarão também dois "robes" e duas camisolas, tudo muito feminino, gracioso e elegante.



NAO ERA, MAS FICAVA SENDO...

Um dia, reprovaram a atriz e escritora Cornélia Otis Skinner o uso de uma palavra que não estava no Webster e, por isso, decerto não era da língua inglesa.

— Não faz mal, — disse a atriz. — Agora, que eu a escrevi, ficará sendo...

Um jornal registrou o dito e, alguém, mais tarde, censurou-a por ter repetido, pura e simplesmente, uma frase de Victor Hugo, que, por necessidade de rima, tinha criado uma palavra inexistente, no seu drama "Marion Delorme".

— Então? — perguntou-lhe um indiscreto. — A anedota realmente não era sua?

— Não, — disse Cornélia Otis Skinner. — Mas agora que eu a repeti ficará sendo minha...

A CONDESSA NAO ERA POETISA

Uma escritora francesa, de segunda ou terceira ordem, organizara uma antologia de poetisas francesas e, logo de início, eliminou uma das maiores figuras contemporâneas, a condessa Anna de Noailles. Um jornal criticou a lacuna e a antologista foi visitar a condessa, para pedir-lhe um poema e apresentar-se desculpas pela omissão.

— Não lhe dou o poema, nem preciso me pedir desculpas, — disse Anna de Noailles. — Eu só teria ficado aborrecida se tivesse me excluído de uma antologia dos poetas franceses...

O RIGOR DE MME. GIRARDIN

Mme. de Girardin não gostava dos jornalistas e por isso mesmo, escreveu uma tremenda sátira contra a classe, na sua comédia intitulada "Escola dos Jornalistas".

— Vá ver minha peça, — disse ela a Jules Janin, uma das grandes figuras das francesas do século passado. — E' sobre os senhores... Procurei pintá-los tal qual são...

Excusado é dizer que seus jornalistas eram todos uns bêbados...

De então em diante, Jules Janin não almoçava tomava um café com leite ou um chocolate, sem dizer ao criado:

— François, leve daqui os restos desta orgia! E assim se vingava, como homem de espírito, de uma mulher que também tinha espírito...

PROMOÇÃO OU QUEDA DE POSTO?

Quando Henri Reine resolveu casar com Mathilde, que era, há longo tempo, sua amante, seus amigos o entusiasmaram muito, mas a futura esposa ficou um pouco desconsolada e confidenciou a um dos seus últimos:

— Tenho a impressão de que Heine não me ama mais...

— Por que?

— Porque quer casar comigo...

— Não compreendo...

— Porque não quer... Para muitos homens, o melhor caminho que encontram para se desembaraçar das amantes é casar com elas... Ai consideram-se quites e podem começar a enganá-las...

AS PERNAS E NADA MAIS...

Quando se fala hoje nas pernas famosas de Marlene Dietrich e nas pernas não menos ilustres, — e estas até mesmo veneráveis, — de Mistinguett não podemos deixar de nos recordar de um dos mais singulares episódios da vida de Marie Madeleine Guimard, que foi conhecida, nos seus tempos de ballarina magricela, como "o esqueleto das três graças"...

Nos últimos anos de sua vida, quando já contava sessenta e sete anos, resolveu a célebre Melle. Guimard reunir seus cortejadores de outrora (os que sobreviviam...), num espetáculo em que dançaria para eles pela última vez. Entretanto, vaidosa de mais para mostrar as rugas do rosto e a decadência do seu corpo, que fora ágil e quase aéreo, mas estava devastado pelo tempo, dançou com o pano baixado, de sorte que se podia ver-lhe apenas as pernas, consideradas ainda belíssimas, — as mais belas pernas do século XVIII. A exibição foi um sucesso, ainda que de meio corpo... e depois do espetáculo muitos dos seus velhos admiradores quiseram ainda vê-la, mas Melle. Guimard recusou receber a todos...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)

LINGERIE E SAIAS DE BAIXO



A BATALHA DAS PUBLICAÇÕES INFANTIS

Esta mais uma vez em debate o tema das publicações infantis: entendidos e interessados tomam parte na controvérsia, que ondula nas mais variadas emoções; desde a sentida queixa dos empresários que vêem de olhos langorosos, o possível desaparecimento dos pingues lucros até a linguagem exaltada de alguns educadores, que se arrepiam com as barbaridades que existem nas revistas ditas para as crianças. Um deles expressou toda a sua revolta nesta significativa frase: "Certas publicações infantis, pior do que imorais, são criminosas."

Como vemos, a discussão está a todo pano e não me custa meter também a minha colher no angú para ver se há caldo. De princípio vou afirmando logo que não tenho o menor interesse pecuniário ou ideológico na questão, porque ambos os lados se ofendem, taxando-se de comunistas e exploradores; mas insultos ao invés de argumentos é praxe dos trópicos. Mas não sou comunista, como também não pertencio a nenhum partido político, porque até o presente momento nenhum me pareceu suficientemente interessante para adotá-lo. Feita esta ressalva, tão útil nos tempos que correm, dou a minha opinião.

Em primeiro lugar não vejo a necessidade imediata de se proibir as tais revistas, embora elas não sejam na realidade propriamente infantis: sua feitura, seus motivos, suas histórias agradam tanto aos adultos que as lêem despreocupadamente nos bondes, quanto aos garotos; todo o mal foi dizer de início que elas eram para as crianças, pois, como quaisquer revistas poderiam subsistir o tempo que quisessem e como ouisessem, sem que ninguém interferisse no assunto; o pivô do caso está justamente nisto: as revistas não são infantis; faltam-lhe para que o sejam, certa leveza de idéias, ingenuidade e idealismo, além de espontaneidade, características próprias das histórias para crianças, qualidades estas que atenuam as mais bárbaras das histórias, mesmo aquelas como a do Barba Azul, que tinha um depósito de espósa mortas em seu castelo.

Li de um escritor que as crianças de hoje exigem mais alguma coisa que histórias de fadas; mas o que realmente atrai a criança nas narrações em quadrinhos é o pensamento mágico naqueles impossíveis heróis; fora disto temos a técnica fria, standardizada, porque na verdade estas revistas são até muito bem organizadas e dirigidas, com certo ar indistigável de propaganda racial e política, o que as afastam logo de um plano universal literário.

Os vilões dos quadrinhos fixaram-se em germânicos e nipoês, neste e noutros planetas, o que revela uma estúpida sedimentação de ódio a determinados povos, como se todos os povos em várias épocas não fossem culpados de crimes de guerra.

E que diremos desses heróis tão pouco humanos, baseados na filosofia de Nietzsche, super-homens absurdos que glorificam a força bruta e a destruição sistemática por inventos guerreiros? E quanto a lógica veremos que é inexistente, porque enquanto atribue eternos instintos perversos aos nazistas e japoneses, ao mesmo tempo glorifica o mesmo ideal de superioridade racial em homens fora do comum, que vencem tão somente pela força dos músculos ou de armas poderosas. Poderíamos até pensar que o espírito destas histórias fosse como uma fênix saída das cinzas do terceiro Reich...

Acredito, pois, que a questão poderia ser resolvida com menos debates e de uma forma bem simples: bastaria que se fizesse uma declaração expressa de que as revistas atuais de quadrinhos não são para crianças e se poderia até alterar os nomes das que correm por aí, para que a infância não fosse mais enganada neste assunto. Por outro lado é preciso que se ofereça às crianças, que vivem com a imaginação aguçada pelo cinema, outras leituras e para isto não faltam desenhistas competentes e escritores de boa vontade, em nosso meio, além de estudiosos do folclore indígena e de alhures se o caso é de organização e técnica, por que não uma equipe de nossos técnicos trabalhando no assunto?

Se a meninada prefere história de quadrinhos, não custa satisfazer-lhe a vontade; dê-se-lhe quadrinhos, mas com outros personagens, outras histórias, diferentes motivos, e, principalmente, animadas por um espírito totalmente diverso das atuais; espírito de colaboração entre os homens, de ajuste de interesses e ideais, ao invés da beliciedade mórbida e preparação guerreira constante, que predominam nas famosas revistas, ditas infantis...

ZOIA DE LAET



ANNEK

Em nylon branco com nervuras e rendas.



RENAULT

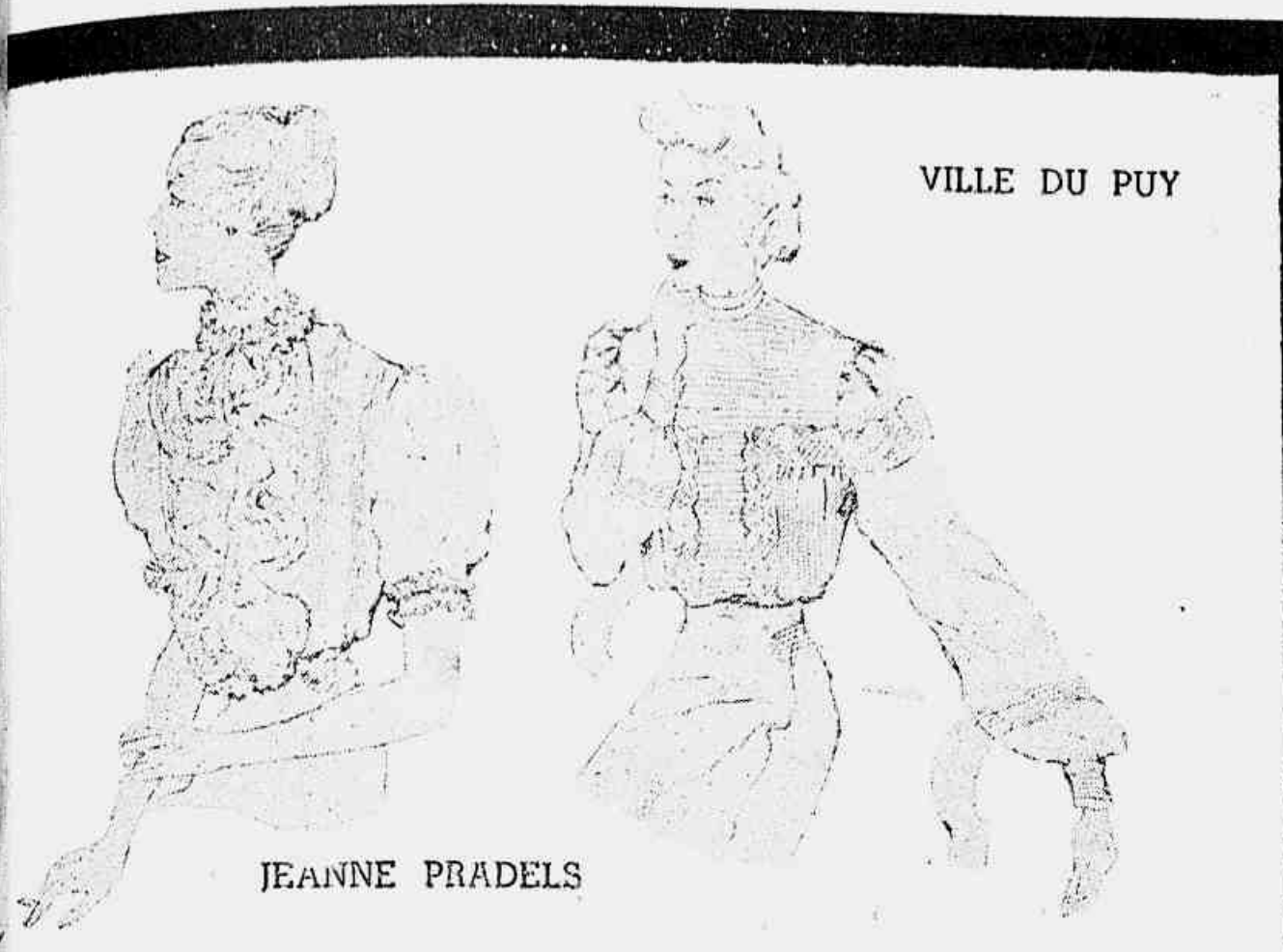
Seda branca com "rouche".



MILLE ET UNE NUITS

"Chemisier" em seda branca com incrustações de cetim.

Blusas



VILLE DU PUY

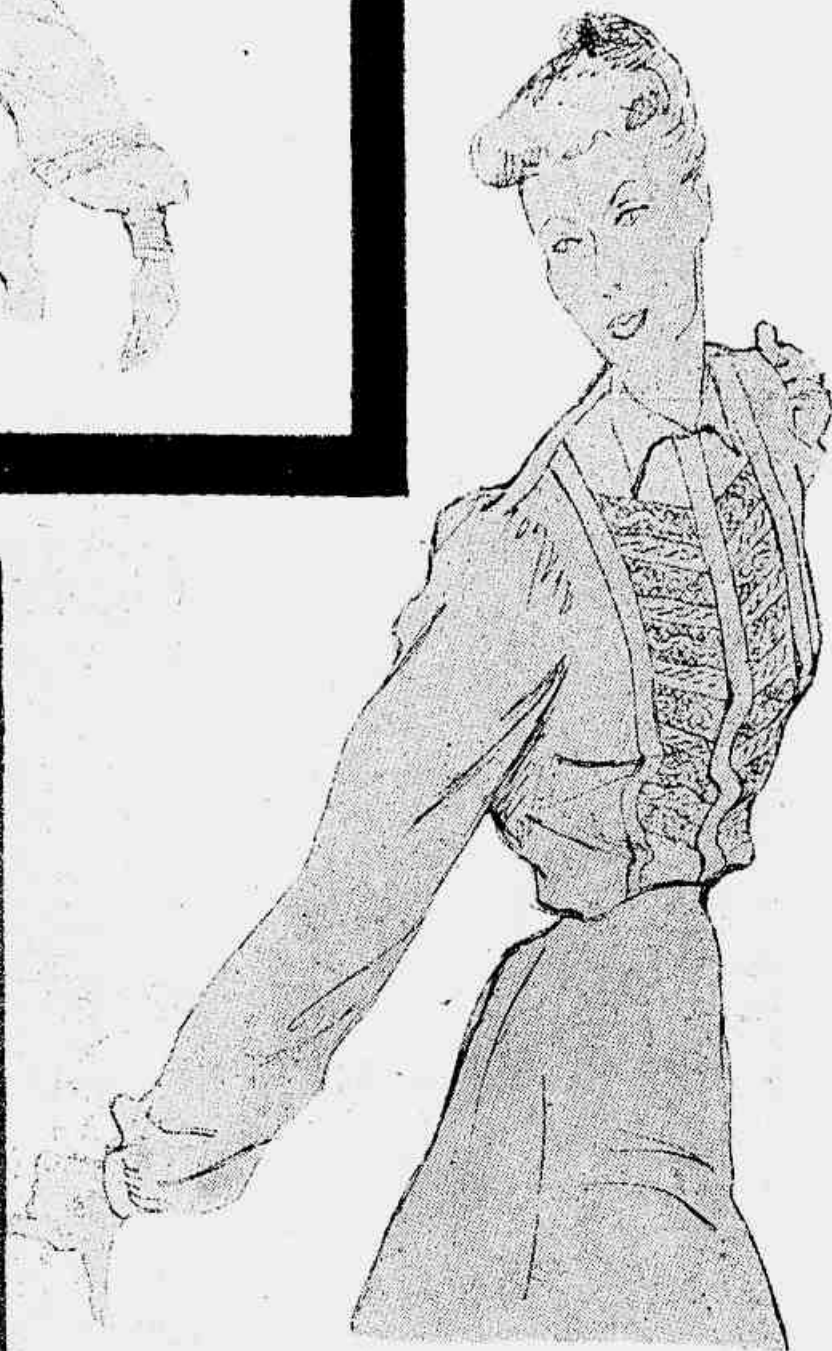
JEANNE PRADELS

Combrana e rendas
Nervuras e "jabot".
Em mousseline com
nervuras e rendas.



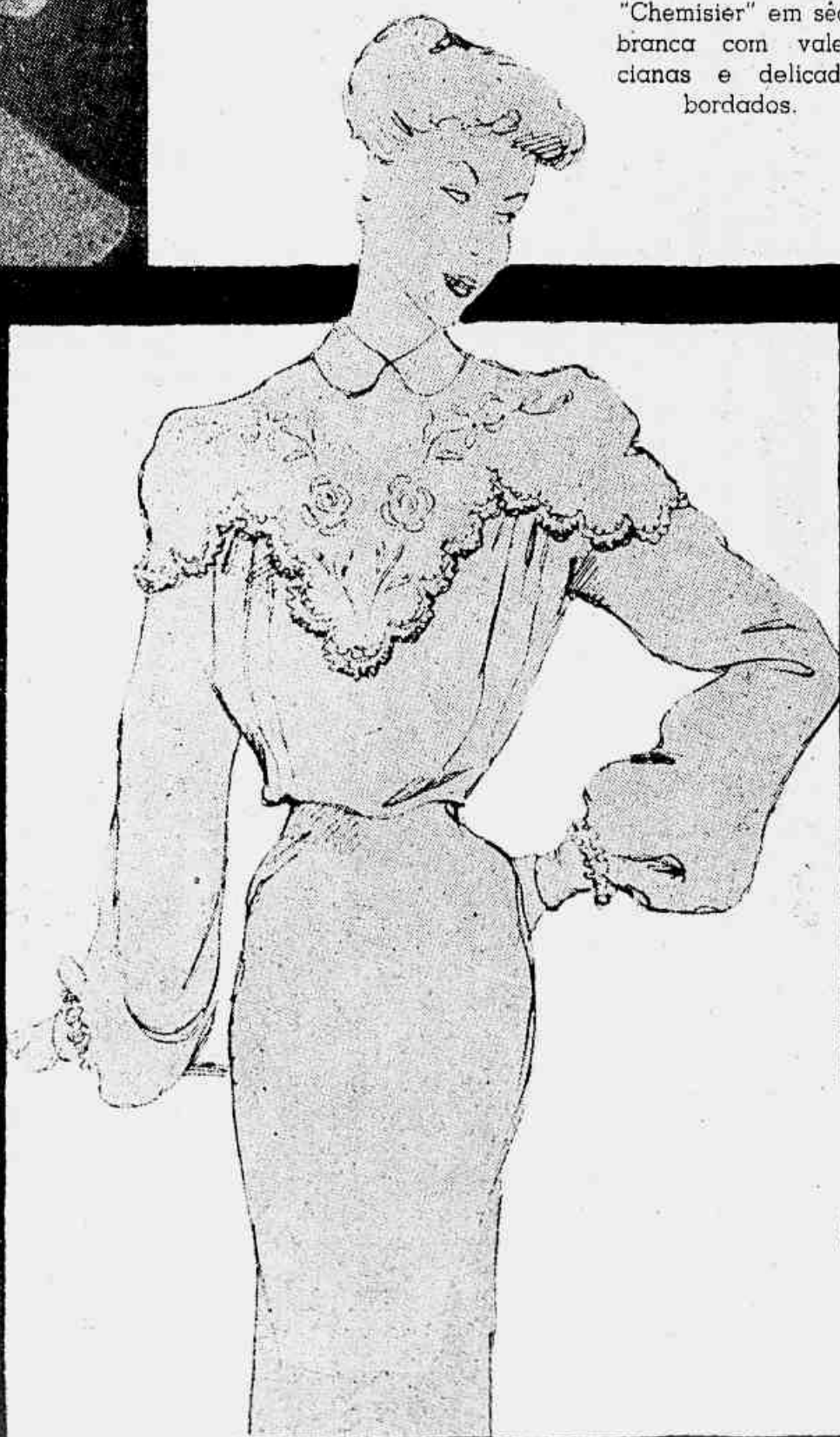
JANINE

Em bordado inglês
com fita de veludo
na gola e nas man-
gas.



SUZANNE JOLY

"Chemisier" em seda
branca com valen-
cianas e delicados
bordados.



BETOUX

Em crepe georgette
com pala ornada de
renda e bordados.



CONVERSA COM ANABELA

ANABELA, Rio Branco — Temos a impressão de que só lhe poderão advir infelicidades desta sua fraqueza. A situação ilícita dentro da qual você aceitou o homem que diz amar, faz com que ele próprio a julgue mal, embora tirando partido dos valores que você lhe proporciona. Há uma frase bem cínica de um pensador francês, que diz esta é a verdade: "Perdoamos aos outros todos os delitos, menos aqueles dos quais tiramos proveito".

Isso é duplamente verdade quando se trata de homem para mulher. Por maior atração que lhe tenha por você, no fundo do seu pensamento você lhe aparece diminuída pela traição que está praticando. A atração pode persistir e ofuscar até o julgamento moral, desde que não tenha havido completa satisfação. Porém todos nós sabemos o quanto o desejo irrealizado pode beneficiar a pessoa desejada. E quanto o desejo satisfeito pode diminuí-la...

Assim, se já não fôsse por sentimento moral, ao menos por habilidade, as mulheres deviam saber resistir a certas circunstâncias, quando pretendem melhores resultados. No seu caso, por exemplo, que lhe resta fazer agora, quando nada mais resta a prometer, quando você já teve mesmo a péssima idéia de confessar seus sentimentos através de repetidas cenas de ciúmes?

Nada, Anabela, nada a não ser arrepender-se a tempo, reconhecer o seu erro e afastar-se por completo dessa criatura. Como pode você exigir que ele a preze e respeite, se nem você mesma se preza nem se respeita?

Melhore o conceito que tem de si própria, veja que você não é tão fraca assim, que sabe reagir, sabe mostrar o que vale. E trate de viver decentemente a sua vida, sem pensar em aventuras que só poderão levá-la à desgraça.

Além do mais, Anabela, que me diz do seu marido? Você não vive na companhia dele?

Mesmo sobre esse assunto, é preciso uma decisão honesta de sua parte. Caso lhe seja de todo impossível manter daqui por diante uma atitude correta, não continue a iludi-lo. Tenha a dignidade de assumir todas as consequências de sua atitude, tanto as boas quanto as más. Não é digna a mulher que se acoberta por detrás do nome do marido para conservar o respeito social.

Esperamos, porém, que depois dessas nossas palavras, cuja veemência você saberá desculpar, a sua consciência desperte e você cale em si, abrindo os olhos para os terríveis perigos que a cercam.

E' o que fervorosamente estamos pedindo a Deus, neste momento, Anabela.

DICK TRACY — Rio — Visivelmente, uma grande crise de personalidade está se aproximando. Conviria isolar-se durante um certo período, afim de conviver mais demoradamente consigo próprio. Através da observação, e do natural amadurecimento (dê tempo ao tempo, calma!), chegará a saber precisamente de que se trata. Por enquanto, qualquer prognóstico de nossa parte seria adivinhação, e o que você menos precisa, no momento, é de charlatanismo.

Paciência, Dick, e persevere.

CONFIDENTE



"Hoje eu não queria cozinhar"... Se e você mesma quem cuida da sua cozinha, certamente um dia ou outro terá dito isto: "hoje eu não queria cozinhar..." Mas há os filhos, o marido, que voltam do colégio ou do trabalho e que precisam comer... E você tem que agir... Mas você poderá modificar nesse dia, o "menú", satisfazendo em parte o seu desejo e oferecendo à família uma "novidade". Pode ser que gostem e então você poderá se dar ao luxo de repetir, uma vez por semana, o sistema. Muita coisa poderá ser feita de véspera: uma carne assada, um bôlo, um pudim. O resto fará poucos instantes antes das refeições. Uma bebida quente ou um refresco, dependendo é claro de que faça calor ou frio, completa o "menú". Os "sanduiches" serão "decorados" com prazer e você poderá então dizer que matou "dois coelhos com uma só paulada".



REFRESCO DE VINHO

Ingredientes: 500 grs. de açúcar, 2 garrafas de qualquer vinho, água gelada, ou mineral.

Preparação: Despeja-se o vinho numa caçarola, junta-se-lhe o açúcar e leva-se ao fogo até reduzir à metade. Retira-se então e deixa-se esfriar. Na ocasião de servir, põe-se nos copos até o meio e acaba-se de encher com água gelada ou mineral.



SANDUICHES DE LOMBO

Ingredientes: Fatias de lombo, pão branco e preto, mostarda, manteiga.

Preparação: Cortam-se os pães em fatias e fazem-se os sanduiches com as duas qualidades diferentes, tendo de um lado o pão branco e do outro o preto e recheiam-se com uma camada de manteiga misturada com mostarda e uma fatia de lombo ou de qualquer outra carne.



SANDUICHES ESPANHOIS

Ingredientes: 1 enchôva, 2 pepinos de conserva, 1 ovo, 1 colher, das de sopa, de azeite, 1 colher de alcaparras, 5 cebolinhas, 1 limão, manteiga, sal, salsa, pimenta, pão de fôrma, cortado em fatias.

Preparação: Retiram-se as espinhas das enchôvas e desfazem-se estas em massa. A parte, picam-se miudinhos os pepinos, ovo cozido, a salsa, as cebolinhas e juntam-se-lhes limão e azeite. Mistura-se tudo muito bem, colocando-se uma camada desse recheio entre duas fatias de pão, previamente untadas de manteiga.



CREME COM FRUTAS

Ingredientes: 500 grs. de frutas frescas, 75 grs. de gelatina branca, creme de baunilha.

Preparação: Derrete-se a gelatina em meio copo d'água quente e junta-se o creme. Toma-se uma fôrma lisa e arruma-se o seguinte: uma camada das frutas picadinhas, uma do creme e assim até encher a fôrma. Leva-se à geladeira.

Sweet's Take





PARA a grande parada de elegância e beleza, que breve terá lugar no mais belo hipódromo da América do Sul, apresentamos aqui alguns lindíssimos modelos próprios para a ocasião:

A esquerda — Molyneux apresenta um "duas-peças" de sêda estampada. Jaqueta justa e longa, saia plissada. Balenciaga sugere "tailleur" de sêda branco guarnecido de rendas pretas. **A direita** — De Balenciaga, modelo em lã preta. Cinto de verniz em tom contrastante. "Capeline" do mesmo tecido. De Revillon, grande casaco em lã cinza com "renards" no mesmo tom. Casaco em lã muito fina, com grandes pastilhas. Mais curto atrás, deixando aparecer só de um lado, parte do vestido. Creação de Schiaparelli. **Em baixo** — Modelo de Christian Dior em pesado crepe branco. A saia, muito original, abotoa atrás, numa prega funda.



Encerrou-se a 22 de junho a Conferência Técnica anual da Associação Internacional do Transporte Aéreo (IATA), reunida em Sainte Agathe, Província de Quebec, no Canadá. A Conferência durou duas semanas e contou com a presença de representantes de 23 empresas aéreas de 17 países. Entre as conclusões a que chegaram os conferencistas destacam-se as seguintes:

Recomendação para o controle conjunto de certos suprimentos e equipamentos de terra; incentivo para a mais ampla instalação de luzes, de aproximação de aeroporto; melhores medidas para o rápido manejo de aviões em aeroportos internacionais; maior coordenação de comunicações e facilidades de navegação; mais amplo uso do voo padrão de pressão em rotas longas, e acordos internacionais entre as linhas aéreas sobre a conformidade dos processos de aproximação e descida.

A Conferência Técnica da IATA forneceu também uma oportunidade aos engenheiros de todos os continentes para trocarem dados e experiência em problemas de voo.

Sob o título de "A Famosa Controvérsia Irmãos Wright-Santos Dumont", acaba de ser publicado mais um livro do já conhecido escritor e piloto civil aviador José Garcia de Souza. Trata-se de um interessante trabalho, em que o autor sustenta a tese da não invenção do "mais pesado que o ar", classificando-o como o resultado da evolução através de sonhos, ensaios e experiências.

O diretor de Aeronáutica Civil aplicou ao piloto Tomás Van Der Put Jr. a pena de multa de Cr\$ 50,00, por haver dirigido a aeronave PP-TZU, de propriedade do Aero Clube do Brasil, realizando vôos acrobáticos sobre o bairro da Tijuca.

Ao comandante Alicia Gabriel de Carvalho, da empresa Aerovias Brasil, foi aplicada multa de igual valor, por não trazer em seu poder a carta de piloto, quando realizava uma viagem de rota Rio-São Paulo, em março último.

Um avião cargueiro da Aerovias Brasil, prefixo PPAVO, depois de decolar às 4.30 da madrugada de 14 do corrente, no aeroporto de Belém, no Pará, ao iniciar uma curva para a esquerda, perdeu altura e chocou-se contra o solo. Em consequência do acidente, pereceram todos os seus tripulantes, com exceção do rádio-telegrafista, e mais dois passageiros. O avião dirigia-se para São Paulo.

O ministro da Viação alterou a Tabela de Remuneração para o Transporte Aéreo de Correspondência Postal, aprovada em 24 de setembro do ano passado, visando estabelecer a remuneração pelo transporte de correspondência postal aérea até Madrid e Frankfurt-sobre-o-Meno, novas escalas da Panair do Brasil nas suas linhas transatlânticas, bem como para reduzir a taxa de remuneração de tais serviços para a vizinha República do Paraguai.

O Aero Clube do Brasil acaba de inaugurar um Curso de Paraquedismo para pilotos e esportistas civis. O curso terá uma duração de oito semanas e será realizado sob a direção do sr. Charles Astor, instrutor de paraquedismo da Aeronáutica, assistido por um grupo de monitores. Após a formatura da primeira turma masculina será aberto um curso para moças aviadoras e enfermeiras paraquedistas.

Noticias de Buenos Aires informam que o Instituto Aerotécnico Argentino, que funciona na cidade de Córdoba, terminou a construção de um novo tipo de avião de guerra, totalmente fabricado na Argentina. Trata-se de um caça de combate noturno bi-motor, de um lugar inteiramente de metal. É dotado de motores "Rolls Royce", de 1.800 cavalos cada um, e pode desenvolver uma velocidade de 700 quilômetros horários. O novo aparelho foi batizado com o nome de "Nancu", denominação indígena de uma ave da Patagônia.

O Tesouro e o Ministério dos Abastecimentos da Grã-Bretanha concordaram com a recomendação da Comissão Real de Prêmios, que manda conceder ao comodoro do Ar britânico Frank Whittle, inventor da propulsão a jato, a importância de 100.000 libras esterlinas, livre de impostos, como prêmio pelo seu notável invento, que revolucionou a aviação. Esse prêmio foi o maior já concedido pela Comissão até agora.

A Sociedade dos Construtores de Aviões da Grã-Bretanha realizará, de 7 a 12 de setembro próximo vindouro, uma exposição aeronáutica no aeródromo de Farnborough, na Inglaterra, afim de mostrar os progressos alcançados na construção dos mais modernos tipos de aviões. Ao contrário do que se deu o ano passado, quando foi destinada exclusivamente a técnicos e compradores, a exposição será aberta ao público durante dois dias.

Em San Diego, na Califórnia, um aviador foi lançado da altura de 9.000 metros, sem paraquedas, ao partir-se um pedaço da fuselagem do aparelho — uma "B-29" — que é feita de vidro plástico. O tremendo deslocamento de ar arrancou o aviador de seu posto e precipitou-o no espaço. O corpo do aviador foi pouco depois encontrado e entregue às autoridades navais daquela base norte-americana.

(Cont. na pág 56)



DIREITO AUTORAL

O programa do direito autoral é o "leit-motiv" da celeuma existente entre compositores e sociedades arrecadoras. Até hoje, apesar das discussões háidas e do separatismo proposto na S. B. A. T., não foi encontrada uma solução satisfatória, sendo comum as entrevistas contra este ou aquele diretor de uma das sociedades de classe que, por sua vez, persistem em manter silêncio sobre suas atividades.

O impasse criado na arrecadação do direito autoral reclama providências. E' por demais absurdo que cantores e emissoras enriqueçam enquanto os autores de nossa música popular ficam no "ora veja", aguardando uma solução com foros de eternidade. Ao invés de briguinhas de café, das inimizades atrás da cortina e do "eu sou capaz de..." os compositores deveriam lutar para que os seus direitos fossem assegurados, sem ser preciso lançar mão de discussões estéreis. Basta um pouquinho de honestidade e melhor compreensão, para que todos os objetivos sejam atingidos, em benefício de toda a classe. Quanto ao mais, lavem a roupa suja em casa, conforme reza o ditado popular...

A. MIGUEIS

CIUME

Tango de Jacob Gade.

Ciume
é um perfume de flôr...
Ciume
é um queixume de amor...
Teus olhos
que fingem não me fitar
mas que vivem só a me acompanhar.
Ciume
é expressão dolorida
das mil incertezas da vida.
Julgar que outro alguém se interpôs
e que tudo acabou entre os dois.

EU, MEU RANCHO E O LUAR

Valsa brejeira de Luis Guilherme e W. T.

Pela manhã)
Despondo o sol,)
eu levo) Bis
o meu gado a pastar...)

A noite
quando regresso...
Eu, meu rancho
e o luar...
Neste meu rancho
Que eu mesma fiz
vivo sozinha
E sou bem feliz.
Plantei canteiros,
Fiz viveiros
e tenho o aroma
do resedá...
Tra-lá-lá-lá-lá.

YOU GO TO MY HEAD

De Gillespie e Coots.

You go to my head
And you linger like a haunting refrain
And I find you spinning 'round in my
[brains]
Like the bubbles in a glass of cham-
[pagne]

You go to my head like a sip of
Sparkling burgandy brew
And I find the verk mention of you
Like the kick in a julep for two
The thrill of the thought
That you might give a thought to my
[pleas]

Cast a spell over me
Still I say to myself get a hold of your-
[self]

Can't you that it never can be
You go to my head
Like a summer with a thousand Julys
You intoxicate my soul with your eyes
Tho I'm certain that this heart of mine
Hasn't a ghost of a chance in this crazy
[romance]

You go to my head
You go to me head...

I'VE GOT A CRUSH ON YOU

De George Gershwin.

I've got a crush on you sweet pie
All the day and night time hear me sigh
I never had the least notion
That I could fall with so much emotion
Could you could, could you care
For a coming cottage we could share
The world is part of my crush
Cause I've got a crush my baby on you.



PENAS, véus, flores, palhas, tafetás, tules e feltro são os materiais que você deverá empregar na confecção destes lindos modelos, que aqui apresentamos, para complemento de sua elegância.

Chapéus



A atração máxima da grande tarde da Gávea está, sem dúvida, na elegância feminina. Os chapéus, principalmente, merecem atenção especial. Para vocês, as sugestões dos mais famosos chapeleiros.



REAPARECE A UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS

De ROBERTO LYRA FILHO

Depois da inauguração solene, que contou com a presença do governador Milton Campos, o XI Congresso Nacional dos Estudantes prosseguiu seus trabalhos, interrompendo-os domingo à noite para que os representantes de todos os Estados pudessem assistir a um espetáculo especialmente organizado em sua homenagem.

No Teatro Municipal, tivemos, então, a satisfação de rever o corpo de baile da União das Operárias de Jesus. Graças ao esforço persistente de Sansão Castelo Branco, os congressistas puderam, assim, receber uma amostra de arte coreográfica em sua mais alta, valiosa e bela expressão.

BACH E AS OPERÁRIAS DE JESUS

Assinalamos, já, a habilidade de Velitchek, o coreógrafo que teve oportunidade de receber os talentos jovens, maleáveis, de infinitas possibilidades do grupo de pequenos bailarinos da União das Operárias de Jesus. Notamos como ele começou apelando para a imaginação infantil, através de coreografias em que predominava a pantomima, explorando a graça natural das crianças, sua compenetração.

Gostamos de chamar a atenção, aqui, para a evolução do corpo de baile que, à medida que vai dominando recursos técnicos e, pouco a pouco, ganhando uma segurança maior, já pode ir depurando a sua dança, dando-lhe uma linha de clássica simplicidade e harmonioso equilíbrio. O "Prelúdio", de Bach, com prelúdio, invenção e suite, guarda, em sua coreografia, uma expressiva sobriedade, "combinando ritmos, movimentos e cores" que, conforme foi lembrado, concretiza numa visão, a música de Bach, atendendo a frase de Haydn: "A dança é a música que se vê."

QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO

Do passeio de Moussorgsky pela exposição de seu amigo, o pintor Hartmann, resultou a página de um surpreendente colorido musical, que tomou o nome de Quadros de Uma Exposição.

A escolha de Velitchek, destacando para seus pequenos esta série de imagens sugestivas, foi das mais felizes. As linhas de sugestiva beleza que deu à coreografia tornam esta peça digna de menção especial.

O rastejar do gnomo, a lírica fantasia do trovador, que encanta as castelãs, o jogo das crianças ricas, que acolhem as pobres, brincando, todas juntas, "Bydlo", o carro puxado a bois, a leve e graciosa dança do pintinho, o episódio do judeu rico e do judeu pobre, o conflito no mercado de Limoges, a sinistra imagem das catacumbas, a bruxa que surge entre seres fantásticos e, finalmente, o grande portão de Kiev — são aspectos da obra de Velitchek a que o corpo de baile da União das Operárias de Jesus soube dar uma realização que o recomenda como um dos principais conjuntos no gênero.

UIRAPURU

Não é a primeira vez que o conjunto apresenta a lenda do Uirapuru. Porém, a cada reprodução, sente-se que, ganhando segurança, a coreografia se esboça nos movimentos dos bailarinos, com maior firmeza, sublinhando os traços vigorosos da música de Villa Lobos.

Aquela flagrante da vida monótona da taba com que se inicia o bailado revela a acuidade da observação de Velitchek. Dentro da estilização a que ele submeteu os movimentos, há o aproveitamento, com segura compreensão de suas possibilidades plásticas, dos gestos típicos do nosso índio. As danças ritmadas, o aparecimento do índio feio, uma soberba criação de Yellê, tudo se conjuga para preparar a descida do pássaro belíssimo e a sua metamorfose. A disposição dos grupos em cena marca, em quadros sucessivamente formados, a fascinação das índias, a segurança do índio, que se deixa adorar. A morte do Uirapuru, carregado pelas índias, o desespero das moças, em gestos desalentados, esboça novamente, numa transição habilíssima, o final em que as índias retomam, melancólicas, a vida da taba, enquanto o índio feio exulta e chora a índia caçadora.

E' preciso destacar, aqui, o trabalho de Tereza, como índia caçadora. A compenetração, a força dramática dessa menina atestam a sua vocação já manifestada numa criação magnífica.

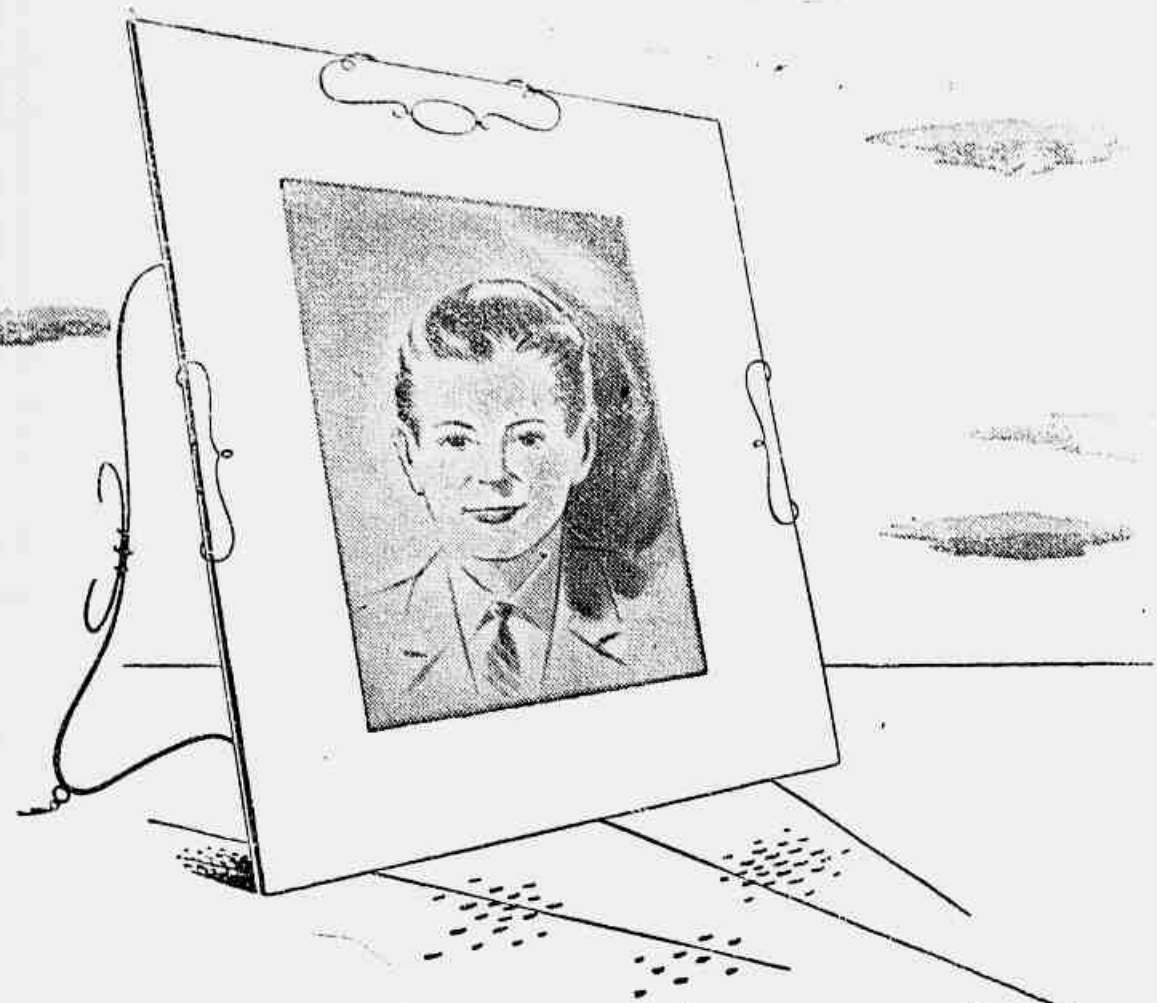
BALLET DA JUVENTUDE

Fomos informados de que o Ballet da Juventude, surgido na União Nacional dos Estudantes, está sendo reorganizado. Eis aí uma boa notícia.

Logo que surgir aquele conjunto, assinalamos o acontecimento com entusiasmo. Depois, infelizmente, tomou o caminho do profissionalismo sem possibilidades de desenvolver, dentro do grupo de profissionais contratados, os planos de desenvolver o gosto pela dança e oferecer aos estudantes uma escola de baile e uma oportunidade para praticarem a arte pela qual manifestaram inclinação.

Agora, porém, devolvido à orientação de Sansão Castelo Branco, o Ballet da Juventude, ao que se anuncia ressurgirá, retomando a sua finalidade principal.

Aguardamos a sua próxima apresentação e fazemos votos para que obtenha o merecido sucesso.



Que será seu filho AMANHÃ

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente — da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula félsico, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas — os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar — Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



Enfim
o que eu sonhava —
— UM LINDO PRESENTE

A joalheria
A ESMERALDA

possue os mais lindos
artigos para presen-
tes em joias, relo-
gios, pratas, cristais
e muitos outros de
finogosto artístico

SEMPRE OS MELHORES PREÇOS

Joalheria
A ESMERALDA

RUA 7 DE SETEMBRO, 155

(Esquina Ramalho Ortigão)

O sobejo da cobra...

(Cont. da pág. 18)

— Você tá doido, Leôncio! advertiu mestre Chico, com gravidade.

— Qui é que tem?

— Apois, vancês num sabem que na cachoeira do Maguari-Assu mora iara!

— Abusões, seu Chico!

— E' mió qui vancês dijistam dês-se banho.

— Na cachoeira, à meia-noite, aparece a cobra grande! explicou em outra, com voz prudente.

— E' verdade, acrescentou Anastácio. Já ouvi dizê: a cachoeira foi um palácio, onde morava uma princesa. Comprade João Damasceno já topou lá a cobra grande que queria beijá êle e quase engole êle vivo...

Mas, Leôncio estava resoluto:

— Qui nada! Já dixei qui vou, vou mesmo. Quem tivê mêdo, fique. Eu vou sózinho! Quero vê o que a cobra grande faz comigo.

— Eu é que não vou! gritou o filho do coronel Bento. Não quero negócio com cobras grandes...

Do seu canto, Luizinha olhava calada. Uma interrogação e uma surpresa nos olhos.

Mas, Leôncio não via nos olhos dela nem surpresa, nem interrogação — via desprezo. E queria, infinitamente queria fazê-la sofrer. Se a cobra grande o matasse... — queria mesmo morrer...

E sentia um secreto prazer em pensar que Luizinha havia de sofrer com a sua morte. Porque ela havia de saber que êle fizera aquela doidice por causa dela — e havia de ter remorsos...

Êle dava a vida por ver Luizinha chorando!

★

À bequilha da noite, quando a luz da lua saindo, leitosa, por trás da mata, veio derramar-se no zinco polido do rio, Leôncio gritou pelos companheiros:

— Anda, pessoal! Quem qué í, tá na hora! Vamos ao banho na cachoeira!

Ninguém atendeu. Todos os ouvidos se fecharam, surdos, para o convite que os apavorava como uma fatalidade.

— Tá doido, Leôncio! Entences, filho do meu pai nasceu p'ra sê pasto de cobra grande?

Leôncio, porém, resoluto, correu para a ponte, com o «jeumian» no ombro, e pulou para dentro da montaria, que quase ficou alagada.

— Antes só do que mal acompanhado!

Na ponte, cujo esqueleto de pau era uma sombra sinistra na claridade do luar, apareceu o vulto de Luizinha, toda de branco, flor no cabelo, sacudindo a saia. Mas, o sorriso? Esquecera o sorriso, e a boquilha, séria e fechada, era um botão de rosa.

— Leôncio, p'ra onde é que você vai?

Ele olhou-a, espantado, sem compreender. Aquela voz, que lhe penetrava no espírito como uma revelação de confusos mistérios, abria-se-lhe de repente ao coração, harmoniosa e doce, como se fôsse uma mão invisível que lhe acariciasse a alma, pacificando-lhe a vida.

Não teve voz para responder. Olhou para ela, numa interrogação que era um êxtase.

— Que é isso, Leôncio? Você é criança para fazer uma loucura dessa?

E num tom imperativo, que era a um tempo súplica e perdão:

— Venha cá, Leôncio. Não faça besteira! Largue essa montaria, e venha cá, que eu quero lhe dizer uma coisa.

★

No dia seguinte, «seu» Pedro espalhou na «Boca» uma comunicação

sensacional: o noivado de Leôncio com Luizinha. Foi assunto para uma semana.

— Então, o Leôncio, aquele subejo da cobra grande!...

— Eu n'um dizia: escapou da iara da cachoeira, mas a Luizinha amarrou êle!...

★

Quando Leôncio saltou no Pôrto do Sal, o mestre Chico gritou p'ra êle, com o peito aberto para um abraço.

— Eu num te disse, Leôncio, que si tu fôsse à cachoeira a iara te agarrava... Tá aí o qui tú quíria: cá nas mãos da iara de cumpadre Pedro!...

A VIDA DE COROT

(Cont. da pág. 23)

Daubigny, que pintou, brincou e se divertiu com êle, durante toda vida e que, no leito de morte, murmurou:

— Adeus. Vou para o céu ver se o amigo Corot encontrou para mim assunto, de paisagens.

Havia Rousseau, de cabeça maciça e barba cerrada, o artista cujo rosto alegre ainda conservava traços de fome recente, fome a que a generosidade de Corot ajudara a ter um fim. Havia Diaz — Narcisse Virgile Diaz de la Peña — cujas cores ricas de seus quadros igualavam a riqueza colorida de seu nome, o homem de perna aleijada e de coração enérgico, um espanhol que parecia uma pirata e pintava como um deus. Um John Silver, de cabelo preto, que mendigara pelas ruas, e agora se deliciava com a taça transbordante do sucesso, e que, num dia trágico, iria morrer da picada de uma víbora. Havia Baudelaire, o apóstolo do Romantismo, cujo gênio se aproximava da loucura — ou, como alguns de seus mais maliciosos críticos diriam, cuja loucura se aproximava do gênio — o surpreendente Baudelaire, o homem que um dia se exibiu no vestibulo do Hotel Pimodan, em colarinho branco, gravata imaculada, luvas justas e assentadas, sapatos cuidadosamente engraxados, e que outro dia andava de brinços nas orelhas, cabeleira azul na cabeça rapada e um punhal ornado de pedrarias no cinto de seu extravagante vestuário. E depois o grande Courbet, cuja vaidade era ainda maior que o gênio. Uma tarde Corot e Courbet eram convidados da casa de um amigo comum. Falavam sobre arte moderna.

— E a quem, Corot, — perguntou Courbet, — a quem a França considera o maior de seus artistas? — E continuou, respondendo à sua própria pergunta. — Eu, naturalmente, — e de súbito, lembrando-se de ser delicado, acrescentou, mas sem entusiasmo, — e você.

Esta história lembra outra semelhante, sobre Victor Hugo, outro contemporâneo de Corot.

— Quem é, na sua opinião, — perguntou-lhe um de seus conhecidos, — o maior poeta da França?

— Alfred de Musset, — replicou Hugo com um sorriso, — é o segundo dos maiores.

IV

Victor Hugo e Alfred de Musset, é interessante observar-se, foram dos últimos a reconhecer a grandeza da arte de Corot. Mas Hugo era um dramático, Musset um romântico, e Corot não era nem dramático nem romântico. Era unicamente sincero. Pintava o mundo conforme o via. Recusava-se a exagerar as cores da Natureza. Seus quadros nunca eram trabalhados de mais. Na verdade, alguns dos principais críticos de arte de Paris acreditavam que eram pouco trabalhados. Nieuwerkerke, por exemplo, descreveu Corot como uma «criatura miserável, que garatujava telas com uma esponja ensopada de lama».

E assim, os dramáticos, os românticos e os críticos continuavam cegos às mais lindas sutilezas da arte de Corot. Mas seus colegas, os artistas, homens cujos olhos estavam habituados a ver, começaram a reconhecer nele um mestre. Como resultado de suas constantes insistências, Corot recebeu, em 1846, a Cruz da Legião de Honra.

— E' incrível! — exclamou o pai, ao ouvir falar nisso.

E quando Corot, como filho respeitoso que era, descobriu a farsa vendida diante dos pais, a mãe aconselhou-o a ser mais cuidadoso na maneira de se vestir, agora que fôra reconhecido como um grande homem.

Se a condecoração de Corot fracassou em fazer dele um homem mais cuidadoso, conseguiu torná-lo um homem mais feliz. Porque estava agora em condições de vender seus quadros todos e de encher a bolsa para benefício de seus amigos.

Como o sucesso havia chegado, utilizou algumas das astúcias negociastas do pai. Ocasionalmente pedia preços honestamente justos para seus quadros — mil francos, três mil francos, dez mil francos. Mas, geralmente, estimava-os de acordo com suas necessidades de momento e não de acordo com seu valor intrínseco. No todo, quase subestimava seu valor. Teria ficado não pouco surpreso se pudesse ter previsto, quando vendeu o *Lac de Garde* por oito mil francos, que dentro de trinta anos este quadro valeria duzentos e trinta e um mil francos!

V

Corot não ficou estragado pelo sucesso, exatamente como não fôra envenenado pelos fracassos. Continuou ainda rindo e cantando pela vida. Certa vez, foi convidado ao palácio do imperador. Enquanto subia as escadas esqueceu-se tão completamente de si mesmo, que cantou em voz alta, divertindo assim a reunião real.

No palácio do rei, como em seu próprio pequeno estúdio, permanecia simplesmente ele mesmo. Odiava a ostentação de alguns de seus colegas artistas.

— Este amor pela luxúria — disse ele — está matando todo mundo, e principalmente os pintores. Deus lhes deu talento, e eles o usam para seguir pelo mundo com ostentação, dando festas, concertos e soirées, onde seguram as mulheres pela cintura... Ah, Messieurs les artistes modernes, Deus não está contente com os senhores.

Consurava seus companheiros artistas por dissiparem o dinheiro com suas amantes. Quanto a ele, dizia de si mesmo:

— Minha única amante é a Natureza. Só a ela ficarei fiel toda minha vida. Nunca se casou.

O mundo que Corot via era o mundo em paz. Seu gênio harmonizava mais com a vozinha fraca da criação, do que com a tempestade e a trovada da destruição. Durante o cerco de Paris, em 1870, os prussianos cortaram as árvores de sua bem-amada Ville d'Avray, para fazer lenha. Foi uma das grandes tragédias de sua vida.

— No meio das batalhas, — escreveu, — escondo-me na pintura. Na pintura e no cantar dos pássaros. O concerto dos pássaros! Comparadas a isso e à quietude da Natureza, que são as pequenas e passagêiras tempestades feitas pelo homem?

Durante a tempestade da guerra franco-prussiana, permaneceu calmo, ocupado em seu trabalho pessoal de criar beleza, estimando e sendo estimado. Embora tivesse mais de setenta anos, recusava-se a envelhecer. Esperava, como afirmou, alcançar a idade de cento e quatro anos. Tinha uma insaciável disposição para o trabalho. Aos setenta e sete anos ainda subia os quatro lances de escadas para chegar a seu estúdio, na Rue Paradis Feissonière. No inverno do ano seguinte, um de seus mais queridos amigos, D'Aligny, morreu. Havia uma tempestade de neve, durante o funeral, no cemitério de Montparnasse. Mas o velho pintor, com a cabeça branca acotada pela neve, recusou-se a retirar-se, até o fim da cerimônia.

Final, a saúde começou a abandoná-lo. Vinha ainda regularmente ao estúdio. Não, entretanto, para pintar, mas para estar entre seus bem-amados quadros.

— Se ao menos ainda tivesse forças! — disse ele a seu amigo Robaut. — Você não faz idéia das coisas que eu pintaria... Vejo o que nunca vi antes. Novos matizes, novos céus, novos horizontes... Ah, se pudesse mostrar esses horizontes imensos!

Três semanas mais tarde, a 22 de fevereiro de 1875, seguiu para esses novos horizontes.

— Apesar de tudo, — disse estancamente antes de morrer, — continuo com esperança... Espero de todo o coração que haja pintura no céu.

(Do livro "Vidas de grandes pintores".)

Nas páginas de um..

(Cont. da pág. 27)

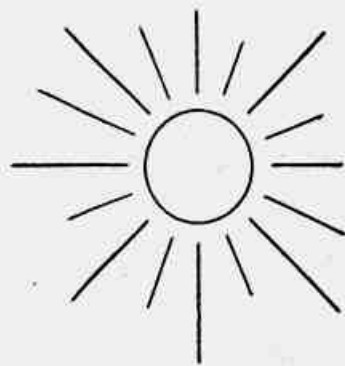
O baleiro de outros tempos representava o tipo de rua mais curioso que o Rio tem tido. Exibindo a bandeja forrada com uma toalha de crochê na mão esquerda espalmada, com a direita o "gavroche" se segurava nas traves dos bondes de burro, saltando cada um o seu grito de guerra característico: "Bala de ovo, alteia, chocolate, hortelã, queijo, côco, amendoim... balececeiro!" Os vendedores eram crianças lépidas, de lábia fácil e palavra convincente. A concorrência era enorme, porque muitas famílias faziam esse negócio, daí a necessidade de cada vendedor se mostrar destre na maneira de apresentar a guloseima. Como poderia Machado de Assis, a timidez e a indecisão personificadas, ter exercido aquela profissão? Impossível! Muitas vezes, da janela de minha casa, fiquei observando o "processo" de seu Machado tomar o bonde. Era uma coisa notável. Escolhia primeiro o banco da frente. Depois recuava e dava preferência ao do meio. Ainda desta vez havia qualquer coisa que o desagradava e ele então recuava ainda mais e ia escolher, afinal, o banco traseiro. O condutor, habituado com os tiques do frequentador matinal, esperava pacientemente que ele se resolvesse, para dar sinal aos burros e descer de Cosme Velho abaixo, até à cidade. Agora (continua minha amiga) expliquem-me como poderia uma criatura assim tão indecisa ter sido algum dia vendedor de balas, profissão que exigia destreza, precisão de movimentos e principalmente loquacidade, coisa que Machado de Assis, gago, absolutamente não possuía? Se o tivessem obrigado a seguir semelhante profissão, ele não passaria da primeira tentativa, pois não sairia jamais da ba... ba... ba... la de ovo! Apupado pelos companheiros teria na certa voltado para casa chorando. Não estou rebatendo estas afirmações de outras pessoas porque achei que ter carapinha e ser vendedor de balas sejam coisas vergonhosas, absolutamente. Estou falando apenas em bem da verdade e da psicologia. Se não publiquei antes estas declarações, é porque nenhuma relação possuo nos meios jornalísticos do momento. Nunca se me apresentou a oportunidade que você hoje me dá, Ignez. Preciso acrescentar que a amizade que dedicava a seu Machado nunca me cegou a ponto de obscurecer as possíveis fraquezas do seu espírito, tanto assim que vou declarar agora o que de mais estranho considere sempre na maneira de agir daquele grande amigo: segundo tudo indica, ele se envergonhava de sua família, gente modesta porém honrada, conforme estavam informados. Nunca o ouvi falar no seu pai nem em sua mãe, durante os longos anos em que durou a sua amizade com a minha família, a qual aliás foi até à morte. Considero este fato inexplicável num homem como ele, tão bondoso, tão amável, tão gentil para com os estranhos.

Continuei a interrogar minha amiga, não com esperanças de obter novidades, mas apenas procurando estudar certos episódios através desta preciosa testemunha de vista.

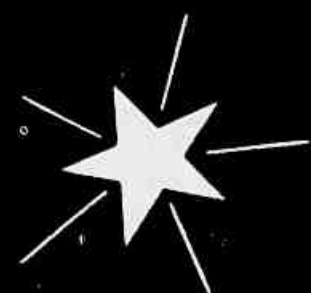
— E que me diz a senhora, de dona Carolina e sua família?

— Eram portugueses, sendo ela irmã do jornalista e poeta Faustino Xavier de Novais. E foi exatamente por causa de uma amizade natural entre literatos que Machado de Assis começou a frequentar a casa. Faustino morava com as duas irmãs solteiras, Emília e Carolina. Eram filhos de um ourives do Porto, já falecido nessa ocasião. Lembro-me do episódio do noivado do nosso maior romancista, não porque o houvesse presenciado, mas de tanto o ouvir dona Carolina contar, com uma graça sempre renovada. Os namorados eram muito vigiados pelo irmão da moça, tanto que Machado de Assis ainda não conseguira trocar nem uma palavrinha a sós com Carolina. Mas um belo dia a oportunidade apareceu: Faustino saiu um momento para olhar qualquer coisa interessante que ia passando na rua. O namorado aproveitou.

ÁGUA DE COLÔNIA



NIGHT and DAY



Camponia

TONIGHT OR TODAY USE THE NIGHT AND DAY



UMA LINHA DE PRODUTOS PARA A SUA BELEZA

Água de Colônia,
Talco,

Pó de Arroz,
Baton, etc.



Pedidos aos Fabricantes:

RIBEIRO, LEITE, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Sucessores de LA-ROCQUE DE LUXO LTDA.

RUA CHAVES FARIAS, 330 — RIO DE JANEIRO

Aceitamos representantes nas principais
cidades do País



NUPCIAS. — Realizou-se no dia 10 de junho próximo passado, nesta Capital, o enlace matrimonial da senhorita Enelda Vasconcelos com o sr. Hélio Cotrim Coimbra, ambos elementos destacados de nossa sociedade. A cerimônia religiosa, que teve lugar na Igreja da Candelária, fez com que o templo ficasse repleto de parentes e amigos dos nubentes. À noite, em sua residência, à Avenida Epitácio Pessoa, o sr. João Vasconcelos e senhora ofereceram uma recepção que transcorreu com muito brilho e cordialidade.

NO RIO O SR. SCHAEAREN JUNIOR



Chegou a esta capital, procedente de Buenos Aires, o sr. Henri Schaeren Junior, delegado da Fábrica Mido, na Suíça. O sr. Schaeren, que se demorará alguns dias entre nós, está fazendo sua visita periódica aos mercados latino-americanos. Na foto acima vemos o sr. Schaeren, cercado de amigos, jornalistas e diretores de Japercia S/A, firma distribuidora dos relógios Mido Multifort para o Brasil, quando era recepcionado por ocasião do seu desembarque.

dirigiu-se rapidamente à Carolina e perguntou: "Você quer casar comigo?" Ela teve apenas o tempo suficiente para responder: "Quero!" e já o vigia implacável estava de volta. Machado de Assis, triunfante, comunicou-lhe então que desejava noivar oficialmente.

— Quer dizer, dona Alcina, que desta vez ele resolveu ser decidido, hein?

— É! Isto mesmo, Ignez. Todos nós temos na vida que mudar um pouco de hábitos, em certas ocasiões... E só mesmo quem conheceu de perto o tímido e irresoluto Machado de Assis, pode avaliar o quanto de esforço, de audácia, de verdadeiro heroísmo, lhe foram necessários para tomar uma resolução assim tão séria e definitiva. E, para provar, mais uma vez, que não estou aqui apenas obedecendo à cegueira de uma amizade que tanto me honra, vou falar noutra coisa incompreensível num homem culto como seu Machado: ele tinha o hábito de beijar crianças, isto é, não beijava, apenas. Gostava, também, de meter dentro da boca a mãozinha dos bebês. Isto, numa pessoa sã, já seria reprovável, quanto mais nele, doente, cheio de aftas, moléstia que por vezes se agravava dolorosamente, fazendo-o sofrer de maneira atroz! Coitado. Certamente acariciava com tanta ênfase os meninos alheios para se consolar de nunca ter tido filhos. Era um problema, quando ele chegava e havia crianças na sala. Era preciso termos sempre alguém de prontidão para retirar discretamente os garotos e levá-los a lavar as mãos. Nós, que estimávamos tanto aquele grande amigo, quase que sentíamos remorso em tomar estas providências, mas não podíamos sacrificar a saúde dos pequenos a um errôneo ponto de vista.

— Ele devia ser um homem muito interessante para se conversar, não era, dona Alcina?

— Ignez, arriscando-me a que me chamem de tola, vou lhe confessar uma triste verdade: eu achava as conversas de Machado de Assis cacetíssimas! Aquê

coete, que lhe era habitual, de agarrar bruscamente em minha mão e ficar apertando-a e desapertando-a indefinidamente, era uma coisa muito aborrecida. Além disso, a gagueira não o ajudava a ser um brilhante "causeur". Outra coisa que desejo assinalar nesta hora de reminiscências, é a minha convicção de que Machado de Assis não era observador. Os personagens dos seus romances devem ter sido filhos, apenas, de sua imaginação, porque na vida real ele não se apercebia nem de coisas corriqueiras, que a qualquer um é dado observar, quanto mais de complicados fenômenos psicológicos! Vou ilustrar minha afirmativa: quando eu era mocinha, fazia dos cabelos uma trança grossa que deixava cair sobre as costas. Pois bem: cada vez que passava perto de seu Machado ele me dava um puxão naquela trança! Ficava furiosa, não tanto pela dor que aquilo causava como pela desarrumação que fazia em meu penteado. Muitas vezes o laço de fita que me enfeitava a trança ficava nas mãos de Machado de Assis. E ele nunca se apercebeu de que aquilo me aborrecia a mais não poder. Tenho certeza disso porque, sendo um homem "raffiné", como era, não praticaria, conscientemente, coisa alguma que pudesse incomodar alguém. É verdade que eu disfarçava o aborrecimento, pelo respeito que lhe tinha, mas a um observador arguto aquilo não teria passado despercebido. Outra coisa que me zangava muito e ele fazia sempre, era vir pé ante pé olhar meus cadernos escolares, quando estava entredita fazendo os exercícios. Eu podia ir para o quarto, estudar sossegadamente, porém sempre tive a mania de escutar as conversas de meu pai com os amigos, sobre política e finanças, coisas de que eu não entendia nada, porém gostava muito, por isso ficava escrevendo na mesa da sala de jantar. E então lá vinha seu Machado, com pés de lã, ler por cima do meu ombro os exercícios errados... Então eu não aguentava mais. Perdendo final a paciência, fechava os cader-

AMOR

(Cont. da pág. 22)

mãe! Minha mamãezinha do coração!", cerrava meus lábios com força e dizia para meu revoltado amor próprio: — "Não! Aconteça o que acontecer, ela não há-de sofrer, não terá que envergonhar-se de mim!"

No entanto, como as tentações me assediavam! Você sabe como eu fui bonita. Talvez não resistisse somente por virtude, mas porque, no meu ódio por um homem, todos os homens se tivessem tornado indiferentes para mim.

Foi quando Henrique apareceu. Numa situação igual à minha. Sonhando um lar, um verdadeiro lar e, no momento em que o julgara construído, encontrando somente egoísmo, ausência de tudo aquilo por que sua alma ansiava.

Então... Mais escandalizada você vai ficar, minha irmã, quando eu lhe disser que "meu caso, meu vergonhoso caso", data de doze anos. Estou a ver seus olhos arregalados: — "Mas então é muito pior do que eu pensava!"

Podia mentir, mentir para justificar-me. Mas foi isso, exatamente isso, Lúcia, o que aconteceu.

Afinal, que me adianta estar contando isso a você, você, de mentalidade tão diferente da minha, burguesa até à raiz dos cabelos e comodamente instalada na vida, com um espôso que, se não lhe dá grandes sensações, também não lhe proporciona grandes aborrecimentos? Sei que minha confissão, minha honesta confissão, ainda vai exasperá-la mais contra mim.

Sei. Mas não podia deixar de revelar-lhe meu renascimento interior, minha alegria, desde que encontrei Henrique. Quando ele me dizia "eu te amo", esquecia tudo, era de novo a menina sonhadora e feliz que encontrara seu príncipe encantado. Remorsos, eu não sentia. Remorsos de que? De perceber de novo a carícia do sol, a beleza da vida, a vontade de cantar, de gritar aos quatro ventos: "Sou feliz, sou feliz!!" Dar e receber felicidade, felicidade no verdadeiro

sentido da palavra, não causará nunca remorsos a ninguém.

Respondo à sua outra pergunta: "Por que então, ao invés desse procedimento ilegal e escandaloso, agora, que é livre, não normaliza a situação, casando-se com ele?" Já lhe disse, Henrique é casado. E, embora a "outra" não mereça o mínimo de minha condescendência, não quero magoá-la, com uma resolução drástica de minha parte. Que o gesto seja seu, que a palavra de libertação, para nós três, surja de seus lábios. Sei que ela, no seu tremendo egoísmo, talvez não diga nunca essa palavra salvadora para nós. Mas espero e confio: Deus terá piedade de nós.

Vilma daqui a pouco se casará. É bonita, jovem, alegre. Qualquer dia desses encontrará seu companheiro, aquele que, de toda a minha alma desejo, lhe dará a ventura que eu não pude ter. Então... Talvez só então eu me resolva a uma atitude definitiva. Agora sei que ela precisa de mim a seu lado, que lhe faço falta, que significo muito na sua vida. Mulher feita, amada, conhecendo a história de sua mãe, (eu lhe contarei tudo, algum dia) talvez possa então compreender e não condene, quem, na vida, cometeu um único crime: revoltar-se contra sua solidão interior. (Você sabe o que é a gente sentir-se sozinha, amargurada, infeliz, embora rodeada pela multidão?).

Termino aqui minha carta, Lúcia. Não espero resposta. Sei que você nunca me responderá. Ou quem sabe um milagre iluminará seu coração? Quem sabe um oculto poder lhe revelará o que é uma pessoa desesperada estender a mão e encontrar o suave aconchego de outra mão, num contacto cheio de doce afinidade, o que a faz dizer para si própria, cheia de orgulho e ventura: "Esta é de fato a minha mão. Aquela que me guiará pelo longo caminho da existência, que me acariciará, quando o desânimo tomar conta de mim, que me mostrará a direção do sol, quando meu caminho se tornar tão escuro que meus passos se tornem incertos e temerosos..." Oxalá você um dia o possa compreender!

Regina".



HOJE NO ESPORTE Ilustrado

O FALSO PURITANISMO DOS "DONOS DO ESPORTE"

- ★ LEVY KLEIMAN denuncia a nociva parcialidade que impede o progresso esportivo do Brasil.
- ★ O Corinthians venceu como todos queriam — Reportagem de Thomaz Mazzoni da grande vitória do Corinthians sobre o Torino.
- ★ Corridas todos os domingos em Interlagos — Sensacional revelação de Aguiar em Derapando... seção que apresenta as indisciplinas do Automobilismo.
- ★ Os jogos da 3.ª rodada na "Berlinda", na pitoresca seção "A Dança dos Pontinhos", pelo Príncipe Lióvale!
- ★ Pelo Velho Mundo — Uma síntese dos principais acontecimentos esportivos na Europa, por Alvaro Silva, diretamente de Lisboa.
- ★ Reportagens de Volei, Tenis, Ciclismo, Tenis de Mesa, Tiro, Automobilismo, e Turfe.
- ★ O 2.º Campeonato Brasileiro Juvenil de Basket — uma completa reportagem de Saldanha Marinho, ilustrada com inúmeros flagrantes fotográficos de José Santos.
- ★ Torino x Portuguesa de Desportos — Reportagem de Olympicus do 3.º jogo do campeão italiano em S. Paulo.

Na capa a cores, Ypojuca, do Vasco, e Juvenal, do Botafogo.

Redação: Rua Maranguape, 15 — RIO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

A RESPONSÁVEL por petiscos saborosos e saudáveis /

• Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com "Maizena Duryea" — alimento ideal para todas as idades.

AMIDO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o nome MAIZENA em cada pacote

Os Magos da Culinária

À "MAIZENA DURYEA" 51- 3 7
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

nos bruscamente, de maneira muito pouco educada... Ele não compreendeu nunca, tenho certeza, de quanto aquilo me enfiava. Com o correr dos anos aprendi a gostar de Machado de Assis pela imensa bondade do seu coração, mas em minha adolescência não podia julgá-lo por esse prisma. Quando estava ameaçado dos ataques, então, confesso que o evitava. Ficava sorumbático, olhando um ponto fixo, encontrando dificuldade em seguir a conversa geral, coisa que nos deixava a todos contrafeitos. A esposa o levava a passear nessas ocasiões, certamente para distraí-lo da preocupação da doença. Em todos os momentos dona Carolina demonstrava aquele carinho extremado pelo marido. Trazia sempre uma cortiça debaixo do travesseiro, para introduzir entre os dentes de seu Machado, a fim de evitar que ele cortasse a língua, quando era acometido dos acessos durante a noite. E nós também tivemos muita paciência com os achaques daquele grande amigo, principalmente minha irmã Fany e o seu marido, Armando de Araújo, que o acompanharam depois da morte de dona Carolina, durante quatro anos, até o seu falecimento. Nesse dia Graça Aranha resolveu que seriam as senhoras e senhoritas das relações de Machado de Assis que levariam o caixão até o carro que o conduziria à Academia de Letras, ali no Silogeu. Tive a grande honra de ser uma das escolhidas para aquela última homenagem, segurando numa das alças da urna fúnebre.

— E dos hábitos literários do romancista, o que me diz a senhora?

— Não trabalhava à noite. Logo depois do jantar saía sempre em companhia de dona Carolina, para um pequeno passeio a pé. Na volta ficavam em nossa casa, conversando até dez e meia, quando se recolhiam. Contava a esposa que ele se levantava bem cedinho e escrevia até à hora da repartição. Diariamente lia, no mínimo, uma página de Almeida Garrett, "para se manter em forma com a língua". Fazia daquilo uma obrigação, uma espécie de ginástica mental.

Baseada noutras informações de dona Alcina vou agora traçar em linhas rápidas a biografia de Zero e Graziela. Sabem de quem se trata? De personagens muito importantes, os dois cãezinhos de estimação do casal Machado de Assis — Carolina. Graziela, como se compreendesse as intrincadas complicações do coração humano, sempre teve o cuidado de querer bem igualmente ao seu dono e à sua dona. Nos dias de semana, quando "seu Machado" saía para a repartição, ela permanecia deitada aos pés de Carolina, dormitando num canto da sala de jantar. Nos domingos e feriados, logo que os esposos se separavam, ficando a dona da casa no andar térreo, cuidando dos afazeres domésticos, e o romancista subia ao primeiro andar, onde escrevia a tarde inteira, no seu gabinete de trabalho, a cachorrinha ficava pra lá e pra cá, subindo e descendo a escada e dizendo certamente com os seus botões: "Entre lex deux mon coeur balance"! Coladinha. Não queria despertar ciúmes nos seus senhores. Tinha medo de melindrar um ou outro. Quando já não aguen-

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o
Representante exclusivo
A. BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómea nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

CABELLOS BRANCOS

CASPA Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

UMA NOVA SALA

Por Cr.\$ 98,50
No RIO e em SÃO PAULO



COM
KEM-TONE

- qualquer um pode usá-lo!

TRANSFORME a sua sala num aposento novo, por apenas Cr.\$ 98,50. É tão fácil... você mesmo pode pintar com KEM-TONE as paredes internas de sua casa. KEM-TONE é fabricado em lindas cores e seca em apenas uma hora. Cobre até papel de parede com uma só demão, podendo ser aplicado em qualquer superfície — ... e não deixa cheiro de tinta!

Um galão de KEM-TONE, diluído com água, dá um galão e meio — o bastante para pintar um quarto ou sala de tamanho médio... e custa apenas Cr\$ 98,50!

ONDE SE VENDE
TINTAS
HÁ SEMPRE

KEM-TONE

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
BRASIL S.A.

Rio de Janeiro: Rua André Cavalcante, 23 - 4.º and. - Tel.: 32-2077
S. Paulo: Rua Barão de Itapetininga, 124 - 4.º - Tel.: 4-6681 e 6-1229

56.523

tava mais, de tão cansada, resolvia então ficar deitada exatamente no meio da escada, onde esta fazia uma curva e tinha um pequeno patamar. Prova de que a justiça do rei Salomão também pode ser canina. Graziela morreu de velha, no aconchego do lar de Machado de Assis. E o seu desaparecimento causou tanto pesar à Carolina, que ela, num requinte de sentimentalismo bem característico de sua natureza, cortou uma porção de pêlo da cadelinha para guardar como lembrança; mandou colocar a relíquia numa moldura e conservou-a pendurada na parede do seu quarto de dormir, para o resto da vida.

Zero velu muito tempo depois e não se revelou tão brilhante nem tão sutil quanto Graziela. Aliás, basta saber-se que era um bicho homem para se compreender que não podia mesmo ser muito inteligente... (Que Deus me perdoe!). Era pequeno e nervoso. Mais parecia um brinquedo ao qual se pudesse fazer caminhar, dando corda. Apesar de naquele tempo haver carne e leite pra cachorro, Zero mostrava-se sóbrio, certamente porque o seu organismo de "bibelot" não exigia muito combustível. E sabem onde Machado de Assis carregava Zero, em seus passeios pela vizinhança? No bolso! O semvergonhinha do cachorro era tão danado de pequeno que cabia sobrando, dentro dos bolsos largos dos paletós antigos. E um dos motivos que "seu Machado" possuía então, para atrair crianças, talvez não estivesse nele mesmo e sim em Zero, o tipo acabado de bicho boa-vida!

Minha amiga não consentiu que eu penetrasse em seu apartamento com todas as características de um reporter. Não consentiu, por exemplo, que a fotografasse. Opôs-se terminantemente.

— Não, Ignez, tenha paciência. Veja esse retrato de minha mocidade... Faz muitos anos que jurei a mim mesma nunca mais tirar fotografia!

Em todo caso, chegando ao fim desta reportagem sem ter conseguido um instantâneo atual de minha amiga, ainda não perdi de todo a esperança.

Ela é uma preciosa fonte de informações sobre coisas do fim do século, pois além de um notável poder de observação, possui memória prodigiosa.

Passo pois a palavra a um repórter de verdade, para que ele consiga facilmente o que uma "foca" desajetada como eu não conseguiria nunca: uma entrevista completa com a senhora Alcina Martins Ribeiro, trazendo mais novidades, informações e flagrantes atuais da vida profissional de minha amiga. Professora do ensino técnico da Prefeitura do Distrito Federal, fazendo parte do corpo docente da Escola Rivadavia Corrêa, ela ainda trabalha diligentemente, em vésperas de aposentadoria compulsória. Somente a lei será capaz de obrigá-la a abandonar a liça, pois, segundo afirma, continuaria indefinidamente, pelo seu gosto, a colaborar na formação profissional da juventude de sua terra.

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da pág. 37)
aliás, para a sua imprudência. Se você gosta de conversar, se tem facilidade

de se aproximar dos outros, procure sempre tratar de assuntos de interesse geral. Leia os jornais, leia bons livros, adquira uma cultura geral, converse, discuta sobre qualquer assunto, evitando, de todas as formas, que a conversa recaia sobre casos íntimos e pessoais. Será muito mais fácil fazer amigos conversando sobre coisas de interesse mútuo do que fazendo confidências que só conseguem chocar e afastar aqueles a quem se procure aproximar.

Kitty

Televisão

(Cont. da pág. 17)

quinas trabalhando em uma área pequena, dá melhor resultado em televisão do que visto de um lugar no estádio. Basebal, com nove homens espalhados sobre um largo campo, demonstrou ser apenas satisfatório.

Nos estúdios, as representações dramáticas são os programas que mais atraem. São também o mais difícil de produzir-se. O que mais sucesso faz é aquele que possui simplicidade de narração e concepção. Peças com este mérito, são muitas vezes excitantes. Quando a televisão sucumbe à tentação de tentar duplicar o largo espaço do palco, o efeito geralmente é desconcertante.

O programa de música unicamente, é um assunto um tanto duvidoso para a televisão. Se uma visão completa de Arturo Toscanini dirigindo a «Cavalgada das Valquírias» provou ser uma rara experiência emocional, as maneiras esquisitas do maestro de rotina apenas distraem.

Espectáculos de variedades em televisão tendem a ser desiguais. Pouca comédia autêntica se pode obter, embora existam canto e dança em considerável profusão. Artistas de «nome» são relativamente raros, salvo em caso de um aparecimento ocasional como convidado...

Um pedaço do Japão encravado

(Cont. da pág. 15)

nheiro, porque os naturais não se importam e não aproveitam. Falava-se também que na América terra boa havia Brasil e, no Brasil, São Paulo.

Os japoneses adaptam-se facilmente e têm hábitos um tudo-nada de caboclo, também de raça velha, meditativa. Gostam de conversar de cócoras, com grandes intervalos de um silêncio cheio, como de caboclos. E já que estamos no assunto, esta vai com endereço a quem se orgulha de possuir sangue índio e não quer nada com os amarelos. Não existe nada mais parecido com um japonês velho do que um bugre velho ou um caboclo de cara encarquilhada. E essas japonesinhas de feição triste, que vendem flores pelas ruas, com um vestidinho de algodão, de cor viva, e o cabelo alisado para trás e feito em cóque, poder-se-iam chamar Maria Rosa ou Anamaria, que com brasileiras matutas se parecem.

Não sei ainda o que resultará da diminuição dos japoneses agricultores, pois

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Brasil. Pelo que se tem visto, parece que será um sucesso. Nada há a dizer contra eles, evidentemente, uma vez que a medida a ser considerada seja a do ângulo do seu encontro com a terra.

AS OUTRAS JAPONESICAS

É certo que os japoneses não se confinam na lavoura. São hábeis em certas coisas, meia dúzia delas, e escolhem na cidade, de preferência as profissões de chofêr, tintureiro, ambulante e fotógrafo. Adoram mexer com máquinas fotográficas esses pequenos nipões de olhos fechados. E que sabem fazê-lo, prova o grande número de excelentes fotografos japoneses da capital: — Kojima, Sugayama, Kodama.

Gostam de comerciar também. Aparecem como ambulantes ou estabelecem-se por conta própria. Em geral preferem as casas de ótica, ou aqueles estabelecimentos de feição característica, onde há uma profusão de pequenos e coloridos objetos, flores, bandejas de laca e xarico.

pratos com desenhos de dragões, porcelana delicada e transparente, um milhão de milhares de coisas lindas para ver.

Como se dá com os povos que emigram, a primeira geração, a que veio aventurar-se em terra estranha, limita-se a trabalhar sem descanso. A segunda ou a terceira, tem facilidades, frequenta bons colégios, e vai uma boa porcentagem dela para a Universidade. Encontramos os japoneses em geral na Faculdade de Odontologia, mas não na de Farmácia que lhe é anexa. São raros os médicos e raríssimos os advogados. Não há um só filho de japonês na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, quer na seção de Filosofia, propriamente dita, quer na de Letras. Vê-se que são pouco inclinados à abstração e às matérias puramente especulativas. Entretanto é fácil encontrá-los na Politécnica e no Mackenzie, nos cursos Técnico-Industriais, e nos de Engenharia, nos seus diversos ramos fascinantes, o que indica, de maneira muito expressiva, a tendência do espírito nipão.

PELOS ESTÚDIOS DE HOLLYWOOD

Veronica Lake, fez uso, pela primeira vez, do seu avião particular, indo em companhia de uma amiga íntima de Hollywood a Nova York, onde foi adquirir o enxoval para o seu próximo bebê, que é aguardado para outubro. A "loura aerodinâmica" permanecerá em Nova York apenas dez dias, regressando à Capital do Cinema ainda em tempo de assistir a premiere de seu mais recente filme "As Duas Santinhas" (The Sainted Sisters), o que fará em companhia do seu esposo, o diretor cinematográfico André de Toth.

Após uma estada de duas semanas no Peru, onde foi especialmente convidado para a inauguração do cinema Tacna-Paramount, Ray Milland voltou aos estúdios da Paramount, ali assistindo à última do seu mais recente desempenho para a tela, "O Relógio Verde".

Paulette Goddard desenhou, especialmente, para seu uso em "Escrava do Pano Verde", duas elegantíssimas blusas brancas que causaram tanta sensação, a ponto de um dos principais comerciantes da California solicitar a essa "estrela" permissão, para fabricá-las em massa e vendê-las nas suas lojas.

O casal Charles Laughton-Elza Lanchester, que aparece junto em "O Relógio Verde", possui, sob o ponto de vista de decorações interiores, uma das mais ricas residências da California, sendo de destacar sua rara e valiosa coleção de cerâmicas antigas.

Após três anos de inatividade, o diretor Cecil B. De Mille produziu o tecnicolor "Os Inconquistáveis", e anda agora às vol-

tas procurando intérpretes para sua próxima produção, "Sansão e Dalila".

Katherine De Mille, filha do produtor-diretor B. De Mille e esposa do ator Anthony Quinn, desempenha o papel de índia pele-vermelha em "Os Inconquistáveis".

Betty Hutton, a revolucionária "estrela" de "Nem Tudo é Ilusão", possui escritório particular, com nome à porta, na "Briskin Camera Corporation", fábrica de propriedade do seu marido, o industrial Ted Briskin. Betty foi eleita há pouco tempo vice-presidente da Companhia... O tema predileto de Phillis Calvert, "estrela" inglesa que atualmente filma "Meu Verdadeiro Amor", são as rosas... Diga-se de passagem que ela é técnica no assunto, tendo recebido já vários prêmios pelos exemplares raros que cultiva em seu jardim, na velha Albion... Rhonda Fleming, "estrela" de "A Ilha da Maldição" e "co-star" de Bing Crosby em "A Connecticut Yankee in King Arthur's Court", todos os domingos canta na Igreja do seu bairro e ensina catecismo às crianças...

No "set" de filmagem de "A Escrava do Pano Verde", Paulette Goddard esteve recordando sua pouco auspiciosa estréia no cinema; foi em "Rio Rita", aparecendo ela sentada numa mela-lua, limitando-se a mostrar sua plástica. Um dos eletricitistas do estúdio, que ouvira a reminiscência, achou que ela fez muita coisa... E por falar em Paulette, acaba de construir um apartamento de cinco quartos e três salas, localizado numa das mais altas colinas de Hollywood, sendo o autor da planta o diretor Mitchell Leisen...

Wanda Hendrix, cuja certidão de idade declara possuir 19 anos, possui a faculdade de aparentar, sem qualquer recurso de make up, de 12 a 30 anos; por este motivo é que foi ela escolhida para ser esposa de Claude Rains em "Agora e sempre" (New and Forever), a filha de Melvyn Douglas em "Meu Verdadeiro Amor"...

Gail Russell, a doce morena de "A Noite tem Mil Olhos", é uma das poucas estrelas de Hollywood que não necessitam de fazer regime para conservar o peso; há três anos que ela verifica, ao subir numa balança, que o ponteiro não marca mais nem menos de 49 quilos; e por isso ela se alimenta muitíssimo bem...

O "court" de tennis da residência particular de Bing Crosby, em Beverly Hills, será visto no filme "A Valsa do Imperador"; pois o famoso crooner emprestou-o à Paramount para a filmagem de uma cena que nos mostra Joan Fontaine praticando esse esporte, no ano de 1901...

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura-difano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

no lar onde existe uma
apólice de seguro, não há
preocupações quanto ao fu-
turo. Ela constitui um cer-
tificado de tranquilidade.

O RIO VISTO POR UMA PROVINCIANA

(Cont. da pág. 10)

com gritos. Todo mundo se reunira para sonhar.

Aos poucos, porém, tudo se foi modificando. A música repousou no silêncio. Os pares se afastaram e sumiram como sombras que voltassem aos seus lugares, ao longo das paredes.

Já não eram rendas macias as espumas que rolavam na praia. Eram braços suplicantes, retorcidos. Bôcas famintas, rugindo. Gritos do grande revoltado — o mar.

Do ambiente de festa foi tudo sumindo; só ficou a luta, eterna, imensa e vã, mas sempre luta, do gigante escuro acorrentado à alvura da areia.

Tudo mudou naquele momento. Ou quem sofreu a modificação fui eu, perante o mar?

Um farol piscava: uma lágrima de sangue, duas de luz.

Ao longe afastava-se um navio, estranha "terra caída" coberta de vagalumes.

★

O FIM — Quanta coisa quisera contar dêsses dias no Rio de Janeiro! Quanto passeio lindo! Atravessando nuvens para ver de perto a imponência do Cristo; suspensa no ar para, do Pão de Açúcar, admirar a cidade sob um novo aspecto; caindo de surpresa em surpresa, chegando às portas de um castelo fantástico das Mil e Uma Noites: Quitandinha.

Foi mesmo assim minha estada na Capital da República: surpresa e mais surpresa, sem que eu tivesse tempo de me refazer da anterior. E assim sendo, não é justo que eu leve do Rio a mais bela das impressões? A im-

pressão de que andei perdida num reino de fadas, modernizado?

Sei que muita gente vai dizer que não fui às favelas, que não vi essas e aquelas misérias, nem os problemas angustiosos do povo carioca. E se disserem estarão errados, porque vi tudo! Mas para que falar? Não vim para servir de palmatória ao Rio de Janeiro. Prefiro dizer como aquele carreteiro, meu velho conhecido: — "Pra que se amofinar com coisas que tão cedo não têm conserto? E depois, se quisessem mesmo consertar, isso era outra cantiga!"

TIA VIDINHA

(Cont. da pág. 21)

No dia seguinte bem cedo já havia um carro para nos levar dali, como se fôssemos os piores males do mundo. Rumamos para o hospital e ninguém de casa veio para despedir-se. O cheiro de jasmim vinha outra vez do outro lado da rua, da casa que outrora fora nossa casa. Tapei o nariz com o lenço e o carro deslizou pela rua movimentada. No hospital começaram as pesquisas. Exames, mais exames. No dia seguinte o diagnóstico. Vilma tinha impaludismo. Isso queria dizer que eu não era tão infeliz. Chorei tanto e beijei o rosto do médico. Beijei Ana, beijei Vilma, como se a vida me chegara outra vez depois de ter morrido. Quando o meu pensamento voltou de novo normal e sereno, eu senti que tia Vidinha tinha ficado em minha vida, uma espécie de cheiro de jasmim.

PAUL MUNI

(Cont. da pág. 33)

— Pode dizer-me, agora, o que pensa sobre o cinema europeu?

— O cinema britânico deu um passo gigantesco na estrada do futuro. Os bons filmes produzidos na Inglaterra são maravilhosos. Sua técnica é perfeita, resta os

seus assuntos. É verdade que os ingleses também negligenciam, pois também produzem filmes sem valor. Vem, depois, o cinema italiano. Ótimo. Tem muito futuro e já se impõe no presente. Quanto ao cinema francês, resta-me dizer apenas que ele está reagindo, tentando produzir bons filmes.

Falamos, depois, sobre diversos outros assuntos. Paul Muni se mostra pessimista quanto à situação atual reinante no mundo do pós-guerra. Acha que a humanidade é má e rememora uma frase de Jack London, segundo a qual "a terra é toda brutalidades". Deixo-o falar, enquanto observo todos os seus movimentos. Esse homem viveu várias vidas, umas de gangsters, outras dos maiores homens que apareceram sobre a terra. Fala como teria falado esse espírito torturado que foi Zola, o defensor de uma das grandes causas da história, revivendo a figura de Pasteur, outro titã que dedicou toda a sua vida à ciência, com o escopo de eliminar os males que flagelam a vida humana, olha com olhar cinico do chefe dos gangsters no momento em que elimina a vítima ou o traidor do bando. Vinte e sete anos dedicados à arte de representar e reviver no écran os grandes dramas do passado, cinquenta e três anos de uma existência tão útil que acha inútil o esforço da humanidade na sua luta por um mundo melhor, porque "os homens são sujos, maus, falsos e perversos". No entanto, procura salvar o que ainda resta da verdadeira arte, dessa arte que está sendo menosprezada no país dos dólares mas que continua sendo respeitada no continente da moeda sem valor, de miséria e sofrimento.

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

-- Sala 217 -- Fone: 6-6718

Pelas estradas do Céu

(Cont. da pág. 47)

Segundo a agência telegráfica INS, a União Soviética produz 12 vezes mais aviões que os Estados Unidos, especialmente no que diz respeito aos aviões de bombardeio pesados do tipo das Super-Fortalezas Voadoras B-29. Os russos, ainda de acordo com informação daquela agência, estão também produzindo aviões movidos a jato e motores a jato. Alguns dos principais tipos de aviões soviéticos são o "Yak", mono-motor, idêntico ao "Spitfire" inglês; o mono-motor a jato, de caça, idêntico ao "Vampire" inglês; um bi-motor de caça, inspirado no "Messerschmidt" alemão; o "Tupolev", bi-motor de bombardeio médio, e o "Ilyushin", quadri-motor de bombardeio, mais ou menos semelhante ao avião de bombardeio americano movido a jato.

★

Trágico desastre ocorreu em São Paulo, a 15 do corrente, com um avião da FAB que se precipitou ao solo, perecendo entre as chamas toda a sua tripulação, composta de nove pessoas. O aparelho sinistrado pertencia à Base da Quarta Zona Aérea e realizava um voo de treinamento, tendo decolado sob o comando do 1.º tenente Valter Quirino. O desastre verificou-se logo após a decolagem, sendo motivado pelo desarranjo de um dos motores.

★

O ministro da Aeronáutica, tenente brigadeiro Armando Trompowsky, autorizou o funcionamento jurídico da empresa de transporte aéreo Imperial Transporte Aéreo Limitada, que deverá, em tempo oportuno, requerer permissão, dentro das normas do Código Brasileiro do Ar e do decreto-lei n. 9.793, de 1946, para efetuar operações de tráfego.

Chegou recentemente na Argentina uma missão aeronáutica britânica, composta dos aviadores John Grey, chefe da missão, Leslie Birchall, Henry Sims, William Smith, Reginald Bedell, Douglas Russell, Cornelius Kekely e Ian Butler. Esses ases da RAF permanecerão naquele país cerca de dois anos, afim de preparar os pilotos portenhos no manejo dos aviões de propulsão a jato adquiridos pela Argentina na Grã-Bretanha.

★

Um ladrão, após arrombar um avião "teco-teco" no Aeroporto Santos Dumont, retirou do mesmo um aparelho de rádio de transmissão e recepção. O avião era de propriedade de uma empresa cinematográfica e estava pousado no aeroporto do lado da estação da "Panair". O fato foi comunicado à polícia pelo capitão Holanda, da Aeronáutica, que era o oficial de dia na ocasião do roubo.

★

Um avião transportando quatorze funcionários americanos e mexicanos a bordo perdeu-se recentemente a sudeste do México. O avião estava sendo usado pela comissão conjunta americano-mexicana que combate a febre aftosa e os seus ocupantes eram membros da comissão. O aparelho conduzia também equipamentos para o combate àquela epizootia e partira de Minatitlán, no Sul do Estado de Veracruz, para a cidade de Veracruz, mas não chegou ao destino.

★

O presidente da República sancionou o decreto do Congresso Nacional que dispõe sobre a antiguidade de promoção de oficiais da Força Aérea Brasileira.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

NINGUEM ESCAPA

Tradução de **JORGE A. FORTES**,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas



Rix beijou-a no alto da cabeça. Eles não viram Tony...



— Entre!



— Não estou chorando.

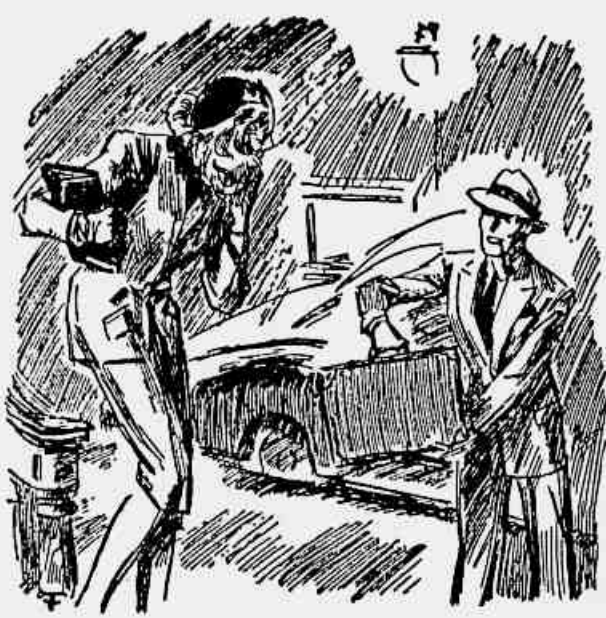
Os médicos declararam que Peg ficaria restabelecida da excessiva dose de soporífero que tomara e que a criança nada sofreria. Enquanto Tony procurava fazer o caso passar por "acidental", Linda e Rix voltaram de taxi para o apartamento. Rix ficou cochilando enquanto ela preparava o jantar. Pouco depois comiam, quando Rix quis saber a razão da fúria de Tony pela presença de Linda no apartamento. Tive essa resposta: — Creio que a nossa amiga Nelda Heron meteu-lhe na cabeça que se Peg cometesse alguma tolice com certeza seria por minha causa. Linda... a destruidora de lares! — Rix afirmou que contaria a verdade a Tony. — Não faça isso! Não vai adiantar nada — pediu Linda.

Pouco depois estava pronta para sair. Rix enlaçou-a com um braço e — a porta ainda entreaberta — beijou-a na testa. — Você é um anjo — agradeceu. Nenhum dos dois ouvira a chegada de Tony, que estava à porta. — Desculpem-me interrompê-los — disse ele. — Já ajeitei tudo, Anderson. Não haverá publicidade. — Linda não quis ouvir mais nada. Passou pelos dois, desceu a escada e tirou sua mala do carro de Rix. Esperava um taxi quando Tony desceu, pegando-a pelo braço e a levando para o próprio carro. — Entre — ordenou asperamente. Ela reuniu suas últimas forças para entrar no carro, onde ficou sentada, quase inerte. Tony guiou em silêncio um

quartelão; depois disse, sem necessidade: — Vou levá-la para casa. — Linda, levando um lenço ao nariz, respondeu: — E' claro. — Ele então instou, sem simpatia: — Vamos, pode chorar à vontade. — Linda disse que não estava chorando e que se o fizesse não seria da conta dele. Mas Tony perseverou: — Talvez desta vez você aprenda a não bancar a tola. Você não gosta mais dele, Linda! Pensa apenas que gosta... pelo hábito. — Ela então quis saber como é que ele tinha tanta certeza. — E' simples... Você não pode mais gostar dele. Você não é dessas. Está apenas cismada...



— Tony, cuidado!



Ele veio com a mala.



— Não precisa me dizer, Linda. Mas eu gostaria de ajudá-la.

Linda não tinha mais forças para discutir, depois de um dia tão estafante. Mas a observação de Tony sobre o seu "renovado interesse" em Rix era de mais. — Quero apenas que você compreenda de uma vez... Não estou apaixonada por Rix. Nem por Tom Yorke, tampouco. Tom pediu-me que casasse com ele... Tony, cuidado! — Ele torceu o volante, bem a tempo de se desviar de um taxi. — Tom não é homem de casamentos! — explicou. — Mas de qualquer maneira estou desapontado com você, nesse caso de Rix. Não que não compreenda o seu desejo de se vingar de Peg... natural... mas você me envergonhou, Linda! Quando penso naquela pobre criatura...

— Ela o interrompeu: — Já passamos a pensão. Pare, pelo amor de Deus. Olhe, pense nela... faça o que quiser. Mas esqueça de mim. Boa noite. — Linda subiu correndo a escadinha, mas sua fuga foi frustrada por ter se esquecido da mala no carro. Tony saltou e veio entregá-la, na escadinha, e afinal Linda pôde escapar. Tony voltou para o carro, amoladíssimo. Além daquilo tudo, ainda tivera uma discussão com Nelda, que ficara muito zangada com a sua saída atrás de Linda. Tony pensou: "Acho que vou me alistar na marinha". Linda estava no quarto. Mas quando passara pelo salão Cynthia achara qualquer coisa nela. Por isso subiu e

foi encontrá-la na cama. — Há qualquer coisa com você — disse Cynthia. — Não é obrigada a me dizer, lógico; mas eu gostaria de ajudá-la. — Linda se ergueu da cama. — Olhe, Cynthia, não tenho um só amigo no mundo. Isto é, aqui. Em Benfield, talvez... mas não estou lá — e caiu no choro. Cynthia deixou-a chorar. Depois falou: — Você está enganada, quando diz que não tem amigos. Ninguém pode escapar dos amigos, como ninguém pode escapar de outras coisas importantes... como nascer, amar e morrer... se amofinar, pagar impostos, divertir-se...



Linda pensava em Tony...



— Desapareça e fique por lá!



Sobre a porta estrondou o pesado livro de Direito.

O dia seguinte, Linda passou na cama e só na terceira-feira, com relutância, voltou ao escritório. Na mesa do chefe, uma pirâmide de cartas fechadas olhou-a com reprovação. Começou a abri-las pensando em que se Tony Denison entrasse na sala cairia morta ou se atiraria pela janela. O dia passou. Ela pensava em Tony e esperava que ele aparecesse... Já se aprontava para sair quando ele entrou. — Que houve ontem com você, Linda? — Seus olhos tremularam. — Linda pensou: "Estou é apaixonada por esse camarada, para bem ou para mal, e não quero ser para mal antes de para bem". Olhou-o e aderiu sua expressão de que via inimigos contínuos. Respondendo rapidamente: — Não passei bem. Pensei

que soubesse. Estava exausta. Cynthia me disse que você telefonou. — Ele então perguntou: — Que negócio foi aquele de bater com a porta na minha cara, ontem? — Ela respondeu: — Não bati. Mas, seja como for, você não esperava um beijo, esperava? — E quase gritando: — Olhe, desapareça e fique por lá. Você me aborrece. Não posso mais suportá-lo. Você é muito desconfiado, mesquinho... — Muito bem — disse Tony; e a olhou como se examinasse um inseto ao microscópio. — Se é isso o que você deseja... — E a porta bateu com violência às suas costas. Também um livro, um caríssimo livro de Direito, estrondou contra a porta mas já com atraso de alguns

segundos. Linda se sentiu melhor. Apanhou o livro, recolocou-o no lugar e tratou de enxugar os olhos, assoar o nariz, aplicar um pouco de pó de arroz e seguir para casa.

"Isso", pensava no caminho, "devolvê-lo-á ao devido lugar". Era verdade que seria obrigada a vê-lo no escritório. Mas como a um estranho. E só até que arranjasse outro emprego. Enquanto isso... pararia com os homens! Tom Yorke que implorasse até ficar com laringite! Não mais teria tempo para as atenções ou intenções masculinas. De agora em diante as coisas seriam diferentes. Nada de sentimentalismos. Nada de coisa nenhuma...



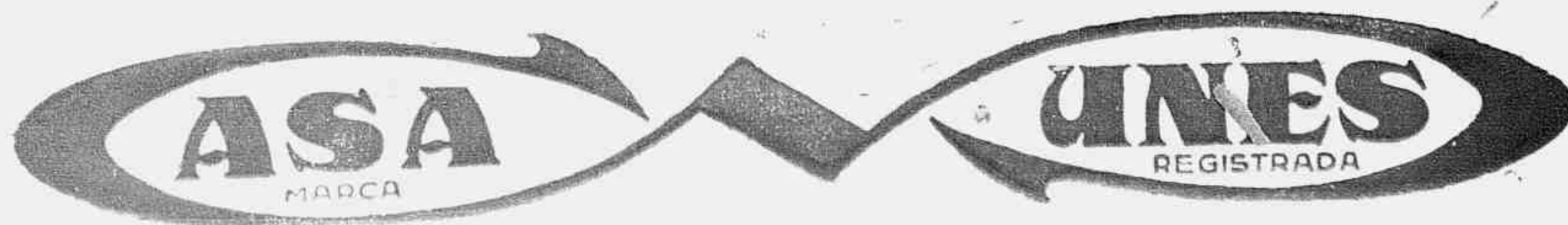
**DORMITÓRIO COLONIAL
AMERICANO**

Móveis esculpturados, rigorosamente no
estilo tradicional, em madeira encerrada,
de cor escura. As paredes, floridas,
em tom claro, fazem um contraste
agradável com as cortinas e a forração
do piso, executada em passadeira azul

Mobiliários e Decorações

TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

NACIONAIS, FRANCESES, INGLÊSES, AMERICANOS, PORTUGUESES, IN-
DIANOS, PERSAS, (LEGÍTIMOS), ETC.



Fundada em 1912 — 65, RUA DA CARIOCA, 67 — Rio



CIGARROS
Belmont

CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*

